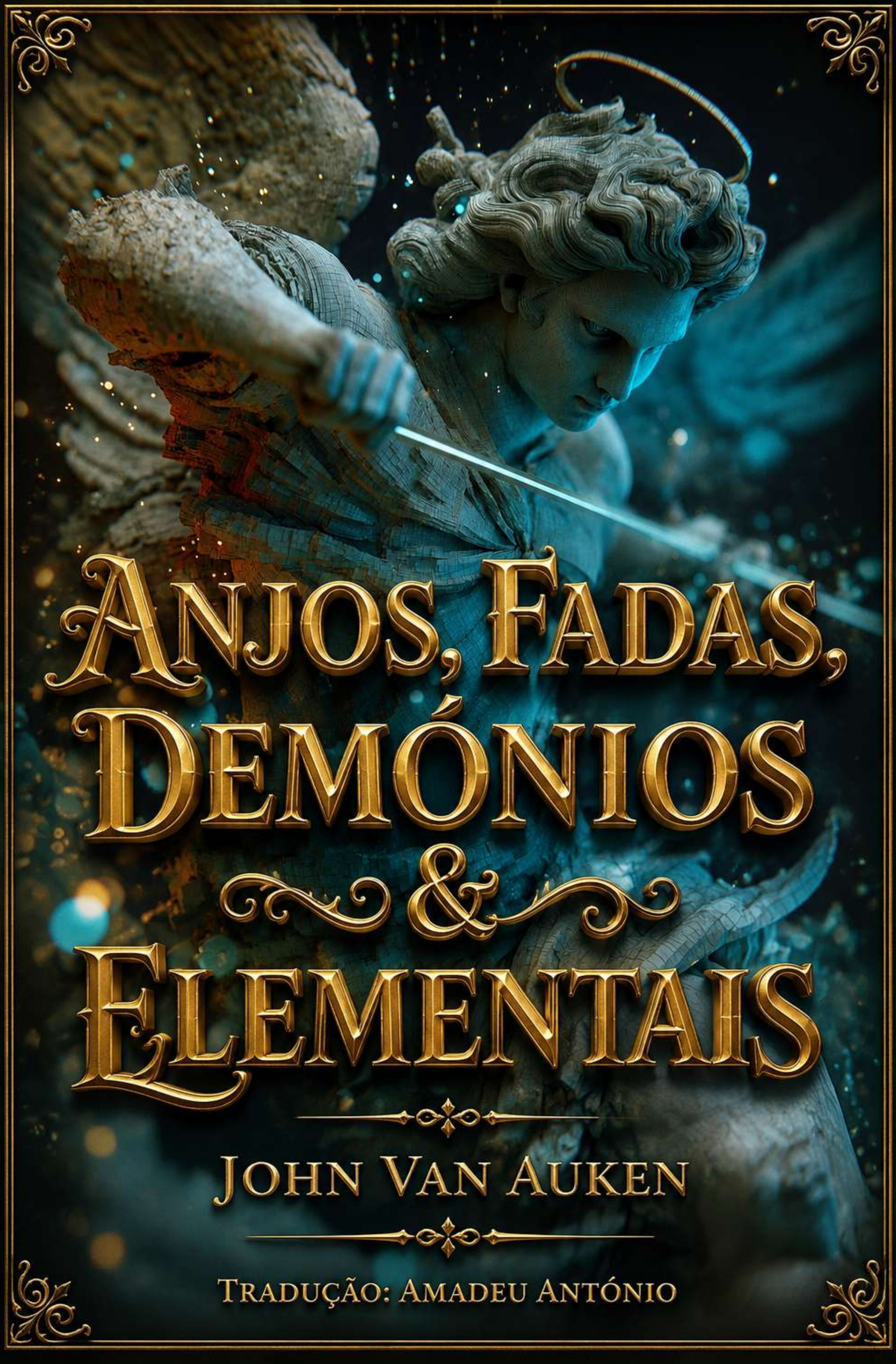

# Anjos, Fadas, Demónios & Elementais

John Van Auken

Tradução: Amadeu António

# ANJOS, FADAS, DEMÓNIOS & ELEMENTAIS

Com uma Perspetiva de Edgar Cayce

sobre o Mundo Sobrenatural

JOHN VAN AUKEN 2015

## Índice

Sobre Edgar Cayce
1 Não te Busques Fora de Ti Próprio
2 Os Anjos e os Céus
3 Encontros com Anjos
4 Fadas, Duendes, Elfos e Muito Mais
5 "A Comunidade Secreta" do Reverendo Kirk
6 Excertos de "Contos de Fadas" de J.R.R. Tolkien
7 Encontros com o Povo Pequeno
8 Demónios, Anjos Caídos e as Forças das Trevas
9 Os Elementais
10 A Segunda Visão e o Sexto Sentido

## 1 Não te Busques Fora de Ti Próprio

Temos uma inclinação natural para procurar o mundo sobrenatural fora de nós próprios. Não está aqui fora. Bem, está, mas não é visível. E é importante reconhecer que aqueles que "veem" o sobrenatural não possuem nas suas vistas elementos adicionais que a ti e a mim faltem. Os nossos olhos físicos são virtualmente iguais aos deles. Todos vemos através do funcionamento de dois tipos de fotorreceptores na retina: os bastonetes e os cones. Temos cerca de 120 milhões de bastonetes sensibilíssimos e entre 6 a 7 milhões de cones sensíveis à cor. Qualquer ser humano saudável possui esta disposição. Por norma, apenas vemos coisas que se situam num intervalo muito estreito do espetro eletromagnético (o espetro EM). Este intervalo compreende menos de cinco por cento de todo o espetro EM. Quando frequências de energia dentro do espetro da "luz visível" incidem na nossa retina, criam-se impulsos eletroquímicos que são transmitidos à área do nosso cérebro responsável pela visão. É criado

um padrão no córtex visual por esses impulsos eletroquímicos que imita o padrão de luz visível que incide na retina.

A energia fora deste intervalo estreito não produz qualquer resposta da parte dos bastonetes e cones da retina. Normalmente, vemos comprimentos de onda que vão do vermelho ao violeta. Contudo, algumas criaturas veem frequências nos limites externos do nosso espetro de luz visível, nomeadamente o infravermelho e o ultravioleta. Por exemplo, os mochos, os gaviões e as águias percecionam frequências infravermelhas — isto é, conseguem percecionar as ondas de energia criadas pelo calor. As abelhas, as renas, os salmões-vermelhos e muitas aves percecionam frequências ultravioletas. Curiosamente, considera-se que as borboletas, que são frequentemente associadas às fadas e ao reino das fadas, possuem o alcance visual mais amplo de qualquer criatura!

Aquelas pessoas que veem o sobrenatural ou que, com maior probabilidade, o viam quando eram muito jovens, usavam os mesmos olhos que tu e eu temos; a única diferença é — ou era — a sua consciência. Uma mente que se encontra completamente estruturada apenas em torno do universo da matéria só vê matéria. Uma mente que esteja aberta a ver, ou provavelmente com maior exatidão, a percecionar a energia em toda a matéria e partículas, irá com probabilidade percecioná-las. Sem entrar demasiado pela teoria quântica de campos, é útil compreender como os "campos" e a matéria interagem e coexistem. Cada partícula existe num campo relacionado com essa partícula, e as partículas não podem existir sem um campo, contudo os campos podem existir sem uma partícula (como o campo de Higgs). E é aqui que os mundos visível e invisível coexistem — e onde entidades sobrenaturais como anjos e fadas habitam. Elas apenas ocasionalmente se expressam de forma visível. Percecionar anjos, fadas e as outras formas de vida normalmente invisíveis é uma questão de expansão da consciência.

O paradoxo na obtenção desta consciência necessária reside no facto de a abordagem ser feita a partir do nosso interior. Encontra-se através de uma mudança na nossa consciência habitual e na nossa perceção normal. Dado que o nosso eu físico considera que toda a vida está aqui fora na natureza física, falhamos os anjos, as fadas e

outros invisíveis — a menos que se manifestem intencionalmente dentro do nosso alcance visual de perceção. O caminho para o sobrenatural faz-se através da perceção para lá da matéria física. Os nossos olhos e ouvidos físicos e carnais não foram concetualizados para percecionar entidades e energias não físicas. Porém, possuímos em nós a capacidade de percecionar o sobrenatural se a nossa mente expandir o seu alcance.

Nos volumes de Edgar Cayce, encontramos cerca de setenta e dois discursos sobre "as forças não vistas" e como estas exercem uma influência muito maior nas nossas vidas do que aquilo que é visto. Cayce explicou que ver o não visto requer "uma consciência dessa força divina que emana na própria Vida neste plano material." (281-7)

Considera o seguinte: Todas as estrelas, planetas e galáxias que podem ser detetados em todo o universo infinito e inteiro constituem apenas quatro por cento do universo! Quatro por cento! Os outros noventa e seis por cento são compostos por substâncias que não podem ser vistas nem facilmente explicadas. Estas substâncias invisíveis são chamadas "energia escura" e "matéria escura" ("escura" significa aqui não vista e não detetada, não maligna).

Os astrónomos baseiam a existência de matéria escura na influência gravitacional que esta exerce sobre a "matéria normal" (ou as partes do universo que podem ser vistas). Vamos considerar isto um pouco mais a fundo; o nosso universo pode conter até 100 mil milhões de galáxias, cada uma com mil milhões de estrelas, nuvens massivas de gás e poeiras, inúmeros planetas e luas, e quantidades enormes de detritos cósmicos — e no entanto, tudo aquilo que detetamos representa apenas quatro por cento da massa e energia totais do universo!

Percecionar o todo requer uma mudança interior na perceção, não melhores olhos e ouvidos. A expansão da nossa consciência é a chave para ver e ouvir os reinos sobrenaturais dos anjos e das fadas, e afins. Cayce ensina: "... as fadas e aqueles de todas as formas que não se expressam de modo material ... apenas são vistos por aqueles que se encontram sintonizados com o infinito." (2547-1) Sintonizados com o infinito?

Desde a época em que era um pequeno rapaz, Edgar Cayce conseguia ver fadas, duendes, anjos e amigos invisíveis. Conseguia ver almas desencarnadas entre as encarnadas. Conseguia ouvi-las e falar com elas. Explicava que era como ter um interruptor na sua cabeça — um interruptor que podia ligar para ver fantasmas e comunicar com eles. Ele também via auras ao redor dos corpos das pessoas encarnadas. Estas auras emanavam cores e padrões que lhe davam uma visão clara sobre a condição mental, emocional e espiritual da pessoa, mesmo quando esta se alterava no decorrer de uma conversa. Eis alguns exemplos das suas leituras:

[Uma] aura é a emanação, ou a influência que está sempre presente com um corpo animado, que pode mudar ou alterar-se relativamente àquilo que é a influência impulsionadora do mesmo ou ao seu redor — ou a partir do interior ... A aura muda, com certeza, [de acordo com] o temperamento.

282-4

A aura, então, é a emanação que surge a partir das próprias influências vibratórias de uma entidade individual, mental e espiritualmente — especialmente das forças espirituais.

319-2

Por conseguinte, encontramos na aura as emanações físicas, mentais e espirituais, que mostram progressos e atrasos, bem como aptidões para o estudo, classificação e aplicação dos mesmos.

1612-1

(P) Estou a começar a ver auras?

(R) A começar a ver auras. À medida que a vida, a luz e o amor — com compreensão — se refletem no eu, assim se podem ver os de idêntico reflexo nos outros.

(P) Qual é o significado dos clarões e formas que vejo frequentemente?

(R) Aqueles das vibrações mais elevadas do intermédio, bem como forças espirituais que tomam formas no ou perante o eu mental.

281-4

Vês como ele disse "tomando formas no ou perante o eu mental"? É essa a diferença entre ver com os olhos carnais e ver com uma consciência expandida no eu mental. A mente é o verdadeiro perceionador de anjos, fadas e dos invisíveis. Na verdade, a mente-cérebro é o perceionador de tudo o que incide nas retinas, e uma mente mais aberta perceciona mais do que matéria física.

A esposa de Cayce, Gertrude, partilhou uma história sobre ambos estarem a dormir no segundo andar da sua casa quando alguém bateu à janela do quarto! Edgar soube imediatamente quem era aquele espírito e desceu as escadas para deixar o fantasma entrar. Explicou que ela precisava de ajuda para encontrar o seu caminho para a vida seguinte, porque tinha falecido recentemente e estava perdida quanto ao que devia fazer e onde devia estar. Ela sabia que o Sr. Cayce saberia, mas tendo chegado à sua casa depois de ele e a sua esposa se terem recolhido, simplesmente bateu à janela do quarto em vez de entrar no seu espaço privado.

A partir da perspetiva de Edgar Cayce, "Pois o Espírito é a condição natural, normal de uma entidade." (816-10) O Espírito é a nossa condição normal e natural! Pensa nisto por um momento. Aqui estamos nós nestes corpos físicos com as nossas personalidades e amigos e famílias, e toda a nossa história de vida encarnada, e a partir do seu estado de transe profundo ele diz-nos que a nossa "condição natural e normal" é como um espírito — um fantasma! A nossa condição normal é como um ser de mente/energia, e estamos temporariamente num corpo físico. A essência da vida e a consciência mais profunda constituem o nosso estado mais natural como alma imortal. De acordo com os ensinamentos de Cayce, originalmente éramos, e permanecemos hoje, seres celestiais que estão apenas temporariamente a viver uma vida terrestre nesta realidade.

Pois a alma é eterna e se a entidade analisar o seu próprio eu, é corpo, mente e alma. Alma [é aquilo] que anseia por interpretações espirituais, compreensão mental e harmonia e descanso físicos. Estes fazem parte da experiência de cada alma.

5330-1

Apesar da nossa condição mais natural e normal ser a de sermos espírito, a encarnação da nossa alma nesta vida é intencional e com um propósito, um propósito que ajuda a nossa alma a crescer através do viver daquilo que acreditamos ser ideal ou do melhor. Temos uma indicação de Jesus sobre como obter perceção das nossas almas: "Na vossa paciência possuí as vossas almas." (Lucas 21:19) E Cayce concorda: "Uma paciência ... pode ser encontrada quando a unicidade de propósito, a unicidade de ideal, são correlacionadas na vida, na luz e nas coisas imortais das experiências de vida na terra." (2938-1) As coisas imortais da vida podem ser encontradas enquanto encarnados neste mundo através de uma unicidade de propósito que traz paciência, e a paciência desperta a nossa alma com todas as suas capacidades percecionais — tais como ver anjos, fadas e o normalmente invisível.

A nossa alma e a sua mente possuem a perceção extrassensorial para ver os reinos invisíveis da vida e os seres que os habitam. Cayce ensinou que os sentidos aparentemente psíquicos necessários para ver e ouvir anjos, fadas, duendes, *brownies*, gnomos, *leprechauns*, o "povo pequeno", elfos, espíritos e, quanto a isso, as almas dos entes queridos que já partiram, são os sentidos naturais da alma! (3744-2) Quanto mais nos tornamos despertos para a nossa alma, o nosso espírito, mais naturalmente vemos e ouvimos para lá do mundo rigidamente físico. Neste mesmo discurso, Cayce explica que a nossa alma e a sua mente podem e irão usar os cinco sentidos do nosso corpo, bem como os seus sentidos psíquicos.

Quase tão importante quanto o facto de termos uma capacidade maior para ver o invisível é o conforto sentido pelos invisíveis quando nos aproximamos deles com uma alma e mente despertas. Mais pormenores sobre como podemos desenvolver uma maior perceção serão abordados no Capítulo 10.

## 2

## Os Anjos e os Céus

Hoje em dia, muitos de nós pensam que existe um céu e dois tipos de seres angélicos: anjos e arcanjos. Contudo não era assim considerado nos tempos clássicos, quando se acreditava que existiam sete céus e nove "coros" ou "ordens" diferentes de anjos, cada um composto por seres angélicos distintamente diferentes. Vamos explorar a visão clássica dos céus e dos anjos.

### Os Céus

"No princípio, criou Deus os céus e a terra." (Génesis 1:1) (Aqui "céus" é a palavra hebraica *shamayim*, que tem um duplo significado comparável em português a "os sótãos" ou "lugares elevados", referindo-se muito provavelmente aos reinos duplos do céu visível e depois ao éter das regiões celestiais para lá do céu. Quase todas as traduções deste versículo da Bíblia usam o plural "céus" exceto a de King James.) Em todas as traduções da Bíblia, esta linha de abertura indica claramente que existem céus, e não simplesmente um céu. Reconhecemos isto na nossa linguagem; por exemplo, quando uma pessoa diz: "Eu estava no sétimo céu", quer dizer que estava o mais feliz que podia estar, porque o sétimo céu é o céu mais elevado na tradição e na lenda.

Os textos místicos judaicos que constituem a Cabala detalham estes sete céus e oferecem uma visão clara sobre como alguém pode atravessá-los enquanto encarnado neste mundo. Em outras palavras, não é preciso morrer para experienciar os céus. O discípulo Paulo revelou isto quando escreveu: "Conheço um homem em Cristo que há catorze anos ... foi arrebatado até ao terceiro céu." (II Coríntios, 12:2) Paulo falava de si próprio relativamente a uma experiência que teve enquanto encarnado.

Na mística Merkabah da Cabala — baseada nas visões de Ezequiel, Isaías e Daniel e encontrada nos escritos Hekhalot — estes ensinamentos instruem sobre como se pode ascender aos e através dos céus por práticas meditativas, passando de um nível de céu para outro, entrando finalmente através dos "sete palácios" no "sétimo céu" até ao próprio "trono de Deus".

Curiosamente, os discursos metafísicos de Cayce concordam com os ensinamentos de Merkabah. Este nome significa "carros" e é uma metáfora para "veículos" celestiais que nos permitem fazer a passagem através dos céus. Os antigos egípcios tinham o mesmo conceito, mas usavam barcos para atravessar os céus. No discurso de Cayce que se segue, a imagética tridimensional de carros muda para estados quadridimensionais de consciência. Um ser angélico está a falar através do corpo do estado de transe de Cayce. Repara em como o ser angélico usa um objeto tridimensional, "o Trono", mas depois fornece a descrição quadridimensional: "limiar da Consciência Universal". Eis o discurso de Cayce:

... ninguém se aproxima do Trono — ou do limiar da consciência universal — sem esse propósito de erguer o eu a essa consciência ou de nos trazer [anjos celestiais] para o seu próprio ideal ... Então por que razão, até eu [um anjo celestial], te deveria fazer vacilar, ou por que razão deveria alguém procurar menos do que os Deuses da Glória?

311-5

Existem dois comentários nesta leitura que precisam de elaboração: 1) A partir da perspetiva do anjo que fala através de ou que é canalizado por Cayce, nós devemos elevar-nos através dos céus até ao "Trono" de Deus ou da Consciência Universal, pois o outro caminho — trazer o céu até nós — não nos ajuda a despertar para crescer em direção ao nosso destino com o nosso Criador infinito. 2) Esta orientação do anjo também toca no ensinamento frequentemente ignorado de que somos deuses — filhos e filhas do Altíssimo — como está escrito no Salmo 82:6: "Eu disse: Vós sois deuses, e todos vós filhos do Altíssimo." E até Jesus nos remeteu para esta passagem numa resposta que deu aos fariseus no evangelho de João 10:33-34:

'"Não te apedrejamos por alguma boa obra, mas pela blasfémia; porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo.'" "Respondeu-lhes Jesus: 'Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Sois deuses?'" Jesus refere-se à linha do Salmo 82.

Dadas as nossas presentes condições e circunstâncias, compreendo quão difícil é para nós pensar que poderíamos possivelmente ser deuses. Pode ajudar-nos se usarmos o termo do antigo Egito: *godlings* (pequenos deuses). Somos *godlings* do grande Deus; o único Deus supremo concebeu-nos à Sua imagem, como está registado no capítulo um do Génesis: "E disse Deus: 'Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança ...' E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou." (Génesis 1:26-27) É claro que esta não foi a criação física da nossa existência corporal que veio mais tarde no capítulo 2: "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente." (Génesis 2:7)

Cayce aborda os desafios que enfrentamos ao fazer a passagem deste mundo ou nível de consciência para as dimensões mais elevadas da perceção, os reinos celestiais:

Ao passar da consciência material para uma espiritual ou cósmica ... muitas vezes uma entidade ou ser não se torna consciente daquilo que o rodeia; do mesmo modo que uma entidade nascida no plano material apenas se torna consciente gradualmente daquilo que é designado como tempo e espaço para o plano material ou tridimensional. Na passagem, a tomada de consciência por parte da entidade ... de estar num plano quadridimensional ou dimensionalmente mais elevado ocorre de forma muito semelhante àquela como a consciência é adquirida no material. Pois, como já demos, aquilo que vemos manifestado no plano material é apenas uma sombra daquilo que está no plano espiritual.

5749-3

Foram ensinamentos como este de Edgar Cayce que me encorajaram a gerir o tempo na minha vida encarnada para praticar e experienciar as dimensões mais elevadas, e desde o início dos meus

vinte anos tenho usado métodos e conceitos de Cayce, do antigo Oriente e da Cabala para me tornar consciente de fazer a passagem através dos céus sem perder o contacto com a minha vida e relações neste mundo. E tal como Cayce disse, nós despertamos para as dimensões celestiais mais elevadas da mesma forma que despertamos para uma consciência mais expandida deste mundo. Quanto à natureza da perceção nas dimensões mais elevadas, Cayce explica que este plano de existência é como uma "sombra" dos reinos invisíveis: "Não há diferença no mundo não visto para aquele que é visível, exceto que no não visto uma extensão ou espaço muito maior pode ser coberto!" (5754-3) As minhas experiências com as dimensões mais elevadas são tal como Cayce indicou; parecem mais expansivas do que o mundo físico, mais abertas, e o meu espírito/mente parece mover-se através delas fácil e rapidamente. Muitos outros tiveram as mesmas experiências com as dimensões não físicas. É uma mudança na consciência, na perceção, do finito para o infinito, de um individual para um universal. Esta é uma das razões pelas quais tantos praticantes de meditação descrevem sentir uma profunda unicidade com toda a vida quando em meditação profunda. A solidão ou a individualidade dissolvem-se na coletividade e na universalidade.

Quando Cayce falava sobre viagens da alma — não viagens corporais —, ele descrevia os objetos tridimensionais — planetas, estrelas e afins — como "sombras" da sua condição dimensionalmente mais elevada. Na perceção do estado de transe de Cayce, o nosso sistema solar é uma expressão física de realidades mentais e espirituais. Eis um exemplo:

À medida que uma entidade passa ... deste [tempo] presente ou deste sistema solar, deste sol, destas forças, ela passa através das várias esferas — conduzindo primeiro a essa força central ... conhecida como Arcturo [esta estrela é o "portal estelar" de Cayce para entrar e sair do nosso sistema solar] — mais perto das Plêiades — continuando e continuando — através dos éons de tempo, como chamado — ou espaço ... [Eventualmente, uma entidade passa] para as forças interiores, sentido interior, podendo então novamente — após um período de quase dez mil anos ... entrar na terra para manifestar essas forças adquiridas na sua passagem. Ao entrar, [a entidade] toma

essas formas que podem ser conhecidas nas dimensões desse plano que ocupa, não existindo apenas três dimensões — como as da Terra —, mas podendo haver sete, em Mercúrio — ou quatro, em Vénus — ou cinco, como em Júpiter. Pode haver apenas uma como em Marte. Pode haver muitas mais como naquelas de Neptuno, ou podem tornar-se até como nulas — até serem purificadas nos fogos de Saturno.

311-2

Tem em mente que ele não está a falar de aterrar na superfície física destes planetas, mas sim de entrar nos seus reinos dimensionais mais elevados de consciência, vibração e existência não física. Pensa no nosso mundo e na nossa condição aqui como $H_2O$ em forma sólida ou gelo, e depois os reinos ou céus imediatamente superiores são como $H_2O$ numa forma mais fluida, líquida, e os reinos ainda mais elevados são como $H_2O$ em formas vaporosas ou semelhantes a nuvens. Isto pode ajudar-nos a obter alguma noção de como um ser pode existir em diferentes condições — sólida, líquida e vaporosa — e no entanto reter a sua essência fundamental, H2O neste exemplo. Estas condições da H2O são comparáveis às condições físicas, mentais e espirituais: sólida, líquida e vaporosa.

Continuemos. Cayce identifica a motivação da nossa alma da seguinte forma: "À medida que [a entidade] se move de esfera em esfera, [ela] procura o seu caminho para a casa, para a face do Criador, o Pai, a primeira causa." (136-83) Cayce identifica a primeira causa como: "... que o criado seria o companheiro para o Criador." Esta é a razão pela qual fomos criados, e como resultado, ao criado (a nossa alma) são dadas oportunidades para "se mostrar não apenas digno de, mas compatível com o Criador." (5753-1) Agora devemos perceber que estamos a falar de ser compatível com o Criador de todo o universo, por isso não queremos ser companheiros aborrecidos! Por esta razão, as nossas almas estão bem motivadas para explorar, aprender e crescer!

Como mencionei anteriormente e escrevi no meu livro *Edgar Cayce and the Kabbalah*, existem textos da Cabala que ensinam a ascender através dos "palácios celestiais" (*Hekhalot* significa "palácios do céu") e qual será a experiência nestes vários palácios ou

reinos não físicos dos sete céus. Existem também textos da Cabala que ensinam como se pode atrair espíritos angélicos para interagirem connosco. As leituras de Cayce não são contra isto, mas encorajam-nos a deixar que Deus envie os guias e anjos, pois Deus sabe o que é melhor, e nós temos uma tendência para atrair as energias erradas, ou pelo menos as menores. A instrução de Cayce seria pedir a Deus que envie ajuda angélica em vez de tentar evocar tal com a nossa própria vontade e desejo. E sempre que possível, Cayce encoraja-nos a elevar as nossas mentes e corações aos céus em vez de atrair entidades do céu — tal como o anjo canalizado instruiu anteriormente.

Existem vários documentos de maior dimensão dos textos Hekhalot, tais como o *Hekhalot Rabbati* (no qual são descritos seis dos sete palácios de Deus), o *Hekhalot Zutarti*, o *Shiur Komah* e o *3 Khanokh* (que também é conhecido como *3 Enoque*, e contém "O Livro dos Palácios", "O Livro do Rabbi Ishmael, o Sumo Sacerdote" e "A Revelação de Metatron"). Existem também centenas de pequenos documentos, muitos deles pouco mais do que fragmentos, que abordam o conceito de reinos celestiais (palácios, firmamentos e planos) e descrevem métodos para os atravessar (embora tal seja muito perigoso e exija muita prática e perícia — bem como um coração puro e uma mente focada e protegida). Descreverei estes aspetos dentro de momentos.

A viagem meditativa através dos sete céus era também conhecida e praticada entre vários grupos gnósticos e alguns dos primeiros cristãos — frequentemente em segredo. Como escrevi anteriormente e vale a pena repetir, pareceria que o discípulo Paulo tinha feito esta passagem: "Conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo, não sei, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe), um tal homem foi arrebatado até ao terceiro céu." (II Coríntios, 12:2) Paulo parece ter usado um método no qual o Espírito nos atrai para um nível da Sua presença.

Neste caso, Paulo foi "arrebatado" ao terceiro céu. Repara também que Paulo não conseguiu determinar se estava no seu corpo ou fora dele. As experiências fora do corpo fazem de tal modo parte da nossa cultura moderna que temos agora uma sigla para elas: EFC (ou *OBE*, do inglês *out-of-body experiences*). Contudo, este não é

apenas um fenómeno moderno, era também conhecido no tempo de Paulo, vindo do termo grego para "observador de si mesmo", significando a visualização do ambiente circundante a partir de uma posição fora do próprio corpo. A palavra em português para o termo grego original é "autoscopia".

Também associadas às EFC estão a projeção astral (que significa a separação do corpo astral da sua ligação com o corpo físico), as viagens da alma e o caminhar em espírito, e até a mais moderna das experiências — as "experiências de quase-morte" (EQM) — estão entre as experiências fora do corpo — sendo o resultado da capacidade da medicina moderna para reanimar um corpo morto sob certas circunstâncias, e da pessoa reanimada descrever depois como viu o seu corpo morto e o que os médicos e enfermeiros fizeram para o reanimar. Paulo vivenciou um destes eventos transcendentes, o qual lhe permitiu visitar, ou pelo menos percecionar, o terceiro nível dos céus.

No Alcorão, ditado a Maomé pelo arcanjo Gabriel, está escrito: "Não vedes como Deus [literalmente em árabe, "Allah"] criou os sete céus uns sobre os outros, e fez da lua uma luz no meio deles e fez do sol uma lâmpada?" (Surata 71)

Na maioria dos ensinamentos da Cabala, os sete céus são listados do mais baixo para o mais elevado do seguinte modo:

1. Véu (em hebraico, *Vilon* — a cortina, o véu do céu (*Vilon Shemaim*); retirado de Isaías 40:22, "Ele é o que está sentado sobre o círculo da terra, cujos moradores são para ele como gafanhotos; ele é o que estende os céus como cortina [ou véu], e os desenrola como tenda, para neles habitar."

2. Firmamento (*Raki'a* — o firmamento, o dossel, a expansão do céu, onde estão as estrelas, a lua e o sol; mencionado em Génesis 1:14-18, "'Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos. E sejam para luminares na expansão dos céus, para iluminar a terra.' E assim foi. E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para

governar a noite; e fez as estrelas. E Deus os pôs na expansão dos céus para iluminar a terra, e para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas. E viu Deus que isso era bom."

3. Nuvem/Céu (*Shehakim* — as nuvens das quais caiu o maná do céu para alimentar os buscadores. É aqui que se encontra o poço da "água da vida" e a fonte dos jardins. Estas associações são retiradas do Salmo 78:24-26, "Contudo mandou às nuvens de cima, e abriu as portas dos céus, e choveu sobre eles o maná para comerem", e da "nuvem" em I Reis 8:10-13, "E sucedeu que, saindo os sacerdotes do santuário, uma nuvem encheu a casa do Senhor. E não podiam ter-se em pé os sacerdotes para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do Senhor enchera a casa do Senhor. Então disse Salomão: 'O Senhor disse que habitaria na escuridão espessa. Certamente te edifiquei uma casa para morada, assento para a tua eterna habitação.'"

4. Morada (*Zebul* — a morada elevada, "morada de santidade" (*zevul kodshekha*) retirada do Salmo 93:5, considerada a morada-templo na Cidade Dourada. Como se encontra em I Reis 8:13, "Certamente te edifiquei uma casa para morada, assento para a tua eterna habitação. E de onde derivamos que é chamado céu?" e em Isaías 63:15, "Olha desde os céus e vê, desde a tua santa e gloriosa habitação." E Jesus refere-se a moradas em João 14:1-4, "Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos tomarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também. Mesmo para onde eu vou vós sabeis o caminho." Agora Tomé desafia isto, dizendo a Jesus que não sabem para onde ele vai nem o caminho. Mas nós sabemos; e temos de voltar a uma resposta que Jesus deu a Nicodemos para compreender como isto podia ser: "Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem." (João 3:13) Nós somos os filhos de Deus, e como tal originámo-nos nos céus, pelo que as nossas almas descenderam dos céus a fim de

encarnarem neste mundo, e ascenderemos de volta aos céus após o nosso corpo físico morrer. É assim que Jesus pode dizer: vós sabeis para onde eu vou e sabeis o caminho.

5. Habitação (*Ma'on* — o refúgio, um lugar de paz em relação às lutas. Lar dos anjos ministradores mencionado em Deuteronómio 26:15, "A tua santa habitação."

6. "Cidade de Deus" (*Makon* — a residência imutável e perfeita, contendo o modelo ou protótipo para todas as formas de vida. Este é o armazém dos tesouros bons e eternos. O nome é retirado do Salmo 46:5-6, "Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus, o santuário das moradas do Altíssimo. Deus está no meio dela; não será abalada; Deus a ajudará ao romper da manhã."

7. "Vastas Planícies de Deus" (*Aravot* — o céu mais elevado, as vastas planícies expansivas do Infinito. Este é o Útero Divino do qual toda a vida originalmente veio à existência e ao qual regressa, como retirado do Salmo 68:4-5, "Cantai a Deus, cantai louvores ao seu nome; louvai aquele que vai montado sobre as planícies infinitas; o seu nome é Senhor; exultai diante dele. Pai de órfãos e juiz de viúvas é Deus, no seu lugar santo."

Repara que os primeiros três céus estão associados à vida física, os três seguintes às dimensões mentais da consciência, e o último ao Infinito — uma qualidade que os seres humanos teriam dificuldade em conhecer diretamente devido ao seu foco finito. No entanto, através de uma passagem cuidadosa durante a meditação profunda e o êxtase transcendente, podemos elevar-nos a níveis de consciência na Mente Infinita de Deus.

O céu mais importante para nós é o mais baixo, o Véu ou Cortina, porque se conseguirmos percecioná-lo e desenvolver uma tomada de consciência sobre ele, teremos dado o primeiro grande passo em direção ao despertar espiritual total. Apesar do que possas pensar, conhecemos bem este véu e estamos familiarizados com as qualidades da nossa mente em ambos os lados deste véu. Para usar um exemplo familiar, quantas vezes tivemos um sonho que nos impressionou (ou

nos assustou, ou inspirou, ou simplesmente nos chamou a atenção) e, à medida que nos aproximávamos do despertar, notámos que a nossa bexiga estava cheia, pelo que decidimos ir esvaziar a bexiga e depois voltar para a cama e refletir sobre o sonho?

No entanto, quando regressámos à nossa cama, o sonho tinha desaparecido por completo! Não tínhamos qualquer recordação dele. Como é isto possível? É porque acabámos de experienciar o véu, um véu extremamente subtil mas opaco! Quando estávamos no sonho, estávamos na mente da nossa alma e sentíamo-nos bastante confortáveis ali. Conhecíamo-la como parte de nós próprios. Depois, ao envolvermos o nosso corpo para caminhar até à casa de banho, passámos através deste véu para a nossa mente externa, que está desperta para mover o corpo. No entanto, a nossa mente externa não teve o sonho! Não tem qualquer conteúdo do sonho, apenas o sentido de que a mente interna tem um conteúdo que vai ser revisto. Mas não contém esse conteúdo. Agora vemos quão subtil e contudo opaco é este véu. Nem sequer notamos quando passamos através dele e, no entanto, uma vez do outro lado, não conseguimos ver de volta através dele.

Felizmente, isso é apenas parcialmente verdade, porque se praticarmos tornarmo-nos mais conscientes dos aspetos subtis da nossa consciência, chegaremos a percecionar o movimento através do véu e saberemos em que lado do véu estamos em qualquer dado momento.

Agora que temos algum conhecimento dos céus, olhemos para a compreensão clássica dos anjos.

Os Anjos Por muito povoada e movimentada que a Terra seja, os céus são muitas vezes mais povoado e movimentados. Quantos anjos existem? Bem, o apóstolo João escreveu: "E olhei, e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono... e o número deles era de milhares de milhares, e de milhões de milhões." (Apocalipse 5:11) O estudo dos anjos e a doutrina sobre os anjos são chamados Angelologia, e foram em tempos amplamente aceites como uma parte séria da Teologia.

O termo anjo aparece na Bíblia entre 194 a 196 vezes, dependendo da versão que se esteja a pesquisar. E em alguns casos, os

anjos estão implícitos e são entendidos pelos estudiosos como sendo anjos, embora o termo não seja usado. Por exemplo, em Génesis 18:1-2, o Senhor aparece a Abraão sob a forma de três "homens", que Abraão soube imediatamente que eram expressões físicas de anjos do céu, e tratou-os como tal. Mas para todas as aparências exteriores, pareciam homens. É nesta altura que Abraão debate com os três anjos sobre quantos justos precisam de estar entre os cidadãos de Sodoma e Gomorra para impedir os anjos de destruírem as cidades, conseguindo finalmente que eles concordem com dez pessoas justas.

Quanto à aparência dos anjos, até as Escrituras nos avisam que por vezes "hospedámos anjos sem o saber." (Hebreus 13:2)

Comecemos o nosso estudo com os comentários de Edgar Cayce sobre os anjos.

(P) O anjo da guarda é uma força de cura para a melhoria física? (R) O anjo da guarda — que é o companheiro de cada alma à medida que esta entra numa experiência material — é sempre uma influência para a manutenção dessa sintonização entre as energias ou forças criativas da entidade-alma e a saúde, a vida, a luz e a imortalidade. Assim, com certeza, é uma parte dessa influência para as forças de cura. E como pode ser vivenciado nas atividades dos indivíduos, pode tornar-se tão acentuado a ponto de ser a influência maior na sua experiência. Assim é como foi dado desde a antiguidade; que a alguns é dado o dom da cura, a alguns o dom da palavra, da interpretação de línguas, do ministério.

Contudo, todos são do mesmo Espírito. Pois estes são sempre aquilo que é a garantia, naquilo que foi dado — Deus não quer que nenhuma alma pereça, mas preparou com cada tentação, com cada condição, uma associação, uma atividade, uma maneira, um caminho para a regeneração dessas influências ou forças que possam causar a superação do medo ou de qualquer uma dessas coisas que separariam uma alma das Forças Criativas. Por conseguinte, como foi indicado para este corpo aqui, a realização de ajustes físicos é necessária; mas é igualmente necessária para as atividades das associações através das quais as energias das forças corporais podem ser sintonizadas com o eu espiritual e mental — através de uma associação e caminhada mais

próximas com as energias criativas no interior do eu. Pois tudo deve coordenar-se. Tal como na Divindade — Pai, Filho, Espírito Santo —, assim no interior do eu: Corpo, Mente, Alma. A Mente é o Construtor; a Mente é o Caminho — como a Consciência Crística.

Conforme é direcionada então através das influências das funções corporais, torna-se consciente da sua unicidade, e assim a força guardiã é feita para ser um-com a totalidade dos propósitos e desejos, e com a vontade do indivíduo. Fazei estas coisas então, como encontramos, conforme indicado, e traremos às forças físicas uma melhor cooperação e coordenação; e assim, através da aplicação mental da união com as Forças Criativas, melhores reações sob todos os aspetos.

(P) É através do anjo da guarda que Deus fala ao indivíduo? (R) Sempre através dessa influência ou força conforme Ele deu: "Vós permaneceis em mim e eu em vós, como o Pai permanece em mim, assim podemos fazer a nossa morada convosco." Então, como a influência guardiã ou anjo está sempre perante a face do Pai, através da mesma pode essa influência falar sempre — mas apenas pelo comando de ou sintonização com aquilo que é o teu ideal. Qual é então o teu ideal? Em quem acreditaste, bem como em que acreditaste? Aquilo em que acreditaste é capaz de manter sempre diante de ti o que Lhe confias? Sim — através do teu anjo, através do teu eu que é o anjo — fala o eu com o teu Ideal! 1646-1

Repara nesta última linha, porque ela reforça o ensinamento de que somos de origem Divina e, apesar da nossa presente condição física, permanecemos ligados ao nosso Criador através de uma parte não vista do nosso ser que é angélica: "através do teu eu que é o anjo".

Repara também que Cayce liga a parte angélica do nosso ser ao nosso ideal. Uma e outra vez as leituras de Cayce perguntam-nos: "Qual é o teu ideal?" e "Em que e em quem acreditas?" É o nosso ideal estar entre os filhos de Deus ou simplesmente entre os filhos dos homens? Temos espaço nos nossos corações e mentes para as coisas celestiais? Ou são as coisas terrenas que mais nos importam? Não estarias a ler este livro se as coisas terrenas fossem tudo o que te interessava, por isso assumamos que estás interessado nas coisas

celestiais e que estas têm um lugar na tua vida ideal e na tua consciência.

Cayce revela que o nosso anjo está sempre em comunhão com Deus: "A face do próprio anjo do eu está sempre perante o Trono. Comunga frequentemente com Ele." (1917-1) Jesus afirma isto no evangelho de Mateus: "Vede, não desprezeis algum destes pequeninos [as crianças reunidas ao seu redor]; porque eu vos digo que os seus anjos nos céus veem sempre a face de meu Pai que está nos céus." (Mateus 18:10)

Quando Edgar Cayce estava no estado de transe profundo através do qual obtinha as leituras, a sua mente subconsciente, ou mente da alma, podia sintonizar-se com as fontes mais elevadas nas dimensões espirituais. Nas bem conhecidas leituras do grupo de estudo *A Search for God, (Em Busca de Deus)* a série de números de leitura 262, houve ocasiões em que o arcanjo Miguel falou efetivamente através de Cayce e deu mensagens poderosas. Os discursos de Cayce chamavam a Miguel o arcanjo da mudança:

Miguel é o senhor do caminho — e nos caminhos da compreensão, da conceção, da realização daquelas coisas que operam as mudanças nas atitudes em relações físicas, mentais ou materiais... [Miguel] é o guia através de tais relações espirituais... 585-1

Quando estudadas no seu todo, as leituras de Cayce indicam que cada um de nós é uma alma que está a aprender a tornar-se compatível com Deus e com os outros seres criados (os dois grandes mandamentos: amar a Deus; amar os outros). No lado terreno da alma está uma persona externa temporária a que chamamos personalidade, frequentemente referida por Cayce como "a mente-corpo". Isto é aquilo que tu e eu consideramos ser o nosso verdadeiro eu.

Do outro lado do nosso eu-alma está uma parte divina do nosso ser que é um anjo. É celestial, nunca deixou o seu lugar original com Deus e foi feita à imagem de Deus. Esta é a parte "santa e imortal" de nós, conforme descrita na tradição zoroastriana. Temos um eu corporal, um eu-alma e um eu angélico. Estes três têm três níveis de consciência: mente consciente, mente subconsciente (que Cayce

descreve como sendo muito maior do que atualmente compreendemos) e mente superconsciente.

Para dar um exemplo de como estas três partes do nosso ser se interligam, consideremos a história bíblica do patriarca Jácome, do seu irmão gémeo, Esaú, e do anjo como uma metáfora para estas três partes de nós próprios. Em termos de personalidade, Esaú era um caçador e guerreiro, peludo e forte, selvagem e livre, que amava os campos e os bosques. Jácome, por outro lado, era de natureza mais interna e reflexiva. Era gentil, gostava de aprender e de uma boa conversa, apreciava a companhia das mulheres e os arredores do acampamento tribal, e tinha desenvolvido uma aptidão com animais domesticados, particularmente a criação e maneio de cabras e ovelhas saudáveis. Esaú simboliza o nosso eu externo, pois procurava vivenciar a vida física com o máximo de entusiasmo possível, enquanto Jácome simboliza o nosso eu-alma, pois procurava vivenciar as coisas internas e etéreas, mais da mente e do coração do que do corpo. Uma noite, numa experiência profunda, Jácome encontrou um anjo.

Agarrou-se firmemente ao anjo e não o libertou até que o anjo o abençoasse. Após a bênção, Jácome perguntou o nome do anjo, mas o anjo ficou surpreendido com tal pergunta e não deu resposta. Poderia ser que o anjo fosse nada mais do que o eu divino de Jácome, o seu eu angélico, e por isso ficou surpreendido por Jácome não saber já o seu nome? Após esta experiência, Jácome disse que tinha visto Deus "face a face". Como poderia ele fazer tal afirmação a menos que o anjo estivesse também perante o trono de Deus? Podemos considerar esta história como um exemplo de como a nossa personalidade, alma e eu angélico interagem entre si.

O teólogo e filósofo cristão primitivo Agostinho escreveu: "Cada coisa visível neste mundo é colocada sob o encargo de um anjo." O *Génesis Rabba* (um comentário judaico sobre o Génesis bíblico) afirma: "Não há uma haste na terra que não tenha o seu anjo no céu." De acordo com o Salmo 91:9-12: "Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio! No Altíssimo fizeste a tua habitação. Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus

caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra alguma." E como Jesus vivenciou em Mateus 4:11, quando concluiu os três desafios de Satanás e estava cansado, com sede e com fome: "Então o diabo o deixou; e eis que vieram os anjos, e o serviam." E em Mateus 26:53, quando ordenou a Pedro que guardasse a sua espada: "Pensas tu que eu não posso agora orar a meu Pai, e que ele não me daria imediatamente mais de doze legiões de anjos?" Deus deu encargo aos seus anjos para velarem por nós, e nós podemos recorrer a essa ajuda.

Houve um tempo em que apenas os nossos eus angélicos existiam. A parte angélica do nosso ser estava viva e ativa muito antes da Terra, muito antes dos corpos físicos. A vida existia no espírito, ou poderíamos dizer, em pura energia sem matéria. Talvez, se pensarmos em nós próprios como mentes sem forma, isto possa ajudar a despertar-nos para a nossa parte angélica. A Mente Única criou no seu interior muitas mentes individuais e deu-lhes o livre-arbítrio. A vida continuou desta maneira por muitos e muitos éons antes de alguns destes seres angélicos tomarem forma em corpos. Como era no passado? O que faziam os anjos? Cayce e a Cabala, juntamente com muitas lendas e fábulas da terra, dão-nos parte da impressionante história pré-terrestre. Exploremos algumas das crónicas dos anjos.

No Antigo Testamento, Javé é chamado "o Senhor dos exércitos"; sendo os exércitos as legiões de anjos. O Salmo 82:1 afirma que "Deus está na congregação dos poderosos; ele julga no meio dos deuses." Aqui os anjos compõem a congregação e são deuses dentro do único Deus. Repara que o termo Congregação de Deus implica que todos na congregação são semelhantes a Deus, feitos à imagem de Deus.

Ao falar de seres angélicos, a Bíblia usa os termos "mensageiro de Deus" (*melakh Elohim*), "mensageiro do Senhor" (*melakh Adonai*), "Filhos de Deus" (*b'nai Elohim*) e os "Santos" (*ha-qodeshim*). Outros termos são usados em textos posteriores, tais como "os de cima" (*ha'oleevoneem*).

Metatron é considerado o mais elevado dos anjos na mística cabalística. Metatron é brevemente mencionado no Talmud e figura

proeminentemente nos textos místicos de Merkabah. Em *3 Enoque*, ou o *Livro dos Palácios Celestiais* (*Sefer Hekhalot*), existe uma ligação entre Enoque (filho de Jarede, que era bisavô de Noé) e a sua transformação no anjo Metatron. Surpreendentemente, existe a mesma ligação nas leituras de Edgar Cayce! Por muito estranho que o nome seja, este é o anjo mais elevado em quase todas as listagens de anjos.

Miguel, que serve como guerreiro e defensor de Israel (Daniel 10:13), é considerado o anjo da guarda dos israelitas; e Gabriel é o anjo da guarda dos ismaelitas (os árabes dos tempos modernos). Isto começou com os dois filhos de Abraão: Isaac e Ismael. Gabriel é mencionado no livro de Daniel (8:15-17) e brevemente no Talmud, bem como em muitos textos místicos de Merkabah. E as visões de Daniel nomeiam o arcanjo Miguel — que é a primeira vez na Bíblia que o nome de um anjo é pronunciado.

Serafins e Querubins Na tradição judaica e dionisíaca, a Congregação dos Anjos está organizada em dois coros principais: Serafins e Querubins.

Os Serafins são a ordem mais elevada de anjos e assistem ao trono e ao altar de Deus. São diversamente referidos como os "ardentes", os "vermelhos" e "seres de fogo", devido à sua associação com o fogo no altar de Deus e o fogo da verdade, particularmente o "teste como que por fogo" que o arcanjo Miguel exige a cada alma que tenta passar para níveis mais elevados do céu. Na Bíblia, os serafins (mencionados apenas em Isaías 6:2 e 6:6) rodeiam o trono de Deus e trazem a Isaías uma brasa do fogo do altar de Deus para purificar os seus lábios e a sua fala.

Os serafins são frequentemente retratados com seis asas. As cores vermelha e branca estão associadas a eles, bem como o elemento fogo. A leitura 275-35 de Cayce refere-se efetivamente ao "coro dos Serafins" ao instruir um jovem sobre a sua formação musical, notando que o "Príncipe da Paz era um harpista" no coro dos Serafins.

Os Querubins, por outro lado, são mencionados ao longo de toda a Bíblia. O seu nome deriva da palavra assíria (ou acádia) *kirubu*, que significa "aquele que ora, abençoa ou intercede", e são frequentemente vistos como aqueles que intercedem entre Deus e os humanos. Como

segunda ordem de anjos, são frequentemente retratados como crianças com asas, mas isto originou-se durante a Idade Média e não é uma imagem original para eles. Os querubins são retratados como tendo quatro asas, e o azul é a cor associada a eles, devido à sua ligação com o céu e, em alguns casos, com o vento e o elemento ar.

As leituras de Cayce retratam os anjos como seres ativos, muito envolvidos na vida dos humanos. Eles foram e são cocriadores com o Criador, e como tal, criaram muito do universo que vemos. Quantos anjos foram criados? De acordo com os egípcios, cada estrela no céu é a luz de um anjo, e existem mais estrelas na porção do universo que é visível a partir da terra do que grãos de areia em todas as praias e desertos da terra!

Os Nove Coros ou Ordens dos Seres Angélicos

A ordem tradicional da hierarquia angélica enquadra-se nas três Tríades da Árvore da Vida na Cabala (Celestial, Moral e Mundana), e em cada uma das três Tríades encontram-se três coros de anjos. Eis a ordem:

Primeiros Coros
Serafins
Querubins
Tronos
Segundos Coros
Dominações (Domínios)
Virtudes
Potestades
Terceiros Coros
Principados
Arcanjos
Anjos

• Os Serafins são a ordem mais elevada das nove ordens de anjos. Rodeiam o trono de Deus cantando continuamente: "Santo, Santo, Santo é o Deus dos Exércitos!" Diz-se que são tão resplandecentes que os humanos não conseguem olhar para eles. Lúcifer estava entre os Serafins antes da rebelião no céu que levou à sua queda e à de muitos anjos. O Príncipe deste coro é Miguel.

• Os Querubins foram a escolha de Deus para a Arca da Aliança. Dionísio, o Areopagita (juiz do Areópago, no livro bíblico dos Atos 17:34), escreveu bastante sobre a tradição dos anjos, e ensinava que estes eram os anjos do saber ou do conhecimento. Foram destacados para guardar a Árvore da Vida da humanidade, para que não comêssemos dela e nos tornássemos fisicamente imortais em vez de espiritualmente imortais. (Génesis 3:24, sendo que no Apocalipse 22:14 esta restrição é revogada, permitindo que os humanos espiritualizados comam do fruto da Árvore da Vida.) Os Querubins têm uma aparência semelhante à humana e são os guardiões da glória de Deus. Na tradição muçulmana, os Querubins foram formados a partir das lágrimas de Miguel sobre os pecados dos Fiéis. São aludidos como assistentes celestiais no Apocalipse (capítulos 4-6). O Príncipe do Coro dos Querubins é Gabriel.

• Os Tronos representam a justiça divina de Deus. Dionísio escreveu: "É através dos Tronos que Deus traz a Sua justiça sobre nós." Este terceiro coro é conhecido como os "de muitos olhos" porque, quando observados por humanos, encontram-se cobertos de olhos. São conhecidos pela sua humildade e submissão à vontade de Deus. Residem na área do cosmos onde a forma material começa a ganhar corpo. Os coros inferiores de anjos precisam dos Tronos para aceder a Deus. O Príncipe dos Tronos é Orifiel, o anjo do sábado e do planeta Saturno. É também o Chefe dos Talismãs.

• As Dominações são consideradas os "Anjos de Liderança". Dionísio escreveu que a sua posição é de autoridade, regulando os deveres dos anjos e dando a conhecer os comandos de Deus. "Através deles a majestade de Deus é manifestada." O Príncipe das Dominações é Zadkiel, o anjo da quarta emanação da Misericórdia e Benevolência na Árvore da Vida da Cabala.

• As Virtudes são conhecidas como os "Espíritos de Movimento" e controlam os elementos (mais sobre isto no capítulo sobre os Elementais). Alguns referem-se a elas como "os resplandecentes". Governam a Natureza. Têm controlo sobre as estações do ano, as estrelas, a lua e o sol. Estão também encarregadas de realizar milagres, e fornecem coragem, graça e bravura. O quinto coro de anjos atua sob as ordens das Dominações e representa o poder de Deus. O Príncipe

do Coro das Virtudes é Uzziel, um dos principais anjos na angelologia rabínica. De acordo com o *Sepher Rezial Hemelack*: O Livro do Anjo Rezial, Uzziel está entre os sete anjos que se encontram perante o trono da Glória.

• As Potestades são anjos guerreiros que lutam contra o mal e defendem os céus e a terra. Lutam contra os espíritos malignos que tentam trazer o caos para a harmonia da vida. O Príncipe deste coro é Kamael (também Camael). Na mitologia druídica, Kamael é o Anjo da Guerra.

• Os Principados constituem o sétimo coro na hierarquia dos anjos. Surpreendentemente, mantêm hostilidade em relação a Deus e, não tão surpreendentemente assim, em relação aos humanos devido ao pecado, que é a desarmonia e o desequilíbrio no Cosmos. O caos resultante do pecado ou da desarmonia deixou-os perturbados e severos no seu julgamento. O discípulo Paulo escreve que Cristo adquiriu o domínio supremo sobre eles em virtude do seu sacrifício ao vencer o pecado e a morte. (Romanos 8:38; 1 Coríntios 15:24; Efésios 1:21, 3:10, 6:12; Colossenses 1:16, 2:10, 15) De acordo com Milton em *Paradise Lost* (VI, p. 447), o Príncipe do Coro dos Principados é Nisroch ("a grande águia"), considerado por alguns como um demónio, continuando a ideia de que os Principados são hostis. Naturalmente, algumas destas descrições refletem um medo dos anjos tanto nos humanos como nos anjos caídos.

• Os Arcanjos são o tipo proeminente de anjos mencionados na Bíblia (alguns exemplos incluem Judas 1:9 e 1 Tessalonicenses 4:16). Em grego, "arcanjo" significa literalmente "anjo principal". Os arcanjos são os mensageiros de Deus para as pessoas em momentos críticos. (Tobias 12:6, 15; João 5:4; Apocalipse 12:7) O Príncipe dos arcanjos é nada mais nada menos do que Metatron.

• O nono coro é o Coro dos Anjos, que inclui os nossos anjos da guarda pessoais, os quais se encontram perante o trono de Deus e apresentam as nossas petições, ao mesmo tempo que velam por nós, para que não tropecemos no nosso caminho de reencontro com o nosso Criador. O Príncipe deste coro é Phaleg, ou Phalec, o espírito governante de Marte, frequentemente referido como o "Senhor da

Guerra". O sinete de Phaleg está entre os amuletos e talismãs usados para proteção.

Nenhum escritor bíblico escreveu tanto sobre os anjos e os seus coros como Paulo. Na verdade, a maior parte da Bíblia não menciona muito sobre anjos até às cartas de Paulo no Novo Testamento. Nestas aprendemos sobre os Principados e Arcanjos e sobre os nomes de vários anjos. Felizmente, existe tanta literatura além da Bíblia sobre anjos que volumes inteiros poderiam ser escritos sobre os anjos e os seus coros. Como citei anteriormente, o próprio Paulo escreve que antes do seu ministério ascendeu (no seu corpo ou fora dele, não tinha a certeza) ao terceiro céu, ao Paraíso, e aprendeu muito sobre aquilo que viria subsequentemente a escrever.

Um anjo significativo nos volumes de Edgar Cayce é Halaliel. Na minha pesquisa de textos angélicos, não consegui encontrar nenhum anjo chamado Halaliel. No entanto, é comum os anjos terem muitos nomes. Por exemplo, Metatron tem mais de 100 outros nomes! Numa leitura muito estranha de Cayce (citada abaixo), descobri que alguns dos presentes acreditavam que Cayce estava a correlacionar Halaliel com um dos anjos mais famosos, Haniel, também conhecido como Anael, Hanael ou Aniel. Haniel é um anjo na angelologia judaica e é frequentemente incluído nas listas como sendo um dos sete arcanjos. Nesta leitura de vida concedida a uma menina de oito anos, Cayce estava a tentar relatar as permanências planetárias desta alma quando, segundo Gladys Davis (a estenógrafa de Cayce), ele fez uma longa pausa. Eis o registo dela sobre esta leitura:

Quanto às permanências astrológicas, encontramos Vénus com [longa pausa...] Haniel é antes o guia para a entidade, pois ele é o senhor supremo — proporcionando experiências na entidade como as de alguém delicado nas suas escolhas, proporcionando uma disposição tendente à elegância, aproveitando ao máximo todas as associações; fazendo amizades facilmente e haurindo força e poder a partir dessas associações de uma maneira e forma que nem a própria entidade — até ter passado pelas experiências de se unificar com a força de desenvolvimento maior — compreenderá quanto a como tal é feito.

665-1

Haniel (que significa "graça de Deus") é o anjo do mês de dezembro e é, segundo *A Theological Discourse of Angels*, o "governador de Capricórnio e Vénus". Haniel é o anjo que transportou Enoque da Terra para o Céu (Enoque não morreu, mas foi "tomado por Deus", Génesis 5:24 e Hebreus 11:5). Haniel é comparado a Ishtar, o anjo caldeu que governa Vénus. Ele é um arcanjo e está listado entre as dez *sefirot* santas.

**Arcanjos das Emanações**

(as santas sefirot)

Uma *sefira* (plural, *sefirot*) é uma emanação original do ser santo de Deus durante a criação do universo. Na Cabala, existem dez *sefirot* santas e dez não santas. As santas emanaram do lado direito de Deus, e as não santas do Seu lado esquerdo. Alguns autores comparam as dez *sefirot* santas aos poderes ou inteligências de Platão, e aos éons ou emanações de luz dos gnósticos.

Como anjos, as *sefirot* santas estão organizadas por esta ordem: Metatron (coroa), Raziel (sabedoria), Zaphkiel (compreensão), Zadkiel (misericórdia), Kamael (poder), Miguel (beleza), Haniel (vitória), Rafael (esplendor), Gabriel (fundamento) e Metatron (reino). Repara que Metatron é tanto o primeiro como o último nesta listagem, o que ecoa a escrita de Paulo sobre o primeiro Adão e o último Adão: "O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante." (1 Coríntios 15:45) [Nota: Em algumas escolas, Miguel é o Esplendor e Rafael é a Beleza, o que parece adequar-se melhor ao significado dos seus respetivos nomes e papéis.]

• Metatron (coroa e reino) é chamado Rei dos Anjos, Anjo da Aliança, Príncipe da Presença e o Menor Javé (o Tetragrama, que é YHWH, o nome do Pai Todo-Poderoso no Céu). Muitos acreditam que este nome revela o seu papel como o Logos, a expressão primária de Deus na criação. Como o Logos, ou "o Verbo" nas linhas de abertura do evangelho de João, Metatron é a ponte entre a humanidade e a divindade. É identificado com Mercúrio, Hermes (o Thoth egípcio), Enoque e várias outras figuras fundamentais, todas elas identificadas pelas leituras de Cayce como encarnações do Logos, o Messias. Existe até uma ligação cabalística entre Adão (antes de

pecar) e Metatron, uma ligação que as leituras de Cayce também estabelecem. A Cabala defende que Metatron foi o anjo guia de Israel durante o êxodo de quarenta anos no deserto em busca da Terra Prometida.

A origem do seu nome estranho é desconhecida e é invulgar entre os nomes hebraicos. Embora seja difícil atribuir-lhe um significado, alguns acreditam que o nome vem do latim *metator*, que significa "um mensurador", o que certamente se adequaria a Hermes/Thoth, que mecia o peso do coração de cada alma para ver se era suficientemente leve para entrar nos céus, registando depois o achado no Rolo, ou Livro da Vida. Metatron mantém "os Arquivos de Metatron". Na angelologia judaica, foi Metatron quem susteve a mão de Abraão, impedindo-o de matar o seu filho Isaac como oferenda de sacrifício a Deus. Metatron reside no Sétimo Céu, a morada de Deus. Quando evocado, aparece como uma coluna de fogo, com o rosto tão resplandecente como o Sol. No *Zohar*, ele é "a vara de Moisés", da qual vem a vida de um lado e a morte do outro.

Surpreendentemente, Metatron é o Anjo da Morte enquanto é, ao mesmo tempo, o Anjo da Ressurreição! O *Zohar* equipara-o a Adão antes de pecar: puro, poderoso e sempre na companhia de Deus. Curiosamente, Metatron é também considerado o professor das crianças que morreram prematuramente.

• Raziel (sabedoria) é o lendário autor de *O Livro do Anjo* (*Sefer Raziel*) da Cabala. O seu nome significa "Segredo de Deus". Diz-se que Noé aprendeu a construir a arca lendo o tomo de Raziel. Raziel é o Heraldo da Divindade e o Anjo Preceptor de Adão. De acordo com a lenda, o grande poder de Raziel é a magia. No *Targum Eclesiastes* (10, 20), o comentário mais antigo sobre o Eclesiastes bíblico, Raziel é o anjo que estava no Monte Horebe a proclamar os segredos a toda a humanidade. Na Cabala, ele é o Chefe dos *Erelim*. Os *Erelim* são os Anjos da Paz e são conhecidos por chorar sobre a destruição e a morte.

• Zaphkiel (compreensão) é o governador do reino planetário de Saturno. O seu nome significa "Conhecimento de Deus". É o Chefe da Ordem dos Tronos e Governante da Ordem dos Querubins — os anjos

enviados para guardar os portões do Éden. Originalmente eram retratados como os portadores do Trono de Deus, como os condutores dos carros, e como seres poderosos de quatro asas e quatro rostos. Zaphkiel é também o Heraldo do Inferno, levando mensagens àqueles que se perderam e sofrem nos seus pecados.

• Zadkiel (misericórdia) é o Anjo da Benevolência, da Misericórdia e da Memória, e o Chefe da Ordem das Dominações. O seu nome significa "Justiça de Deus". É o governante do reino planetário de Júpiter. No *Zohar*, Zadkiel junta-se a Zophiel (outro nome para Zaphkiel) quando o arcanjo Miguel vai para a batalha contra os Anjos das Trevas. Em algumas tradições e livros de magia, Zadkiel é o Regente do Inferno, governando sobre as almas perdidas e os pecadores — como tal, é confortador saber que ele é também o anjo da misericórdia.

• Kamael, frequentemente Camael (força), que significa "Aquele Que Vê Deus", é o Chefe da Ordem das Potestades. Os druidas consideravam-no o deus da guerra. Naturalmente, é o guardião angélico do reino planetário de Marte (o deus romano da guerra). É referido como "o talismã dos anjos"; daí que a palavra camafeu venha do nome deste anjo, Camael.

• Miguel (beleza, ou alguns dizem esplendor) é o Chefe dos Arcanjos, Protetor da Presença (de Deus) e Chefe da Ordem das Virtudes. É o Anjo do Arrependimento, da Justiça, da Misericórdia e da Santificação. O seu nome significa: "Quem é como Deus". Governa o 4.º Céu e é o anjo da guarda de Israel (mas Israel no sentido de todos os que procuram a Deus). É o conquistador de Satanás (ver capítulo 12 do Apocalipse). O seu nome secreto é Sabbathiel (Senhor do Sábado, "o interregno"), indicando que quando os humanos descansam do seu fazer deliberado e quando procuram a Deus em oposição a interesses egoístas, ele os protege. A sua missão, de acordo com as leituras de Cayce, é a de "senhor [ou guarda] do Caminho, não o Caminho mas o senhor do Caminho, por isso disputou com a influência do mal..." (5749-3)

• Haniel (vitória) significa Graça de Deus, Glória de Deus, ou "Aquele Que Vê Deus". É o Chefe da Ordem dos Principados e

governador de Vénus, tal como o anjo caldeu Ishtar. Os seus poderes eram frequentemente evocados através do uso de um amuleto. O seu nome foi encontrado em muitos amuletos antigos.

• Rafael (esplendor, ou alguns dizem beleza) significa "Deus Curou". É uma das presenças com poderes sobre as doenças e feridas que afligem os filhos dos homens. É um dos três anjos que Abraão questionou sobre a salvação de Sodoma e Gomorra (Génesis 18; acreditava-se que os outros dois eram Miguel e Gabriel). A lenda defende que Rafael entregou a Noé um livro de cura depois de este ter desembarcado e se dispor a repovoar o mundo. É o Anjo do Sol, Príncipe do Segundo Céu, Chefe das Virtudes, Guardião da Árvore da Vida e o Anjo da Cura. É-lhe creditado o papel de anjo que agitava as águas curativas em Betsaida (João 5). Esta água curava o primeiro que nela entrasse. No Livro de Tobias (um livro dos Apócrifos do Antigo Testamento), o arcanjo Rafael é mencionado.

• Gabriel (fundamento) significa "Deus É a Minha Força". Nas três religiões do "Livro" (Bíblia) — Judaísmo, Cristianismo e Islamismo — ele é um dos dois anjos do topo, juntamente com Miguel. Ele e Miguel são os únicos dois anjos nomeados diretamente no Antigo Testamento (outros anjos são secretamente conhecidos mas não nomeados). As leituras de Cayce afirmam: "Gabriel é, com certeza, o Anunciador." (5277-1) Gabriel preside ao Paraíso e é o governante do Primeiro Céu. Maomé disse que Gabriel (Jibril, no Islamismo) lhe ditou o Alcorão. Gabriel é o Anjo da Guarda dos Ismaelitas (os árabes). É o anjo que apareceu ao profeta Daniel e lhe contou tudo sobre o futuro do seu povo, e foi o primeiro a anunciar a vinda do Messias. A lenda defende que Gabriel foi o homem-anjo com quem Jácome lutou para obter a sua bênção e o seu novo nome, Israel. (Génesis 32:24)

• Metatron (reino) significa o "menor Javé", governante da primeira emanação, que também governa esta décima e última emanação. Esta é a única emanação capaz de conter a explosão expressiva inicial de luz, vida e consciência de Deus. Nenhuma outra emanação conseguiria conter tal poder e intensidade.

**Outros Anjos**

Ocasionalmente, outro anjo falava através do Cayce "adormecido". Um ser angélico chamado Halaliel (pronunciado Ha-la-lee-EL ou Ha-la-leel) identificou-se pela primeira vez através de Cayce em estado de transe a 15 de outubro de 1933, durante uma leitura do Grupo de Estudo sobre a lição intitulada "Dia e Noite", e falou através de Cayce intermitentemente durante cerca de três anos. Tinham sido dadas cinquenta e cinco leituras a este Grupo de Estudo até essa altura. Ocasionalmente, tinham surgido mensagens através do Cayce adormecido vindas de outras entidades nos reinos espirituais, mas nunca antes a leitura completa tinha sido creditada a uma única entidade espiritual. A leitura começou e continuou como de costume, mas terminou com uma nota estranha. Eis a última pergunta desta leitura e a resposta dada.

P: Comente o seguinte... traz alguma luz de verdade?

O Criador, ao procurar encontrar ou criar um ser digno de companheirismo, percebeu que tal ser resultaria apenas de um livre-arbítrio a exercer a sua herança divina e a encontrar, através dos seus próprios esforços, o seu Criador. Assim, para tornar a escolha verdadeiramente Divina causou a existência de estados de consciência que de facto testariam o livre-arbítrio de uma alma; assim a luz e a escuridão. Na verdade, apenas aqueles provados como que pelo fogo podem entrar.

R: A única variação que faríamos é que todas as almas no princípio eram uma com o Pai. A separação, ou o afastar-se, trouxe o mal. Tornou-se então necessária a tomada de consciência do eu estar fora de harmonia com, ou fora do reino da bem-aventurança; e, como foi dado sobre o Filho, "contudo aprendeu a obediência pelas coisas que padeceu".

VINDE, meus filhos! Sem dúvida ganharam com o comentário deste dia, um novo iniciado falou em ou através deste canal; Halaliel [?], que estava com aqueles que no princípio guerrearam contra aqueles que se separaram e se tornaram como nada.

262-56

A linha de encerramento refere-se à lendária batalha entre os anjos da rebelião, liderados por Lúcifer, e os anjos da luz, liderados

por Miguel. Aparentemente, Halaliel estava entre esses anjos da luz que guerrearam contra os anjos separadores, que mais tarde se tornaram conhecidos como os Anjos Caídos.

A vez seguinte em que Halaliel é mencionado pelo Cayce adormecido é a 24 de outubro de 1933, na leitura da manhã. Desta feita a leitura é uma "leitura de pesquisa" lidando com os temas dos fenómenos psíquicos, do espiritismo e do espiritualismo. A leitura termina novamente de forma muito estranha, fornecendo uma lista de entidades que podem ser úteis para obter uma melhor compreensão destes conceitos, instruindo o condutor (Gertrude Cayce, esposa de Edgar) a convocar estas "forças" para estarem presentes na leitura seguinte.

As forças aqui reunidas podem ser usadas na obtenção deste conceito. À medida que procuram, perguntem primeiro se todos estes estão presentes: Lameque, Confúcio, Tamah, Halaliel, Hebe, Rá, Ra-Ta, João.

5756-10

Nessa mesma tarde, na leitura das 15h, Gertrude começou a leitura de acordo com a sugestão da manhã.

GC (Gertrude Cayce): Se as "forças" Lameque, Confúcio, Tamah, Halaliel, Hebe, Rá, Ra-Ta, João estão presentes, procuramos a resposta à seguinte pergunta.

5756-11

As notas de Gladys no final desta leitura incluem esta afirmação: "Edgar Cayce disse ao acordar que gostaria de se sentir sempre rodeado por influências tão úteis quanto se sentiu desta vez."

A 7 de janeiro de 1934, foi dada a quinquagésima sétima leitura do Grupo de Estudo, e um dos presentes perguntou: "Quem é Halaliel?" Eis a resposta:

Um em cujos e com cujos tribunais Ariel lutou quando houve a rebelião no céu. Ora, onde é o céu? Onde está Ariel, e quem era ele? Um companheiro de Lúcifer ou Satanás, e um dos que provocaram a disputa das influências nas experiências de Adão no Jardim.

262-57

Claramente, estamos a lidar com a lendária guerra dos anjos. Todos os anjos foram originalmente criados à imagem do Criador, mas através do mau uso do livre-arbítrio, alguns rebelaram-se contra o espírito cooperativo da Unicidade. Esta rebelião não seria permitida; era como um cancro na Consciência Universal. Assim, foram expulsos do céu até ao momento em que se arrependeram dos seus caminhos de busca pessoal e se voltaram a sintonizar com o espírito harmonioso de unicidade do Criador. Repara que os significados literais dos seus nomes são bastante belos e poderosos, como originalmente deviam ser: Ariel significa "leão de Deus" e Lúcifer significa "portador da luz". O nome Satanás vem na verdade de uma palavra hebraica que significa simplesmente "adversário". É por isso que o Messias é frequentemente chamado "o defensor"; ele é a nossa influência contrária ao adversário.

No final desta leitura, Gladys notou que Edgar Cayce teve uma experiência ligeiramente diferente durante a leitura. Normalmente, ele iria ao Salão dos Registos para receber o Livro da Vida (os registos) do indivíduo para quem a leitura estava a ser dada. Desta vez, no entanto, sentiu que uma "atividade de grupo" teve lugar nas traseiras do edifício onde recebeu os registos. Poderia ter sido este o grupo de Lameque, Confúcio, Tamah, Halaliel, Hebe, Rá, Ra-Ta e João?

A vez seguinte em que Halaliel é mencionado é a 8 de janeiro de 1934, numa leitura para uma líder da sociedade e teósofa (443). Ela tinha estado a fazer uma série de perguntas muito complexas sobre misticismo e verdade espiritual, e depois perguntou:

P: Quão elevada é esta fonte de onde esta informação está a ser dada?

R: Das forças universais, e conforme emanada através do professor que a dá — como um que foi dado — Halaliel.

443-3

Poucos dias depois, a 19 de janeiro, obtemos o primeiro material sobre transformações terrestres fornecido por Halaliel, ou pelo menos alguma parte da leitura foi de Halaliel, porque ele próprio o diz no

meio da leitura. Toda esta leitura é invulgar. Pela primeira vez, estão a usar um instrumento de gravação para gravar a leitura. Em vez de ser Gertrude a conduzir, o seu filho mais velho, Hugh Lynn Cayce, foi o condutor; e na sua sugestão inicial a Edgar, instrui Edgar a parar a cada quinze minutos para que o aparelho de gravação possa ser recarregado. Surpreendentemente, o Edgar adormecido para exatamente a cada quinze minutos ao longo da leitura, mesmo que esteja a meio de uma frase. Eis a sugestão inicial de Hugh Lynn e a resposta do Edgar adormecido:

HLC (Hugh Lynn Cayce): Procuramos neste momento informação que seja de valor e interesse para os presentes... relativamente às transformações espirituais, mentais e físicas que estão a chegar à terra. Dir-nos-ás que papel podemos desempenhar no confronto destas transformações e ao ajudar outros a compreendê-las. No final de cada período de quinze minutos farás uma pausa, até eu te dizer para continuares, enquanto o instrumento de gravação é preparado. Falarás com clareza a um ritmo normal de fala, e responderás às perguntas que fizermos.

EC (Edgar Cayce): Sim; à medida que cada um de vós aqui reunidos tem o seu próprio desenvolvimento individual, contudo, à medida que cada um procura ser um canal de bênçãos para o seu semelhante, cada um sintoniza-se com o Trono da informação universal. E pode ser-vos concedido aquilo que pode ser benéfico, não apenas na vossa própria experiência, mas aquilo que se provará útil, esperançoso, na experiência de outros.

A partir daqui, a leitura passa a uma breve descrição do número e da natureza das entidades espirituais que estão agora reunidas ao seu redor para ajudar nesta leitura. Em seguida, a leitura fala sobre o regresso de um dos seus membros à Terra para ajudar neste período vindouro de transformações terrestres. A entidade que regressa é o discípulo João, o Bem-Amado, autor do Evangelho de João e do Apocalipse. Depois, a leitura começa a abordar as mudanças físicas e mentais, frequentemente referidas como «transformações terrestres».

Quanto às transformações materiais que hão de servir de agouro, de sinal para aqueles de que isto está prestes a acontecer — como foi

dado na antiguidade, o sol escurecerá e a terra será despedaçada em diversos lugares — e então será proclamado — através da interceção espiritual nos corações, mentes e almas daqueles que procuraram o Seu caminho — que a Sua estrela apareceu, e apontará o caminho para aqueles que entrarem no santo dos santos em si mesmos. Pois, Deus o Pai, Deus o Mestre, Deus o diretor, nas mentes e corações dos homens, deve estar sempre naqueles que O chegam a conhecer como o primeiro e principal na busca dessas almas; pois Ele é primeiro o Deus para o indivíduo e, à medida que é exemplificado, à medida que se manifesta no coração e nos atos do corpo, do indivíduo, Ele torna-se manifestado perante os homens. E àqueles que procuram na última parte do ano do nosso Senhor (como tendes contado entre os homens) de 36, Ele aparecerá. (3976-15, *o meu destaque está em itálico*.)

O meu destaque isola a frase que se ajusta tão bem às visões do Profeta Daniel. Recorde-se que um dos pontos de Daniel era a entrada no santuário, o santo dos santos dentro de cada um de nós. Aqui, Halaliel fala sobre a mesma atividade, dizendo que aqueles que entrarem no seu santuário saberão, serão guiados. A frase «Ele aparecerá» é desenvolvida mais detalhadamente em outras partes das leituras de Cayce, afirmando que o Messias surge primeiro nos corações e mentes daqueles que procuram esta influência, passando depois para o domínio físico, até se manifestar plenamente, tal como nós, encarnado. Cayce diz: «Ele caminhará e falará com pessoas de todas as partes do mundo.» Aqui, Halaliel afirma que o início deste processo ocorre em «36» (presumivelmente, 1936), para aqueles que procuram dentro de si mesmos. Curiosamente, Cayce declarou que Jesus Cristo regressará com o mesmo corpo que levou consigo na Galileia (5749-4). Em seguida, Halaliel prossegue, focando-se nas transformações terrestres, e aborda subitamente a profecia bíblica do Armagedão (Apocalipse 16:16):

Assim como vistes aqueles em posições humildes serem elevados a posições de poder na política, na engrenagem das atividades das nações, assim vereis aqueles em posições elevadas serem reduzidos e a clamar pelas águas da escuridão para os cobrirem. E aqueles que nos recessos mais íntimos de si mesmos despertarem para as verdades espirituais que hão de ser dadas, e aqueles lugares que atuaram na

qualidade de mestres entre os homens, a podridão daqueles que ministraram em tais lugares será trazida à luz, e tumultos e lutas entrarão.

E, como há a hesitação da parte daqueles que entrariam como emissários, como mestres, a partir do trono da vida, do trono da luz, do trono da imortalidade, e travariam guerra no ar com os da escuridão, sabereis então que o Armagedão está próximo. Pois, com os grandes números do ajuntamento das hordas daqueles que impediram e fariam do homem e das suas fraquezas pedras de tropeço, eles travarão guerra com os espíritos de luz que vêm à terra para este despertar; que foram e estão a ser chamados por aqueles dos filhos dos homens para o serviço do Deus vivo. Pois Ele, como vos foi dito, não é o Deus dos mortos, não é o Deus daqueles que O abandonaram, mas daqueles que amam a Sua vinda, que amam as Suas convivências entre os homens — o Deus dos vivos, o Deus da Vida! Pois Ele é a Vida.

3976-15

Neste ponto, a leitura regressa ao retorno de João, o Bem-Amado, cujo nome é indicado como «João Peniel» (pronunciado pen-ee-EL ou pen-neal). Naturalmente, peniel significa «face de Deus» em hebraico, e foi o nome que Jacob deu ao lugar onde se encontrou com Deus face a face. O próprio nome de Jacob foi mudado para Israel, que significa «aquele que luta com Deus». A leitura diz que João será conhecido na América por aqueles que passaram pela regeneração nos seus corpos, mentes e espíritos, e que ele dará «a nova ordem das coisas». João será capaz de tornar estas coisas «claras na mente dos homens, para que conheçam a verdade, a vida, a luz os libertará». Em seguida, a leitura entra num apelo intenso e inspirador ao despertar, repleto de frases bíblicas e terminando com Halaliel a identificar-se como o transmissor desta informação:

Eu declarei isto, que me foi entregue para vos dar a vós, vós que aqui estais sentados e que ouvis e vedes uma luz a despontar no oriente, e ouvistes, vistes as vossas fraquezas e as vossas críticas, e sabeis que Ele endireitará os vossos caminhos se apenas viverdes aquilo que sabeis hoje — então, que o passo seguinte, a palavra

seguinte, vos seja declarada. Pois vós, na vossa fraqueza, conhecestes o caminho, através daquilo que manifestastes do Espírito da verdade e da luz que foi proclamado nesta terra, que foi confiado à guarda Daquele que de Si mesmo não fez património, mas que trouxe à existência tudo o que vedes manifestado na terra, e vos declarou esta mensagem: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração», e a segunda é semelhante a esta: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo». Quem é o teu próximo? Aquele a quem podes ajudar de qualquer modo em que ele, o teu próximo, o teu irmão, tenha sido perturbado. Ajuda-o a manter-se sobre os seus próprios pés. Pois só esses podem conhecer o caminho aceitável. O fraco, o instável, deve entrar no crisol e tornar-se como nada, tal como Ele, para que possa conhecer o caminho. Eu, Halaliel, falei. . .

P: Há mais algum conselho ou recomendação para nós aqui reunidos, que nos permita compreender melhor a nossa responsabilidade?

R: Todos os aqui reunidos em nome de Deus, que é o Pai, para aqueles que procuram conhecer os Seus caminhos — e que é como algo fora do véu da sua compreensão, a menos que seja procurado, tal como o conselho do Pai, desse Deus-Mãe em cada alma que procura conhecer as ordens; não como quem colheria vingança, mas antes como o Pai amoroso e misericordioso. Pois, assim como mostrais misericórdia, assim o Pai vos poderá mostrar misericórdia.

Assim como mostrais a sabedoria, assim como mostrais o amor ao vosso semelhante, assim o amor poderá ser mostrado, assim a sabedoria, assim os passos orientadores dia a dia vos poderão ser mostrados. Sede alegres no Senhor, sabendo que Ele está sempre presente com aqueles que procuram a Sua face. Ele não está no céu, mas faz o céu no vosso próprio coração, se O aceitardes. Ele, Deus, o Pai, está presente e manifesta-se naquilo que dais ao vosso semelhante na vossa própria experiência.

Se quereis conhecer o Pai, sede o pai para o vosso irmão. Se quereis conhecer o amor do Pai, mostrai o vosso amor ao vosso irmão vacilante, ao vosso irmão que erra — mas àqueles que procuram, não aos que condenam.

Terminámos.

3976-15

Halaliel continua a fazer aparições nas leituras ao longo dos meses seguintes de 1934. No dia 9 de setembro, o Grupo de Estudo reuniu-se novamente para a sua septuagésima primeira leitura, recebendo o que acreditavam ser mais informações sobre Halaliel, embora isso não seja explicitamente declarado como tal na leitura. Eis o que ouviram e presumiram referir-se a Halaliel:

A todos daríamos: Sede pacientes. A parte que escolhestes em tal trabalho é nascida da verdade. Deixai-a entrar e fazer parte da vossa vida diária. Olhai para o interior das experiências, pois, como se verá, meus filhos, foi designado alguém que vos pode ajudar nas vossas lições futuras, e ele será o vosso mestre, o vosso guia, [Halaliel?] alguém enviado através do poder dos vossos próprios desejos. Vós próprios, então, podeis apresentar o seu ser, encontrando, vivendo, habitando convosco. Não o Cristo, mas o Seu mensageiro, com o Cristo desde o princípio, e é para outros mundos o que o Cristo é para esta terra.

262-71

Alguns no Grupo de Estudo, incluindo Hugh Lynn Cayce, quiseram rejeitar a ajuda de Halaliel, receosos de poderem ser desviados de Cristo. Acabaram por rejeitar a sua ajuda e pediram que apenas o Cristo os guiasse. Gladys nota que «dois ou três no grupo ainda não estavam convencidos de que estávamos certos ao rejeitar a ajuda de Halaliel na preparação das lições». Qualquer que seja a verdade sobre Halaliel, não voltamos a ouvir nada dele, e os seus comentários sobre as transformações terrestres são frequentemente questionados por aqueles que sentem que ele não era uma fonte elevada, apesar dos comentários da leitura em contrário. Felizmente, temos muitas outras leituras de Cayce sobre transformações terrestres que apoiam e expandem as profecias de Halaliel.

Outro anjo, ou melhor, um arcanjo, falava ocasionalmente através de Cayce em estado de transe, geralmente quando ele e o seu pequeno grupo de ajudantes se estavam a desviar do caminho ou a discutir entre si. Era Miguel. Eis alguns desses discursos:

Escutai! Eis que vem a voz de alguém que quer falar aos aqui reunidos: (pausa)

Eu sou Miguel, senhor do Caminho! Dobrai a vossa cabeça, ó filhos dos homens!

Prestai atenção ao caminho que vos é apresentado naquele Sermão da Montanha, naquele monte distante esta iluminação possa chegar entre os homens; pois assim como a voz daquele que estava à beira do mar e chamou todos os homens ao caminho, para que aqueles que ouvissem soubessem que havia novamente um cajado em David, e a vara de Jessé não falhou: pois em Sião os vossos nomes estão escritos, e no serviço virá a verdade! (254-42; *o itálico é usado para destacar o volume da voz ressonante de Edgar quando Miguel fala.*)

Eis outro exemplo:

Inclinai as vossas cabeças, filhos dos homens! Pois eu, Miguel, senhor do Caminho, falaria convosco! Raça de víboras, geração adúltera, sede avisados! Há hoje diante de vós o bem e o mal! Escolhei a quem quereis servir! Andai no caminho do Senhor! Ou então virá aquele ajuste de contas repentino, como vistes! Inclinai as vossas cabeças, vós que sois ingratos, impenitentes! Pois a glória do Senhor está próxima! A oportunidade está diante de vós! Aceitai ou rejeitai! Mas não sejais porcos! Mantende o corpo nesse modo de atividade de forma a eliminar os venenos. E depois mantende a mente corporal, o corpo físico, limpos à vista do vosso Deus.

294-208

Cayce foi questionado sobre anjos, arcanjos e, especificamente, sobre o arcanjo Miguel. Eis algumas das suas respostas:

(P) Os anjos e arcanjos são sinónimos daquilo a que chamamos as leis do universo? Se sim, explique e dê um exemplo.

(R) São como as leis do universo; como é Miguel, o senhor do Caminho, não o Caminho, mas o senhor do Caminho, daí ter disputado com a influência do mal quanto ao caminho do espírito do mestre ou diretor na sua entrada pela porta exterior. [Ver Judas 1:9 relativamente a Miguel, o arcanjo, «quando, contendendo com o diabo, disputava o corpo de Moisés» quando Moisés morreu.]

(P) Dará nesta altura um discurso sobre o tema: «Anjos e Arcanjos, e Como Eles Ajudam a Humanidade».

(R) Sim. Com o trazer à criação das formas manifestadas, surgiu aquilo que foi, é e sempre será, o domínio espiritual e os seus atributos — designados como anjos e arcanjos. Eles são as manifestações espirituais no mundo espiritual daqueles atributos que as forças em desenvolvimento acreditam vir da Fonte Única, que podem ser vistos nos planos materiais através das influências que podem ajudar no desenvolvimento das forças mentais e espirituais através de uma experiência — ou na aquisição de conhecimento que possa ajudar no relacionamento de uns com os outros.

5749-3

(P) Qual é a relação entre Miguel, o senhor do caminho, e Cristo, o caminho?

(R) Miguel é um arcanjo que está diante do trono do Pai. O Cristo é o Filho, o caminho para o Pai, e alguém que veio à terra como homem, o Filho do homem, para que o homem pudesse ter acesso ao Pai; daí o caminho. Miguel é o senhor ou o guarda da mudança que ocorre em cada alma que procura o caminho, tal como nesses períodos em que as Suas manifestações vieram à terra.

«Inclinai as vossas cabeças, ó filhos dos homens, se quereis conhecer o caminho: pois eu, Miguel, o senhor do Caminho, vos aviso para que não estejais no caminho do vosso irmão nem vos senteis nas cadeiras dos escarnecedores, mas antes façais conhecido esse amor, essa glória, esse poder em seu nome, para que ninguém tenha medo; pois eu, Miguel, falei!»

[*Nota da estenógrafa: A leitura acima foi dada de forma tão poderosa que muitos de nós foram levados às lágrimas; todos ficaram profundamente comovidos.*]

(262-28)

## 3

## Encontros com Anjos

## Encontros Bíblicos com Anjos

Há 194 encontros com anjos mencionados na Bíblia, alguns pelo espírito de um anjo guiar, alguns são aparências físicas reais de um anjo, e alguns encontros com um anjo ocorreram em sonhos. Nada menos que cinquenta e três destes encontros ocorreram no Apocalipse visionário do apóstolo João.

A primeira aparição angélica é a Hagar, a serva de Sara, em Génesis 16:7. Na verdade, Hagar e o seu filho Ismael, de Abraão, vivenciam cinco aparições de um anjo do Senhor. Mais tarde, em Génesis 22:11, quando Abraão está prestes a sacrificar o seu filho Isaac, de Sara, um anjo do Senhor aparece e impede-o. Em Génesis 24, um anjo do Senhor guia o servo de maior patente de Abraão numa missão para encontrar uma mulher para Isaac, filho de Abraão, entre os parentes de Abraão na terra natal — ele encontra a agora famosa Rebeca, a eventual mãe de Jacob, pai das doze tribos de Israel. Em Génesis 31:10, Jacob recebe uma mensagem de um anjo num sonho.

Uma das aparições angélicas mais famosas foi a Moisés em Êxodo 3:2, quando um anjo do Senhor apareceu como uma chama de fogo no meio de uma sarça que parecia estar a arder mas não se consumia. Aqui, o anjo ensina Moisés a erguer a serpente do chão do deserto e a transformá-la num cajado mágico para realizar milagres perante o faraó. Muito mais tarde, Jesus refere Nicodemos a este evento, dizendo: «E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna.» O mistério nesta afirmação é que Nicodemos saberia que não só Adão e Eva caíram da graça no Jardim do Éden, mas a serpente também caiu. E a serpente representava a força vital, o élan vital ou, em termos orientais, a Kundalini. E esta energia não é apenas física, mas também mental e emocional. Nos ensinamentos orientais, estas duas qualidades de energia são simbolizadas como rodas (chakras) e níveis de consciência (lótus).

Para que Moisés pudesse realizar milagres e, eventualmente, subir à montanha e encontrar Deus face a face, ele teve de erguer a força vital do seu corpo e a consciência da sua mente, simbolizadas no erguer da serpente do chão do deserto. Mais tarde, quando todo o povo está no deserto com Moisés, ele tem de fazer isto novamente, porque o

povo está envenenado por serpentes — estas são as «serpentes» de vibrações e consciência mais baixas. Quando Moisés coloca uma serpente num cajado erguido, o povo sofredor é todo curado pela imagem — porque a sua consciência mais profunda perceciona o significado desta imagem, deste símbolo: ergue a força vital dentro de ti para níveis mais elevados de vibração e consciência.

Ao longo do Êxodo, Deus envia um anjo diante deles para os proteger e guiar até à Terra Prometida.

As leituras de Edgar Cayce adicionam uma perspetiva interessante ao uso do nome Israel por Jesus. Cayce diz que o verdadeiro Israel se reflete na origem deste nome, que é Jacob a procurar tão persistentemente ser abençoado por Deus que chega a lutar com um anjo de Deus até que o anjo finalmente concorda em abençoá-lo. Eis essa passagem. Note-se que Jacob está «sozinho» e, no entanto, a lutar, o que é a indicação de que ele está no Espírito a lutar com um anjo do Senhor.

E Jacob ficou sozinho; e lutou com ele um homem, até ao romper da alva.

E vendo este que não podia com ele, tocou-lhe na juntura da sua coxa, e se deslocou a juntura da coxa de Jacob, lutando com ele.

E disse: Deixa-me ir, porque já a alva subiu. Porém ele disse: Não te deixarei ir, se me não abençoares.

E disse-lhe: Qual é o teu nome? E ele disse: Jacob.

Então disse: Não se chamará mais o teu nome Jacob, mas Israel; pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste.

E Jacob lhe perguntou, e disse: Dá-me, peço-te, a saber o teu nome. E disse: Por que perguntas pelo meu nome? E abençoou-o ali.

E chamou Jacob o nome daquele lugar Peniel, porque dizia: Tenho visto a Deus face a face, e a minha vida foi salva. (Génesis 32:24-30)

Eis a explicação de Cayce sobre isto.

Este é o significado, este deveria ser o entendimento para todos: Aqueles que procuram são Israel. Aqueles que não procuram, não ouvistes: «Não penseis em chamar-vos a promessa em Abraão. Não sabeis que o Senhor é capaz de suscitar das próprias pedras filhos a Abraão?» Portanto, Abraão significa chamado; assim, Israel significa aqueles que procuram. Como obteve o suplantador [o nome Jacob em hebraico significa «suplantador»] o nome Israel? Pois ele lutou com o anjo, e esteve face a face a procurar conhecer o Seu caminho. Assim é connosco que somos chamados e procuramos a Sua face; nós somos o Israel.

(262-28; *o meu itálico*)

Israel é o procurador da verdade.

5377-1

Na Bíblia, não é invulgar que um anjo seja referido como «um homem». Eis um exemplo de Zacarias:

«Vi de noite, e eis um homem montado num cavalo vermelho; [Este cavalo vermelho também se encontra no Apocalipse.] e ele estava entre as murteiras que estavam na profundeza; e atrás dele estavam cavalos vermelhos, castanhos e brancos. E eu disse: Senhor meu, quem são estes? E disse-me o anjo que falava comigo: Eu te mostrarei quem estes são. Então respondeu o homem que estava entre as murteiras, e disse: Estes são os que o Senhor enviou para passearem pela terra. E eles responderam ao anjo do Senhor, que estava entre as murteiras, e disseram: Nós já passeámos pela terra, e eis que toda a terra está tranquila e em descanso. Então o anjo do Senhor respondeu, e disse: Ó Senhor dos Exércitos, até quando não terás compaixão de Jerusalém, e das cidades de Judá, contra as quais te iraste estes setenta anos? E respondeu o Senhor ao anjo que falava comigo palavras boas, palavras consoladoras.» (Zacarias 1:8-13)

E na história de Abraão e dos três «homens» que estavam a caminho de Sodoma e Gomorra para as julgar e destruir, se necessário, os homens são na realidade anjos. Poderá recordar-se de que Abraão os convenceu a poupar as cidades se conseguissem encontrar dez pessoas boas entre a população — mas apenas encontraram quatro: Ló, a sua mulher e duas filhas.

Um encontro extremamente interessante com um anjo ocorre quando Balaão, montado num jumento, tenta seguir por um caminho. O humilde jumento vê um anjo feroz do Senhor parado no caminho, mas o seu dono não o vê e continua a tentar forçá-lo a avançar pelo caminho. Três vezes o jumento tenta evitar o anjo; e três vezes Balaão o azorraga, até que o jumento não aguenta mais e fala com Balaão! Isto deve ter chocado Balaão e, nesse momento, o anjo faz notar a sua presença a Balaão. Imediatamente Balaão cai por terra e humilha-se perante o anjo e pede perdão pelos seus pecados. (Números 22:23-35)

Em Juízes 2:4, um anjo do Senhor fala a «todo o povo», quebrando o padrão de falar apenas a indivíduos.

Em Juízes 13:18, um anjo explica a Manoel que o nome de um anjo é secreto.

Em tempos pós-bíblicos, muitos dos nomes secretos dos anjos foram publicados e usados em encantamentos mágicos e para evocar a presença e o poder do anjo.

Em II Samuel 24:16, o Senhor detém a mão do Seu anjo de destruição que estava a lançar uma praga sobre o povo pelos seus maus caminhos, dizendo: «Basta.» E o anjo para. Isto prefigura os anjos de destruição que são tão ativos no livro do Apocalipse. E, embora pareça ser vingança, é na verdade uma limpeza, uma purga das influências terrenas nos corações e mentes das pessoas, fazendo com que elas saiam mais fortes e mais sábias sobre o bem e o mal, a luz e as trevas, a saúde e a doença, e afins.

Nos dois livros dos Reis, Elias tem muitas experiências com «um anjo do Senhor», incluindo um que o alimenta no deserto. No livro de Daniel, está registado que «um anjo do Senhor» fechou a boca dos leões que deviam devorar Daniel na cova dos leões.

Histórias de anjos e de ajuda angélica também se encontram no Novo Testamento, particularmente trazendo mensagens de informação e profecia e até guiando pessoas encarnadas para a sua proteção contra pessoas más, como o sonho de José no qual um anjo o avisa para fugir, pois Herodes vai matar todos os bebés do sexo masculino com menos de dois anos, num esforço para matar o profetizado «Rei dos Judeus» que os três sábios do Oriente vieram ver. O anjo instrui

especificamente José a fugir para o Egito e, em seguida, regressa a José após a morte de Herodes, informando-o de que é seguro regressar a Jerusalém.

Como afirmei no início, o Apocalipse tem cinquenta e três encontros com anjos, havendo até um em que o arcanjo Miguel entra na visão de João. Eis essa passagem:

«E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos; mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram precipitados com ele.» (Apocalipse 12:7-9)

Esta passagem indica que Satanás e os seus anjos caídos estão na Terra! Isto explicaria algum do medo que capturou os corações e mentes de muitos, e os séculos de purga de pessoas consideradas possuídas pelas forças do mal de Satanás e dos seus anjos, como a cruel Inquisição e os histéricos julgamentos de bruxas. Como foi revelado nos discursos de Cayce e no capítulo anterior deste livro, existe de facto o mal, e ele pode e chega a possuir as pessoas. Cayce foi questionado sobre o anticristo nesta leitura:

«(P) Sob que forma vem o anticristo, mencionado no Apocalipse?

«(R) No espírito daquilo que se opõe ao espírito da verdade. Os frutos do espírito de Cristo são amor, alegria, obediência, longanimidade, amor fraternal, bondade. Contra tais coisas não há lei. O espírito de ódio, o anticristo, é a contenda, a luta, a crítica, os amantes de si mesmos, os amantes de louvores. Esses são o anticristo, e tomam conta de grupos, massas, e mostram-se até na vida dos homens.»

281-16

Claramente, Cayce via o anticristo como um espírito do mal que toma posse de indivíduos, comunidades, nações e das massas. Este espírito possui muitas das mesmas fraquezas da natureza humana: ódio, contenda com os outros e consigo mesmo, a busca de falhas nos

outros e em si mesmo, e qualidades egotistas de autoexaltação e autossatisfação.

De certa forma, este mal é mais perigoso do que seres malignos, porque a grande maioria dos seres humanos já vivenciou, em um momento ou outro, essas atitudes, emoções e disposições. Eu próprio já os vi pessoalmente ir e vir dentro de mim e daqueles com quem partilho a vida! E quando leio sobre a serpente no Jardim do Éden (e o arcanjo Miguel identifica o dragão vermelho do Apocalipse como sendo originalmente essa serpente) e como ela enganou Eva, ocorre-me que isso poderia ter sido um «espírito» dentro do coração e da mente de Eva, em vez de uma entidade fora dela. Ela poderia ter racionalizado como o fruto proibido não era na verdade tão mortal quanto afirmado. Racionalizar a conduta é outra tendência humana comum. Isto leva-nos à tentativa de Deus de impedir Caim de matar o seu irmão: «O Senhor disse a Caim: "Por que estás irado, e por que descaiu o teu rosto? Se fizeres o bem, não serás aceite? E se não fizeres o bem, o pecado está à porta. O seu desejo é para ti, mas tu deves dominá-lo"» (Génesis 4:6-7). O pecado está «à porta» do coração e da mente de Caim. Todos nós podemos carregar o potencial para que o espírito do anticristo se apodere de nós, e cada um de nós deve ganhar o controlo sobre isso.

Nos últimos capítulos da Bíblia e do Apocalipse, está escrito que o «Alfa e Ómega, o princípio e o fim» enviou os seus anjos a nós muitas vezes para nos ensinar, proteger e guiar.

**Encontros Pessoais com Anjos**

Uma membro e voluntária de longa data da A.R.E. partilhou o seu importante encontro de proteção com um anjo, provavelmente o seu anjo da guarda. Eis a história dela, tal como a partilhou comigo e me permitiu partilhar convosco.

«Conheci um homem num evento da A.R.E. Damo-nos muito bem. Ele era divertido e inteligente. Não morávamos perto um do outro, por isso as nossas atividades incluíam fazer viagens juntos. Na segunda viagem, eu estava à espera que ele tomasse banho para podermos seguir caminho. De repente, um anjo masculino muito forte, com cerca de três metros de altura, colocou-se diante de mim, com os

braços cruzados sobre o peito. Ele parecia estar a olhar fixamente para mim e depois inclinou a cabeça na direção do meu amigo. Percebi que não devia envolver-me mais com este amigo. Vários meses mais tarde, nesse mesmo ano, o agora ex-amigo casou-se. Ela era a sua quarta esposa. Numa ocasião, tiveram uma discussão inflamada e ele acabou por disparar sobre ela. Ele tem estado na prisão desde então. O anjo vestia uma túnica longa e branca e parecia emanar luz. Ele simplesmente apareceu do nada. Quando se encontra um anjo, não se têm dúvidas!»

Partilharei uma das minhas experiências com um anjo, e muito do tipo «anjo da guarda».

Foi há cerca de quarenta anos, eu estava em meados dos meus vinte anos e viajava sozinho no meu carro do Dakota do Norte para o Dakota do Sul nas primeiras horas da manhã, por volta da uma ou duas da manhã. Estava muito escuro. Eu era o único carro na estrada. É aqui que as *Bad Lands* a norte e as pradarias de relva a sul se encontram. Quando entrei no Dakota do Sul e atravessava a parte norte do estado, pretendendo virar para sul e seguir para o Nebraska, vi um boleiro fracamente iluminado pelos meus faróis. Ora, normalmente eu estaria fora da minha cabeça para encostar e recolher este sujeito ali fora àquela hora, mas algo em mim estava a virar o volante para encostar fora da estrada e deixá-lo entrar no meu carro.

Quando voltei à estrada, ele perguntou-me para onde eu ia. Disse-lhe que ia para uma rota numerada (não me recordo do número hoje) e a virar para sul em direção ao Nebraska. Ele disse-me então para não apanhar essa estrada porque os nativos na Reserva Indígena de Pine Ridge tinham alvejado alguns agentes do FBI e alguns deles poderiam dar um tiro num rapaz branco a conduzir pelo seu território. Nesta altura da minha vida, eu não lia jornais nem via notícias na TV, por isso não tinha ouvido nada sobre isto. O boleiro disse-me para ir até outra estrada além da reserva e fazer a minha viragem para sul aí. Ele também me disse que eu o poderia deixar sair quando fizesse essa viragem. Quando fiz a viragem, encostei e deixei-o sair. Virei-me para ver se a estrada estava livre para eu voltar a entrar nela e depois voltei-me para ter a certeza de que ele estava fora do caminho do meu carro. Mas ele não estava em lado nenhum para ser visto. Olhei em volta.

Até saí do carro e procurei por ele. Ora, esta área era plana até ao horizonte. Podia ver-se infinitamente. Mas este homem não estava em lado nenhum para ser visto. Ele simplesmente desapareceu. Então o cabelo da parte de trás do meu pescoço arrepiou-se, e fiquei alarmado e ligeiramente assustado. O meu corpo teve uma vibração formigante de excitação. Rapidamente percebi que tinha acabado de dar boleia a um anjo que apareceu como um homem, e que este anjo foi enviado para me impedir de perturbar algumas pessoas que já estavam zangadas e a direcionar a sua raiva para mim.

Voltei para o meu carro e fiquei ali sentado durante um tempo, a respirar fundo e a refletir sobre como o mundo invisível se tinha ligado comigo naquela noite por minha causa. Fiz algumas orações antes de recomeçar a minha viagem. Todo o caminho até ao Nebraska a experiência circulou pela minha mente. Continuava a vê-lo parado nos meus faróis na escuridão com o polegar de fora e a atração que senti por ele. Continuava a ouvir a sua voz, quão calma era e quão pragmática. Ele não fez conversa fiada e não mostrou emoção, mas era agradável. Percebi que nunca senti qualquer medo dele enquanto estava no meu carro sozinho naquela estrada deserta no escuro. Mesmo hoje, ao escrever isto, fico entusiasmado e arrepiado ao contá-lo.

A seguir temos a experiência de outra amiga e voluntária da A.R.E. Ela não tem a certeza se a sua experiência foi com um anjo, mas certamente foi com um ser como um anjo.

«Quando eu era uma criança muito jovem, era frequentemente visitada a meio da noite por um homem de aspeto muito idoso com uma longa barba branca vestido com túnicas brancas. Ele estava rodeado por uma luz branca suave e até parecia ser feito desta luz porque eu conseguia ver através dele, mas nunca pensei realmente que fosse estranho, nem nunca tive medo dele. Ele sentava-se perto da minha cama a baloiçar numa cadeira de baloiço (que também parecia feita da mesma luz transparente) e lia para mim a partir de um livro muito espesso e de aspeto antigo. Não havia cadeiras no meu quarto e todos os meus livros eram dos tipos 'pequenos dourados'.

Havia uma sensação vaga de familiaridade, como se de alguma forma o conhecesse de algum lugar, e a sua presença era confortadora. As histórias que ele me lia pareciam ter algo a ver com tempos distantes e experiências de que eu não tinha memória, mas tudo o que conseguia lembrar-me de manhã era de que ele tinha estado lá. Sei que estas coisas não eram sonhos, embora possa achar difícil de acreditar. Até ao dia de hoje, sessenta anos depois, ainda me pergunto quem e o que ele era, e muitas vezes desejo que ele venha a mim novamente.»

Eis a experiência de uma jovem mãe exausta cuja mãe falecida veio ajudá-la a ela e ao seu filho sem sono. A sua mãe tinha falecido quando ela estava grávida de quatro semanas desta criança.

«Eu estava completamente exausta e no entanto o meu bebé não adormecia. Passei pelo corredor com ela no carrinho até chegar a um ponto de rutura. Então orei a Maria, a mãe de Jesus, e à minha mãe para me ajudarem. O bebé adormeceu, assim como eu. Mas no meu sonho vi a minha falecida mãe vir ter connosco e começar a brincar com o meu bebé, no próprio corredor onde tínhamos estado a passear, atirando-a ao ar e rindo. Eu disse: "O que estás a fazer! Preciso que ela durma!"

A minha mãe respondeu que a estava a cansar por mim, para que eu pudesse descansar. Então, enquanto observava a mãe no meu sonho, ela começou a crescer cada vez mais, e asas gigantescas como as de um anjo apareceram nas suas costas. Fiquei chocada e disse: "Mãe? Estás a crescer!" Ela simplesmente sorriu de volta para mim, como a confirmar que estava tudo bem e que era um anjo. As suas asas eram espessas e ela enchia a porta com o seu tamanho. Ela brilhava com uma luz branca incrível. Ela irradiava felicidade e confiança.»

Nos ensinamentos de Cayce, somos todos anjos num nível mais elevado de expressão do que a nossa condição física atual, e todos podemos atuar como anjos de ajuda, de orientação ou até da guarda. Um dos seus exemplos mais interessantes de humanos a serem anjos está nos seus discursos sobre o Apocalipse bíblico. Os estudiosos consideram que o autor do Apocalipse foi o apóstolo João (Ap. 1:1, 1:9; 21:2, 22:8), que também escreveu o Evangelho e três Epístolas.

João e Pedro ensinaram e ajudaram a nova comunidade. (Atos 3) Os romanos prenderam ambos, e também Paulo. Foram julgados e condenados por atividades subversivas contra a autoridade da terra, os romanos. Pedro e Paulo foram sentenciados à morte, mas João, capturado em Éfeso, recebeu ordem de banimento para a ilha de Patmos, no Mar Egeu. E foi onde ele estava quando vivenciou o Apocalipse e o escreveu. Segundo Edgar Cayce, antes de Pedro e João se separarem, Pedro prometeu a João que se esforçaria por ir ter com ele depois de os romanos o matarem, e comunicar com ele a partir do céu.

Segundo Cayce, é o falecido Pedro em espírito angélico que mais tarde aparece a João duas vezes durante a sua visão ou revelação. Tão gloriosa é a forma de Pedro como o anjo que João prostra-se para a adorar como uma expressão celestial de Deus (Ap. 19:10 e 22:8-9). Mas, nestas duas aparições, o anjo identifica-se claramente como um dos irmãos de João, dizendo: «Não faças tal! Sou servo contigo e com os teus irmãos.» Cayce explica (281-16) que o falecido Pedro era este anjo — era Pedro no estado de ser mais elevado e superconsciente, e como tal, apareceu a João como uma expressão angélica de Deus. Recorde-se que uma parte de nós foi inicialmente feita à imagem de Deus em Génesis 1:26. Mesmo Jesus afirmou que somos deuses, e remeteu-nos para o Salmo 82:6: «Vós sois deuses; e todos vós sois filhos do Altíssimo.»

Nos ensinamentos de Cayce, somos todos anjos num nível mais elevado do nosso ser multinível, e todos atuamos como anjos de ajuda, de orientação ou até da guarda por vezes quando não estamos encarnados. No entanto, recebi histórias nas quais a pessoa atuou como um anjo enquanto estava definitivamente ainda encarnada, e uma dessas histórias segue-se:

Neste encontro seguinte, uma senhora atua como um anjo por vezes e também encontra anjos, voando com eles.

«As pessoas viram-me como um anjo, dizem que lhes apareço com grandes asas brancas, etc., e sabem que sou eu. Acredito que somos todos anjos, a fazer o nosso trabalho uns com os outros. A maioria de nós simplesmente não está consciente disso. Não me

recordo de estar em forma de anjo, como as pessoas me viram, embora tenha aparecido a algumas quando estavam com grande medo. Acalmei-as. Não me recordo disso eu própria; eles ligam e dizem-me que lhes apareci.

Embora uma vez, eu estivesse no trabalho e tive este impulso repentino de meditar. Sentei-me e meditei por alguns minutos, depois levantei-me e voltei ao trabalho. Foi nessa altura que um amigo disse que eu lhe tinha aparecido numa situação assustadora e o tinha acalmado. Noutra ocasião, eu estava numa meditação e de repente vi-me a voar entre dois anjos, com asas e tudo. Estávamos a voar sobre o Estado de Washington, pois eu estava a decidir se devia mudar-me de volta para essa área ou não e estava a viver na Costa Leste na altura. Agora vivo no Noroeste do Pacífico.»

Eis outro encontro com um anjo:

«Em 1974, fiz uma cirurgia muito difícil mas bem-sucedida ao meu rim direito. Mais tarde nessa noite, percebi que estava em agonia por causa da dor. A pior parte era que não me conseguia mexer nem mudar de posição na cama. Nem sequer conseguia alcançar os poucos centímetros para tocar no botão de chamada da enfermeira. Pensei que se pudesse apenas mudar o meu corpo para uma posição mais confortável poderia aliviar alguma da dor e chamar uma enfermeira. A luz no quarto era fraca. Enquanto orava por ajuda, um homem entrou no quarto vestido com roupa de cirurgia dizendo que era enfermeiro e estava ali para ajudar. Ele levantou-me e reacomodou-me na cama, o que ajudou imenso. Fiquei tão grata! Ele disse algo que me fez rir um pouco e depois saiu. Quando perguntei à equipa de enfermagem sobre ele no dia seguinte, eles pareceram perplexos. Não tinham nenhum enfermeiro no pessoal. Foi rapidamente atribuído aos efeitos das medicações. Sei que era um anjo. Ao longo da minha vida estive muitas vezes consciente da sua presença e amo-os carinhosamente.»

Eis outro:

«Quando eu tinha três anos, estava na cama a sentir um medo extremo devido à violência dos meus pais. Olhei para o pé da minha cama e vi um ser brilhante do tamanho de um adulto. A sua presença aliviou-me completamente do meu medo. Eu sabia que era amada e o

meu amor e fé eram sentidos ou conhecidos além do meu ambiente de infância. Este ser de luz apareceu noutras alturas em que precisei tanto da sua tranquilização.»

Eis a história de uma mãe que se viu sozinha a cuidar da sua filha.

«Tinha acabado de me divorciar e mudei-me para o outro lado do país. De repente estava a criar a minha filha de três anos sozinha numa cidade grande, a tentar voltar ao mercado de trabalho e a lutar para fazer face às despesas. Assustada, solitária e deprimida, sentia-me mal preparada para os desafios que enfrentava. Então, uma noite, sonhei que uma mulher radiante com asas douradas estava sentada ao meu lado na minha cama, a cantar para mim. Ela cantava os mesmos oito tons repetidamente para mim na mesma sequência. Enquanto cantava, disse-me telepaticamente que essas oito notas representavam o meu nome no domínio angélico e que era importante que eu me lembrasse delas. (Nunca as esquecerei.) A sua voz era clara, doce e bonita. Quando abri os olhos, a última nota que ela cantou ainda ressoava no ar, e ela ainda estava ali sentada ao meu lado por um breve momento, a sorrir.

Aquele encontro angélico trouxe-me esperança e melhorou a minha confiança. Quando começava a preocupar-me, lembrava-me: "O meu nome é uma canção bonita no domínio angélico; um anjo veio dizer-mo pessoalmente." Saber que os anjos se importavam comigo parecia abrir um canal de comunicação na minha mente. Comecei a escutar a orientação angélica e a ouvi-la. Não era exatamente como ouvir uma voz a falar — palavras e imagens simplesmente apareciam na minha cabeça. Saber que os mensageiros divinos de Deus estavam comigo ajudou-me a suportar todo o tumulto e stresse daquela altura.

Deixei de viver com medo do futuro. Confiar no apoio angélico melhorou a qualidade da minha vida incomensuravelmente desde esse momento sombrio há vários anos. Os anjos guiaram-me sobre coisas tão mundanas como mudar de faixa para evitar congestionamentos de trânsito. Mas também me guiaram na tomada de decisões de vida importantes, como candidatar-me a um emprego melhor e comprar uma casa nova. Agora, todas as manhãs quando me levanto, pergunto

aos anjos: “O que preciso de saber hoje?” E eles dão-me orientação útil para o dia que se segue. Registo as mensagens deles no meu diário. Depois digo: “Obrigada, anjos. Estou grata por este dia. Por favor guiem-me ao longo dele.” E eles fazem-no sempre.»

E outro encontro que me foi relatado do seguinte modo:

«Tive uma experiência inesquecível com um anjo por volta do meu décimo oitavo aniversário. Foi um sonho, e penso que muito importante. Não muito tempo antes do sonho, a minha mãe, a minha irmã e eu fomos a um serviço religioso comunitário. Houve um apelo ao altar — uma espécie de apelo do tipo Billy Graham — a que senti um impulso repentino de responder (como fez grande parte da congregação). A mãe e a minha irmã seguiram-me. Nesta altura da minha vida, eu não tinha dedicado nenhum tempo a ponderar sobre o que acreditava. Tinha ideais elevados, mas ao mesmo tempo era uma adolescente tonta.»

O SONHO:

«Estava num jardim lindo ao luar, parada diante de um portão branco. De repente, dois anjos apareceram ao meu lado. Eram gigantescos — maiores do que o tamanho real — e em trajes angélicos completos. Fiquei maravilhada e um pouco assustada. Eles perguntaram-me se eu queria ser batizada. Eu disse: “Sim”, mas com algum medo e tremor. Eles abriram o portão e levaram-me a um poço redondo e profundo. (Em perspetiva, lembra-me os cenotes da cultura Maia.) Eles disseram-me para entrar na água. Eu protestei dizendo que não sabia nadar muito bem e tinha medo de me afogar. Eles asseguraram-me de que estariam a olhar por mim, por isso confiei neles e entrei na piscina.

Assim que entrei na piscina, as águas começaram a girar como um redemoinho. Continuou a girar cada vez mais depressa, e eu estava a ser puxada para baixo e a lutar com todas as minhas forças. Olhei para cima para os anjos e eles simplesmente olhavam inexpressivos e observavam-me, mas não se mexiam para ajudar. O poço parecia um poço grande e profundo. Finalmente estava tão exausta que decidi que ia afogar-me e estava prestes a desistir de lutar.

Olhei para cima uma última vez e vi Jesus, a vestir uma túnica branca. Ele estendeu a mão direita em minha direção, e eu estendi a minha mão direita, e saí da água instantaneamente. Sentei-me num penhasco de rocha ao lado de Jesus, e ele falou comigo e senti-me muito amada. Oxalá me lembrasse do que ele disse. Não consigo, mas nunca, jamais esquecerei a experiência.

Nota: Ao tentar interpretar este sonho — parte do qual é óbvia pois está a dizer-me para olhar e confiar em Jesus — sempre questionei esses anjos enganadores. Talvez a mensagem e o propósito deles fossem apenas levar-me até Jesus e não seguir outros caminhos?

Senti como se andasse num brilho maravilhoso durante um tempo depois desse sonho, mas não me atrevi a contá-lo a ninguém. Tinha medo de que fosse algum tipo de chamamento para o ministério ou algo assim. Claro que as mulheres não eram ministras naquela altura e tudo em que conseguia pensar era em missionária, sobre o qual sabia pouco, mas a minha reação foi "Não". Por isso suprimi o sonho. Digo suprimi, não reprimi, porque não conseguia esquecê-lo, mas simplesmente não pensava mais nele. Anos mais tarde, em 1968, orei para que Deus me mostrasse a verdade, e eu segui-la-ia. E adivinhe! Cerca de seis semanas depois dessa oração, li a biografia de Edgar Cayce, *There Is a River*, e o sonho voltou à minha plena consciência! Quando li o capítulo da Filosofia na sua biografia, soube quase instantaneamente que era a resposta à minha oração.»

Uma das muitas histórias fascinantes nas crónicas de Edgar Cayce é sobre uma mulher encarnada que outrora foi o anjo da guarda de um dos discípulos de Jesus!

A história começa com Edgar e a sua esposa Gertrude em Dayton, Ohio, a dar uma leitura de saúde para um homem. No decorrer da leitura, surge a informação de que a doença do homem se deve às atividades da sua alma numa encarnação passada! Esta é a primeira vez que a reencarnação aparece nas leituras de Cayce. Edgar e Gertrude decidem obter leituras de vidas passadas sobre cada membro da sua família. Entre as suas vidas passadas, foi dito a cada um que viveram durante a encarnação de Jesus Cristo, exceto a Gertrude.

Isso deixa-a tão perturbada que eles decidem obter um seguimento para explicar por que motivo Gertrude não estava encarnada durante o tempo de Jesus, uma vez que ela ama Jesus tanto como qualquer outra pessoa na família. A leitura começou por explicar que as instruções dadas a Edgar em estado de transe eram para ele listar encarnações, e a alma de Gertrude não estava encarnada nessa altura, porque ela era o anjo da guarda do discípulo André! (538-59) A leitura afirmava ainda que ele teria caído do seu caminho justo muitas vezes se ela não estivesse lá para o ajudar. Bem, como se pode imaginar, Gertrude ficou muito feliz ao ouvir isto!

## 4

## Fadas, Duendes, Elfos e Mais

Uma das leituras mais surpreendentes que Edgar Cayce deu foi a um homem do petróleo que procurava ajuda para encontrar um novo campo petrolífero. O homem perguntou se devia procurar a ajuda de uma pessoa em Nova Iorque ou de outra em Londres, ao que Cayce respondeu: «Seria melhor que a entidade ouvisse as vozes do interior, que se apresentam como as atividades ao redor da entidade — ou duendes.» (1265-2) Duendes? Sim, duendes! Isto deve ter sido um choque para quem ouvia esta instrução.

De facto, não tinham a certeza se o tinham entendido corretamente, pelo que prosseguiram com outra leitura no dia seguinte, perguntando: «O que se entende pelo termo 'duendes' na última resposta da Leitura de Verificação?» O Cayce adormecido respondeu: «A forma como aqueles dos elementais — entidades que não entraram na materialidade — se manifestaram e por vezes se manifestam à entidade.» Aparentemente, este homem estava a ser abordado por duendes, mas não os estava a ouvir! Cayce continuou a

explicar: «Duendes, gnomos, fadas não são elementais, mas elementos que são entidades tão definidas como o homem materializado, entendem?» (1265-3)

Aqui vemos Cayce a analisar os detalhes de elementais e entidades, clarificando que as fadas são dos elementos, mas são de facto entidades individualizadas como os humanos também são. Teremos mais sobre os elementais no Capítulo 9. Por agora, estamos a focar-nos nas fadas e nas suas variações, bem como noutros tipos de pequena gente invisível.

A uma jovem que recebia uma leitura, ele disse: «Não tenhas medo de reconhecer que ves fadas enquanto estudas, pois vais nutrir estas experiências. Não tenhas medo de dizer que ves os gnomos que por vezes atrapalhariam as pessoas.» (5359-1)

A outra pessoa que recebia uma leitura de vida passada, ele explicou: «Antes desta [encarnação], a entidade esteve na terra escocesa. A entidade começou a sua atividade como um prodígio, como alguém já versado nas suas associações com o invisível — ou as forças elementais; as fadas e aquelas de todas as formas que não se expressam de forma material e só são vistas por aqueles que estão sintonizados com o infinito.» (2547-1)

Uma leitura fascinante ocorreu quando perguntaram a Cayce como apresentar um argumento para persuadir um homem a aceitar o negócio que lhe estava a ser oferecido. Cayce explicou que havia forças invisíveis a preparar «ligações adequadas e uma estrutura adequada» que acabariam por afetar o resultado desejado, e se tivessem paciência «os pequenos duendes vêm e dizem-lhe o que fazer!» (257-87)

Fadas, elfos e gnomos são seres que afetam o mundo, mas permanecem maioritariamente invisíveis. Os duendes são na verdade da família das fadas. As ninfas são elfas femininas. Os duendes travessos são fadas de uma aparência e disposição particularmente agradáveis. Os duendes brincalhões são fadas maliciosas. O folclore descreve-os a todos como seres mágicos de forma humana diminuta. Os gnomos são geralmente descritos como velhos pequeninos e enrugados que habitam o interior da Terra e atuam como guardiões

dos seus tesouros. Parecia que os jovens de hoje estão intimamente «sintonizados com o infinito», como Cayce colocou, e estão portanto interessados em livros e filmes sobre as fadas, elfos e gnomos normalmente invisíveis. Mantenhamos os olhos abertos, ou como Jesus poderia ter colocado, quem tem olhos para ver, veja!

**Seres Incomuns na Lenda e no Folclore**

Exploremos agora o folclore e as lendas de todos os seres incomuns que são frequentemente listados entre a pequena gente mística. A lista seria algo como isto: fadas, duendes brincalhões, duendes, espíritos da natureza, gnomos, gente pequenina, elfos, faunos, troles, as Parcas (Moiras), e assim por diante.

Embora certamente entre as lendas e folclore antigos estejam sereias, tritões, centauros, sátiros, harpias e outros deste tipo, eles não são fadas e não estão entre os seres místicos. São monstruosidades que viveram predominantemente no mundo físico entre os humanos, como os Nephilim em Génesis 6. Eles são o resultado dos filhos desviados de Deus a cruzarem-se com animais! Muitos consideram-nos como o ramo dos Anjos Caídos dos filhos de Deus.

Na verdade, implícito no seu nome está «caído», da raiz hebraica n-ph-l. (Não havia vogais em hebraico, mas para nós pronunciarmos estas palavras, foram adicionadas vogais.) Embora alguns escritores tentem ligar as fadas aos Nephilim, não há nenhuma ligação que possa ser verdadeiramente feita. Os Nephilim são claramente os gigantes incontroláveis: «Havia gigantes na terra naqueles dias; e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens e elas lhes deram filhos, estes tornaram-se os homens valentes que havia na antiguidade, os homens de renome.» (Génesis 6:4) A palavra «renome» originalmente tinha um significado negativo, algo semelhante a «infame», embora hoje essa conotação se tenha perdido. No livro bíblico de Números 13:32-33, encontramos este relato dos Nephilim: «. . . e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura . . . os Nephilim (os filhos de Anaque, que vêm dos Nephilim), e éramos aos nossos olhos como gafanhotos, e assim também éramos aos olhos deles.»

Uma lenda oral pré-incaica transmitida pelos nativos Quechua do Peru conta sobre um desembarque inesperado de um grupo remanescente de Nephilim nas praias das suas terras. Esta lenda descreve os Nephilim como sendo tão gigantescos que um guerreiro nativo de bom tamanho apenas chegava à altura da rótula de um Nephil! Isto fez com que o povo se mudasse para o alto das montanhas. A lenda diz que estes Nephilim estavam a lutar para sobreviver. Eles não tinham mulheres entre eles e eram odiados por todos. De acordo com este conto antigo, o grande Deus Criador limpa as terras pré-incaicas destes gigantes remanescentes num único dilúvio desastroso.

**As Parcas (as Moirai)**

Na mitologia grega, as Moirai, frequentemente conhecidas em inglês como «as Parcas», eram as três encarnações de vestes brancas do Destino. Elas eram a «Tecelã» (Cloto), a «Distribuidora» (Láquesis) e a «Inflexível» (Átropos). Elas controlavam o fio da vida de cada mortal, desde o nascimento até à morte. Eram independentes e impessoais. Vigilantes, garantiam que o destino atribuído a cada ser por leis eternas se cumprisse sem obstrução. Estas perspetivas do destino implicam que, de alguma forma, o tempo e o espaço não são sequenciais, mas sim que o passado e o futuro existem ao mesmo tempo. Assim, o futuro é conhecido agora e o passado ainda está vivo. As leituras de Cayce parecem apoiar esta ideia quando vista a partir de um nível superior de perceção: «O Tempo é como um só tempo, o Espaço como um só espaço, para a consciência cósmica.» (900-345) Na filosofia indiana antiga encontramos um conceito semelhante: «Se todas as ocorrências futuras são rigidamente determinadas . . . pode dizer-se, em certo sentido, que os eventos vindouros já existem. O futuro existe no presente, e ambos existem no passado. O tempo é, assim, em última análise, ilusório.»

*(Arthur Llewellyn Basham, *History and Doctrines of the Ājīvikas*, (1951, p. 236))*

Estava a conversar com um graduado da Universidade Atlantic (fundada por Cayce em 1930), que partilhou a sua crença de que o livre-arbítrio é apenas exercido na forma como respondemos aos

eventos fados da nossa vida, o livre-arbítrio não molda as nossas vidas nem determina as nossas vidas. O meu próprio pai, de 95 anos, tem a mesma crença, partilhando como sobreviveu ao ataque de três horas a Pearl Harbor enquanto o seu amigo mais próximo não sobreviveu: «Simplesmente não era a minha hora.»

Ele acredita que os eventos nas nossas vidas, e especialmente a hora da morte, são predeterminados; são fados. Uma cena vívida na sua memória é a de estar a ajudar vários homens durante o ataque quando um oficial lhe ordenou que deixasse esse trabalho e levasse os códigos para terra. Enquanto ele se afastava dos homens, uma bomba atingiu-os, matando todos. Esse evento e a imagem daqueles homens mortos, dos quais ele deveria ter sido um, consolidaram a sua visão fatalista da vida. E considere-se o ensinamento de Edgar Cayce de que a profecia registada na Grande Pirâmide no Egito contém detalhes sobre a nossa jornada ainda por viver: «Como registado na pirâmide . . . há períodos em que até a hora, o dia, o ano, o lugar, o país, a nação, a cidade e os indivíduos são apontados.» (5748-5) Até Jesus prevê o seu destino de ser preso e crucificado em Jerusalém. Mais chocante é que o arcanjo Gabriel prevê o destino de Jesus ao profeta Daniel, cerca de 600 anos antes do nascimento de Jesus! Como pode ser isto? Estará tudo sabido de antemão? Devemos simplesmente vivê-lo, reagindo o melhor que pudermos? Serão todos os eventos nas nossas vidas predeterminados e, portanto, inevitáveis? Será o julgamento final baseado no quão bem lidamos com o nosso destino? «Cada vez mais curioso!» Gritou Alice no País das Maravilhas.

**Fadas**

As fadas não são anjos, anjos caídos, humanos mortos ou prole bestial de criaturas antigas. Surpreendentemente, e ao contrário do folclore angélico, a tradição das fadas nunca as descreveu como tendo asas. Isso foi uma invenção moderna, provável tentativa semicientífica de explicar como podiam voar, uma vez que a magia já não era uma explicação aceitável. A ideia de as fadas terem asas de borboleta ou de libélula surgiu durante a Era Vitoriana, de 1837 a 1901. Antes disto, acreditava-se que as fadas voavam através da magia.

Algumas fadas usavam hastes mágicas de giesta, como as vassouras encantadas das bruxas; algumas até voavam nas costas de pássaros, tal como os humanos andam nas costas dos cavalos. Mas algumas, como a Senhora do Lago e outras, usavam simplesmente a sua magia para voar. E podiam voar enquanto carregavam o peso morto de um homem adulto, como o ferido Rei Artur.

As fadas vêm em muitos tamanhos e interesses. Vivem num domínio que fica a apenas um véu ténue do mundo humano e costumam permanecer perto das forças vitais da Natureza. Pode ter reparado que as experiências de infância de Edgar Cayce com fadas foram sempre ao redor da Natureza. Podem viver em comunidades de fadas ou sozinhas. Podem ser travessas ou magicamente prestativas. Embora em forma humana, podem ter meio centímetro de altura ou o tamanho total de um humano adulto.

Uma visão clássica das fadas é a de que são seres que vivem logo abaixo dos anjos e logo acima dos humanos. No entanto, durante os primeiros séculos do Cristianismo, e particularmente durante a Reforma Protestante, eram temidas por serem pagãs e do Diabo. Muitos destes medos geraram acusações de que seriam os Anjos Caídos ou os espíritos de pessoas mortas. Mas quando se olha para as lendas e folclores imparciais relacionados com as fadas, elas não estavam associadas a anjos ou a espíritos desencarnados, mas eram uma espécie unicamente diferente.

Podiam cruzar-se com humanos e, possivelmente, com anjos — como a lenda sustenta que os anjos se cruzaram com humanos no supracitado Génesis 6: «Quando os homens começaram a multiplicar-se sobre a superfície da terra, e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus [seres angélicos] viram que as filhas dos homens eram bonitas, e tomaram para si como mulheres todas as que escolheram.» (Génesis 6:1-2, WEB) Há muitos contos de humanos com esposas fadas e filhos com metade de sangue de fada nascidos deles.

Desde os tempos medievais até à Reforma, os eventos terríveis eram na maioria das vezes atribuídos ao Diabo e aos seus anjos negros, ou a Lilith (que significa «criatura da noite») das lendas hebraicas. Tal foi também o caso para as fadas. Se um bebé nascia

com uma deformidade ou anormalidade, ou a desenvolvia na infância, a culpa era atribuída aos «trocados» das fadas, um pobre fac-símile deixado para trás quando o bebé humano verdadeiro era levado pelas fadas pagãs e sem coração. Há muito mais sobre Lilith no capítulo sobre demónios e Anjos negros (guarde o seu julgamento sobre Lilith até ler toda a sua história).

É difícil identificar a origem das fadas; até a origem do nome é um pouco incerta. Muitos investigadores acreditam que o nome teve origem com a *Tria Fata* romana, as «Três Parcas». Encontramos isto no nome Fata Morgana, que é o nome italiano para Morgana le Fay, a famosa feiticeira e meia-irmã do Rei Artur (do francês *la fée*, que significa fada). As fadas são frequentemente consideradas feiticeiras, em virtude da sua beleza mágica, música e canto. Morgana le Fay pode também ter sido a deusa Morganis que transportou o Rei Artur para Avalon para o curar.

Se as fadas estão verdadeiramente relacionadas com as Parcas, então a sua origem pode ser rastreada até à Criação! Nos momentos mais primordiais da Grande Criação, a lenda egípcia conta como Rá concebeu Ma'at, a deusa da justiça. Ela pesava cada coração a fim de determinar o seu destino. Se as fadas de facto tiveram origem entre as Parcas, então moveram-se um longo caminho desde aí até onde têm estado nos últimos milénios. São agora consideradas como sendo apenas uma influência ocasional nas vidas humanas, certamente não as forças das Parcas que outrora foram.

**Fadas de Shakespeare**

Nas obras de Shakespeare, encontramos estas fadas agora famosas: Oberon e Titânia, rei e rainha das fadas em *Sonho de uma Noite de Verão* e novamente no *Fausto II* de Goethe. Também em *Sonho de uma Noite de Verão* está Puck, o «duende astuto e travesso» que é o bufão de Oberon. Ariel é o espírito fada em *A Tempestade*, e foi libertado pelo mágico Próspero da sua prisão pela bruxa má Sycorax (pronunciado *sic-or-acs*).

Uma fada bastante famosa faz o seu caminho em *Romeu e Julieta* de Shakespeare; ela é a Rainha Mab, a «parteira das fadas». No seu papel mais metafísico, ela é a fada que induz os dormentes a

sonhar, e como tal é o título de um capítulo em *Moby Dick*, quando Stubb tem um sonho no qual um tritão avisa Stubb da futilidade de lutar contra o Capitão Ahab. Chaucer chama-lhe Mabily. Na série da HBO *True Blood*, a personagem Mab é a «Rainha das Fadas».

**Sininho e Periwinkle**

No nosso tempo, a fada mais famosa de todas, especialmente para as crianças, é a Sininho (*Tinker Bell*). Embora a Sininho seja uma personagem de ficção, apresentada pela primeira vez por J.M. Barrie na sua peça *Peter Pan* em 1904, e mais tarde no romance *Peter e Wendy* em 1911, Barrie compreendia verdadeiramente as fadas e deu à Sininho muitas das características de uma verdadeira fada. Ela é uma remendadora de panelas e frigideiras, conhecida como «remendadeira» (*tinker*), e a sua fala é como o som de um sino a tilintar, daí o seu nome, Sininho. Devido ao seu pequeno tamanho, ela só pode vivenciar uma emoção de cada vez e, portanto, não consegue equilibrar as suas emoções, tornando-a extrema nos seus sentimentos. Na peça de Barrie, ela torna-se mal-humorada, ciumenta e vingativa, bem como bondosa e prestativa para com Peter. Barrie ensina que os humanos podem voar com a ajuda do pó de fada (o que a Disney mais tarde chamou de pó de pirlimpimpim).

A Disney apresentou recentemente Periwinkle como a irmã mais velha da Sininho, mas ela era uma fada bastante diferente muito antes de a Disney se apoderar dela. Em 1906, Lily Grant Duff construiu o seu romance *Periwinkle* em torno desta fada, contando como ela parecia ser uma mulher humana e interagia com homens humanos, mas era na verdade uma fada da Terra das Fadas.

**Fada Padrinho e Guias Fadas**

Um fada padrinho é um espírito mágico que guia um humano como se fosse o seu padrinho. A Condessa Marie-Catherine d'Aulnoy (pronunciado *dunewah* — sim, eu também não conseguia acreditar), uma escritora francesa que cunhou o termo «conto de fadas» (*contes des fées*) e escreveu vinte e três contos de fadas, foi a primeira a conceber a ideia de um «fada padrinho». Novamente encontramos esta ideia a remontar até às Parcas femininas, que guiam e influenciam as

vidas das pessoas. Também tem uma raiz na influência espiritual de mães mortas que ajudam os jovens nas suas famílias ainda encarnadas.

Benfeitores e protegidos eram métodos comuns de aprendizagem e de prestação de assistência durante o Renascimento, e tais ideias encontraram o seu caminho para a ideia de um fada padrinho. Mas ajudar os humanos não era o interesse e papel tradicional das fadas, pois elas focavam-se maioritariamente nas suas próprias vidas e interesses, e apenas ocasionalmente interagiam com os humanos. Tradicionalmente, as fadas não procuravam interferir nas vidas humanas. No entanto, o folclore contém algumas ligações próximas entre fadas e humanos, até mesmo alguns casamentos e filhos com metade de sangue de fada.

Semelhantes à fada padrinho são os guias fadas. Até Cayce menciona que Deus por vezes envia guias fadas. (338-3) Ele disse a uma menina de sete anos que numa encarnação anterior no antigo Egito ela era «. . . a fada para muitos daquele período, pois a entidade prestou ajuda em muitos lugares humildes, bem como nos elevados; trazendo paz e entendimento . . .» E o seu nome nessa altura era Peri, tal como em Periwinkle. (1911-1)

No conto da *Bela Adormecida*, Flora, Fauna e Primavera (*Merriweather*) são fadas guardiãs enviadas para vigiar os mortais ao longo das suas vidas. No livro de 1883 de Carlo Collodi, *As Aventuras de Pinóquio*, aparece «a fada de cabelo turquesa» (em italiano, *La Fata dai Capelli Turchini*), que atua como uma fada guia para o rapaz de madeira que quer tornar-se um rapaz verdadeiro. Ela aparece ao longo das jornadas de Pinóquio para avisar o rapaz marioneta contra comportamentos perigosos.

Embora Pinóquio inicialmente ignore os seus bons conselhos e se sinta atraído por todas as maravilhas selvagens da liberdade, mais tarde passa a seguir as suas instruções após sofrer muito com os seus erros. Por sua vez, ela protege-o e permite-lhe transformar-se num verdadeiro rapaz humano. Foi a Disney que lhe deu o nome de A Fada Azul ao adaptar a história para o filme *Pinóquio*. Ao não lhe dar um nome, mas simplesmente uma descrição, Collodi estava a seguir uma tradição de não dizer o nome de uma fada.

## A Senhora do Lago

Entre as lendas das fadas está a Senhora do Lago, uma fada muito mágica associada a Lancelot e à espada Excalibur. Entre os textos existentes mais antigos sobre Lancelot e a Senhora do Lago está uma obra alemã intitulada *Lanzelet*, de Ulrich von Zatzikhoven, que data dos anos 1100. De acordo com este texto, após a morte do seu pai, Lancelot é levado por uma fada para a sua «ilha no mar» quando tinha apenas um ano de idade. À idade de quinze anos, ele emerge do lago para começar as suas jornadas cavaleirescas como um nobre «encantado». Eis uma passagem que nos dá um vislumbre de uma Terra das Fadas subaquática:

«Uma senhora levou a criança embora, uma sábia fada do mar, uma rainha melhor do que qualquer outra em todo o mundo hoje. No seu domínio ela tinha dez mil donzelas, das quais nenhuma conhecia homem ou trajo de homem. Elas vestiam túnicas e saias [uma peça de vestuário com mangas, pela altura dos joelhos] de samite [uma seda pesada com fios de ouro e prata] e de seda. Não o negarei, mas não digo que seja verdade [verdade], a terra da Senhora florescia ao longo do ano como [se] fosse meados de maio, e o seu domínio era belo, largo e longo, e cheios de alegria eram os seus limites.

A montanha sobre a qual o poderoso castelo se erguia era de cristal, redonda como uma bola. Nenhum hóspede estranho e nenhum exército de rei era ali temido. Toda em redor ficava o mar e uma muralha tão forte que nenhum homem seria ousado o suficiente para julgar que poderia valer de algo contra ela, e embora houvesse um portão, era do mais duro diamante [uma rocha lendária]. Ali dentro elas habitavam, sem conhecer o medo. Quem construiu o castelo adornou-o com mestria. Por fora e por dentro era de ouro, como uma estrela. Dentro do seu fosso nada envelhecia, ou mesmo após cem anos era menos belo.» (*The Fairies in Tradition and Literature*; Briggs, Katherine; Routledge & Kegan Paul, Lt. 1967, páginas 5 e 6)

Nas lendas do mágico Merlin, ele fica infatuado pela maravilhosa Senhora do Lago, e é aprisionado por ela durante um tempo. Durante o seu tempo com ela, ela aprende todos os seus feitiços e poderes mágicos. Curiosamente, Merlin previu isto numa visão, mas não

resistiu à situação vindoura com ela, embora isso lhe tenha custado caro. Ela tem vários nomes, mas o mais comum é Nimue (pronunciado *nee-moo*) e Viviane (pronunciado *viv-ee-ann*).

Ela é também a feiticeira que recupera a espada mágica Excalibur do lago para o Rei Artur. Ela é considerada a governante da Ilha de Avalon. Em 1190, Glastonbury Tor tornou-se a localização de Avalon, significando que era uma colina em forma de ilha cercada por um pântano (naquela altura, o pântano já não está lá). A Senhora do Lago pode também ser uma das oito irmãs de Morgana le Fay. E tal como Morganis, Nimue é uma curandeira poderosa. Em alguns contos diz-se que não apenas Morganis carregou o corpo mortalmente ferido de Artur para Avalon para o curar, mas quatro feiticeiras o carregaram; Nimue pode ter sido uma delas.

**Elfos**

Os elfos eram claramente uma espécie diferente das fadas até à Era Elisabetana (1558–1603), quando foram misturados indiscriminadamente. Antes desta era, os elfos claramente não eram fadas. Na verdade, os elfos eram sempre mais sérios do que as fadas. Os elfos tinham fardos a carregar e responsabilidades a atender, enquanto as fadas viviam maioritariamente com corações leves, música, dança e uma natureza despreocupada — isto até entrarem em contacto com os humanos e os seus muitos problemas e sarilhos. Os elfos têm orelhas pontiagudas. Os elfos têm fraquezas humanas mais do que as fadas. E no caso das fadas, as suas falhas devem-se mais a amar ingenuamente, enquanto os elfos têm impulsos e procuram satisfazê-los por qualquer meio necessário.

Grande parte do folclore e lenda élfica mais antiga revela libidos especialmente fortes nos homens élficos, até ao ponto de procurarem mulheres humanas para sexo. As fadas não têm tais lendas. O folclore élfico tem raízes profundas na mitologia nórdica antiga e germânica, e há um livro de orações a mencionar elfos que data de cerca de 900 d.C. (Hall, Alaric; *Elves in Anglo-Saxon England: Matters of Belief, Health, Gender and Identity* [Boydell Press, 2007; pp. 71-72]) A famosa Edda em Verso nórdica antiga foi escrita e publicada nos anos 1200 e preservada em manuscritos islandeses como o *Codex

Regius*, redescoberto em meados dos anos 1600. Durante a sua longa carreira como professor de Oxford, J.R.R. Tolkien lecionava frequentemente sobre o tema do *Codex Regius*, e até escreveu a sua própria tradução de partes do documento no seu poema narrativo, *A Lenda de Sigurd e Gudrún*.

Há muitas crenças sobre a origem dos elfos. Em *Elves in Anglo-Saxon England: Matters of Belief, Health, Gender and Identity* de Hall, eles são identificados com os filhos perdidos de Eva num conto popular islandês. (ibid; p. 75)

**Leprechauns**

Os leprechauns são da família dos elfos, mas são distintamente irlandeses. Os leprechauns são sapateiros. É por isso que a maioria dos elfos e fadas suportam a sua natureza trapaceira: após muitas noites de dança, que é um dos passatempos favoritos das fadas, todos eles precisam de sapatos novos! Os leprechauns fornecem-nos. Os leprechauns vivem sozinhos, preferindo a solidão, mesmo da sua própria espécie. Não se sentem confortáveis com a alegria e diversão despreocupadas em que as fadas se entregam. No entanto, os leprechauns são alegres e foram ouvidos a cantar uma canção ou duas enquanto fazem sapatos.

Além de fazer sapatos, os leprechauns têm outra especialidade: eles sabem onde jaz o tesouro enterrado, aquele «pote de ouro» que lhes está tão famosamente associado. Eles também carregam duas moedas numa pequena bolsa, uma é mágica e a outra não. A mágica é sempre substituída quando usada ou dada, e a outra não. Como trapaceiros, os leprechauns dão sempre a moeda comum aos humanos que os conseguem capturar e, enquanto o humano está a olhar para a moeda, eles escapam. Diz-se que podem desaparecer num piscar de olhos. Deve-se manter sempre um olho aberto num leprechaun se se quiser a sua moeda mágica ou o seu tesouro escondido.

Não são bonitos como a maioria dos elfos, alguns dos quais são supremamente belos; os leprechauns são feios. Cheiram mal, usam linguagem fétida e bebem excessivamente, maioritariamente cerveja em jarros. E fumam, usando um cachimbo de barro chamado *dúidín* (pronunciado *du-deen*). Os leprechauns são pequenos e atarracados,

mas são ágeis! Podem mover-se muito depressa e adoram esconder-se atrás das árvores. Ao contrário das representações vestidas de verde que usamos hoje, o leprechaun clássico veste um avental de couro com muitos bolsos, um casaco cinzento e um chapéu tricórnio vermelho. Ele tem quase sempre um sapato e um martelo nas mãos, ou uma cerveja e um cachimbo.

As fadas não apreciam a sua companhia, mas isso não é um problema, porque os leprechauns também não apreciam a companhia das fadas. Apesar disto, há uma relação próxima entre fadas e leprechauns além da necessidade de sapatos novos. Os leprechauns são os «banqueiros» e protetores dos tesouros e fortunas das fadas. Veja, no folclore e na lei deste domínio invisível, todo o tesouro pertence às fadas e as fadas podem gastá-lo como quiserem.

No entanto, as fadas, especialmente as fadas errantes, não têm qualquer sentido do valor de uma moeda ou joia, e têm pouca ou nenhuma memória do que já foi gasto — uma vez fora da vista, está fora da mente. É aqui que os leprechauns ajudam as fadas a evitar a falência, e é por isso que os leprechauns são tão bons a esconder tesouros. No entanto, onde quer que um leprechaun esconda um tesouro de ouro, um arco-íris paira sobre ele! Dando uma pista sobre onde o tesouro de um leprechaun pode estar. Isto faz com que os leprechauns sofram muito de ansiedade. Se um ser capturar um leprechaun e nunca tirar o olho dele e exigir o tesouro do pequenote, ele tem de lho dar, e os leprechauns fazem-no sempre. Mas poucos seres conseguem manter o olho nele, porque ele é tão manhoso e inteligente, e um bom contador de histórias. Muitas vezes, uma história bem contada distrai o seu captor e o leprechaun desaparece antes que se perceba. No entanto, tem havido momentos em que um leprechaun fica tão comovido por um ato de bondade ou ternura que oferece à pessoa uma bebida e uma parte do seu tesouro, ou até a moeda mágica da sua bolsa. Lembre-se, mesmo que a moeda tenha saído da bolsa do leprechaun, ela é sempre substituída por outra — essa é a magia. E qualquer pessoa que carregue uma destas moedas mágicas nunca fica sem dinheiro.

Curiosamente, não há leprechauns femininos. Isto adiciona ao mistério dos leprechauns e de onde eles vêm ou quantos existem.

**Espíritos da Natureza**

Os Espíritos da Natureza estão associados aos quatro elementos clássicos do mundo físico: terra, água, fogo e ar.

• Os gnomos são os espíritos da terra;

• As ondulinas (também chamadas ondinas) são os espíritos da água;

• As salamandras são os espíritos do fogo;

• As sílfides são os espíritos do ar (também chamadas silfídeas — retratadas como um tipo de fada no balé *La Sylphide* e em *Sonho de uma Noite de Verão* de Shakespeare).

Grande parte desta informação foi recolhida e publicada por Paracelso nos seus escritos alquímicos do início dos anos 1500 na Europa, e M.M. Pattison Muir publicou mais em 1902 no seu livro, *The Story of Alchemy and the Beginnings of Chemistry*. Além dos quatro elementos, os espíritos da natureza são também personificados em três outras formas de vida principais:

• As dríades são os espíritos da vegetação;

• Os faunos são os espíritos da vida animal;

• As ninfas são os espíritos da música e da dança.

«Pequena Gente» Nativa Americana

Achei surpreendente saber que quase todas as tribos nativas americanas têm lendas e folclore sobre a «pequena gente»:

Os Cherokee da região das Montanhas Apalaches têm os Nûñnë'hï (povo espírito imortal) e os Yunwi Tsunsdi (espíritos que vivem em grutas de rocha na encosta da montanha).

Os Choctaw do Sudeste da América do Norte têm os Bohpoli (pequenos duendes ou duendes travessos) e Kowi Anukasha (literalmente, «os que ficam nas matas»).

Os Crow do Vale do Rio Yellowstone têm os Nirumbee ou Awwakkulé, uma raça de seres ferozes semelhantes a duendes com entre trinta e sessenta centímetros de altura, com dentes afiados e

pescoços atarracados. Os Nirumbee são geralmente inimigos da humanidade.

A nação Lakota tem os Canotila (Canotina, Canoti), que são espíritos da floresta que aparecem habitualmente como duendes ou anões. Canoti significa literalmente «habitante das árvores», e canotila significa «pequeno habitante das árvores». Eram considerados mensageiros do mundo espiritual e apareciam frequentemente ao povo Lakota em sonhos.

Os Iroqueses (que o discurso 1219-1 de Cayce afirmou serem o remanescente da Atlântida!) têm os Gahongas, um dos três tipos de espíritos chamados «Atiradores de Pedras», e habitam o terreno rochoso e os rios da região. Os outros dois espíritos são os Ohdows, que são responsáveis por impedir que os monstros do mundo subterrâneo escapem para o mundo superior do povo, e os Gandayah, que são responsáveis pela fertilidade da terra e são os guardiões dos peixes de água doce.

Os Seminoles da Flórida têm os Fastachee ou «Pequenos Dadores», que são espíritos do milho, aparecendo habitualmente como anões a apresentar o dom do milho.

O povo Wampanoag tem o Pukwudgie, um causador de sarilhos de sessenta a noventa centímetros de altura a ser evitado. Eles foram outrora amigáveis com os humanos, mas depois viraram-se contra eles.

Os Mohegans contam que as rochas de Mohegan Hill são o lar dos Makiawisug, ou pequena gente. Após o anoitecer, o canto do noitibó sinaliza a sua chegada. São bons espíritos, mas os Mohegans sabem que devem ser tratados com respeito, de acordo com a tradição. É importante deixar cestas de comida, como broas de milho e bagas, ou até carne nas matas para eles. Vestindo flores como mocassins, eles recolhem os presentes à noite — na verdade, Makiawisug significa «mocassins de noitibó».

# 5

## «O Novo Reino Secreto» do Reverendo Kirk

O que está prestes a ler são excertos de uma das fontes clássicas de informação sobre a pequena gente. Foi escrito no final dos anos 1600, num dialeto inglês que acharemos um pouco difícil de ler. A ortografia, a capitalização e a estrutura das frases eram diferentes das nossas de hoje e, em alguns casos, as palavras são quase impossíveis de discernir. Suplementei com palavras modernas onde pareceu necessário e expliquei termos ou referências usados — todos os meus estão entre [colchetes], enquanto todos os comentários em (parênteses) são do autor original. Foi escrito pelo Reverendo Robert Kirk, um ministro episcopaliano escocês em Aberfoyle, Escócia (grafado Aberfoill pelo Reverendo Kirk), e concluído em 1691.

Há uma carta de Lord Reay para o Sr. Samuel Pepys datada de 24 de outubro de 1699, que afirma a existência de tal manuscrito, declarando: «Obtive um manuscrito desde que vim pela última vez à Escócia, cujo autor, embora um pároco, após dar um relato muito completo da Segunda Vista (termo usado para "ver fadas"), defende não haver pecado nisso.» A única edição existente de «O Novo Reino Secreto» do Reverendo Kirk está datada de 1815.

Por que razão incluí excertos do manuscrito neste livro? A resposta é que queria que vivenciasse o que eu vivenciei quando li o manuscrito pela primeira vez. Dá-nos uma ligação tão direta com as pessoas humanas nos anos 1600 e como elas acreditavam e vivenciavam a pequena gente. E em vez de transliterar o inglês escocês do Reverendo para a nossa língua moderna, senti uma ligação mais íntima com ele e com o seu relato ao usar as suas grafias, termos e arranjo de pensamentos em frases escritas. Sim, é difícil, até um pouco fatigante, ler o inglês do século dezassete, mas dedicando o meu tempo descobri que conseguia quase sentir o homem e a sua comunidade, e as suas vidas com as fadas.

A minha fonte é: Robert Kirk, *The Secret Commonwealth of Elves, Fauns, and Fairies*, Stirling: Eneas Mackay, 1933. Esta edição é uma reimpressão da edição de 1893, que por sua vez se baseia na primeira edição impressa de 1815. E, como referido, o manuscrito original de Kirk data de 1691, e a sua existência foi confirmada por uma carta datada de 1699.

O Reverendo Robert Kirk obteve o seu Mestrado em Artes em Edimburgo e o seu Doutoramento em Teologia em St. Andrews. Talvez mais diretamente relacionado com o seu tema de fadas, faunos, elfos e outra pequena gente possa estar o facto de ser um «sétimo filho». O folclore em torno de um sétimo filho naquelas épocas levava as pessoas a acreditarem que ele possuía poderes especiais. Claro que os poderes maiores eram os do sétimo filho de um sétimo filho, o que o Reverendo Kirk não era.

No entanto, alguns acreditavam que ele era possivelmente uma fada que encarnou como humano para nos ajudar a compreendê-las melhor. E alguns acreditavam que debaixo da sua lápide está um túmulo vazio, porque as fadas o levaram para a terra das fadas após a sua suposta «morte» humana. Ninguém menos que Sir Walter Scott, no seu manuscrito dos anos 1830, *Demonology and Witchcraft*, se referiu ao manuscrito do Reverendo Kirk, adicionando claramente à importância da obra.

O Reverendo Kirk escreveu na sua página de título:

The Secret Commonwealth

ou,

Um Tratado exibindo as Principais

Curiosidades

tal como estão em Uso entre diversos do

Povo da Escócia até ao Dia de Hoje;

SINGULARIDADES na sua maioria

peculiares a

essa Nação.

Os seus parágrafos de abertura foram:

Estes *Siths*, ou Fadas, chamam eles *Sleagh Maith*, ou o Povo Bom, segundo parece, para evitar a Força das suas más Tentativas, (pois os Irlandeses costumam abençoar tudo de que temem Mal) e diz-se que são de Natureza intermédia entre o Homem e o Anjo [uma crença comum a muitos povos para além dos escoceses], como se pensava antigamente que os Demónios eram; de Espíritos fluidos inteligentes e Corpos leves mutáveis (como os chamados Astrais), algo da natureza de uma Nuvem condensada, e melhor vistos ao Crepúsculo.

Esses Corpos são tão maleáveis através da Subtileza dos Espíritos que os agitam, que os podem fazer aparecer ou desaparecer à Vontade. Alguns têm Corpos ou Veículos tão esponjosos [semelhantes a esponjas, absorvendo assim nutrição], finos e delicados, que são alimentados apenas por sucção de alguns licores espirituosos finos, que penetram como Ar puro e Óleo: outros alimentam-se mais grosseiramente do *Foyson* [*foison*, que significa «a energia física e a força»] ou substância de Cereais e Licores, ou do próprio Cereal que cresce na Superfície da Terra, que estas Fadas roubam, em parte invisíveis, em parte fazendo presa do Grão, como fazem os Corvos e os Ratos; razão pela qual nesta mesma Época, eles são por vezes ouvidos a cozer Pão, dar Martelas de martelo e fazer tais Serviços semelhantes dentro dos pequenos Outeiros que mais frequentam: alguns dos quais antigamente, antes de o Evangelho dissipar o Paganismo [aqui encontramos a crença de que o Cristianismo estava a afastar os velhos caminhos e sabedorias pagãos], e em alguns Lugares bárbaros até agora, entram nas Casas depois de todos estarem a descansar, e põem as Cozinhas em ordem, limpando todos os Vasos. Tais *Drags* [recolhedores] vão sob o nome de *Brownies*.

Quando nós temos abundância, eles têm Escassez nas suas Casas; e pelo contrário (pois estão capacitados para apanhar tanta Preda em todo o lado quanto desejem), as suas Roubalheiras não obstante muitas vezes ocasionam que grandes Medas de Cereal não sangrem tão bem (como eles lhe chamam), ou se mostrem copiosas por muito

longe do que era esperado pelo Proprietário. [Naquela altura acreditava-se que as fadas não levavam corporalmente coisas, animais ou pessoas, mas apenas a força e a energia dos mesmos, fazendo com que os proprietários obtivessem menos vida de uma coisa, animal ou pessoa do que esperavam. Em gaélico o termo é *toradh*, que é a essência, virtude, fruto ou benefício de algo ou de alguém. A aparência exterior está lá, mas a essência vital desapareceu.]

Estes seus Corpos de Ar congelado são algumas vezes levados ao alto, noutras ocasiões rastejam em diferentes Formas, e entram em qualquer Fresta ou Fenda da Terra onde o Ar entre, para as suas Habitações ordinárias; estando a Terra cheia de Cavidades e Células, e não havendo Lugar nem Criatura que não se suponha ter outros Animais (maiores ou menores) a viver nela ou sobre ela como Habitantes; e não havendo tal coisa como um Deserto puro em todo o Universo.

Nós então (tendo o tipo mais terrestre agora povoado tão numerosamente todos os Países), trabalhamos para esse Povo abstruso, bem como para nós próprios. Embora, quando vários Países não eram habitados por nós, estes tivessem a sua Cultivação fácil acima do Solo, como nós agora. [Kirk intitulou esta secção do seu manuscrito «Habitantes Subterrâneos» e indicou que eles outrora viveram na terra, mas depois de os humanos tomarem conta da terra, eles foram para rachas, fendas, sulcos e outros lugares subterrâneos.] A Marca desses Sulcos ainda permanece para ser vista nos Ombros de Colinas muito altas, o que foi feito quando o Solo aberto era Mata e Floresta.

Eles mudam-se para outras Acomodações no Início de cada Trimestre do Ano, assim percorrendo até ao Dia do Juízo Final, sendo incapazes de ficar num só Lugar, e encontrando algum Alívio por assim viajar e mudar de Habitações. Os seus Corpos semelhantes a camaleões nadam no Ar perto da Terra com Mala e Bagagem; e em tal revolução de Tempo, os Videntes, ou Homens da SEGUNDA VISTA (sendo as Mulheres raramente tão qualificadas) têm Encontros muito aterrorizadores com eles, mesmo em Estradas Principais; que por isso habitualmente evitam viajar no exterior nestas quatro Estações do Ano, e por isso fizeram um Costume até ao Dia de Hoje entre os

Escoceses-Irlandeses de frequentar a Igreja devidamente em cada primeiro Domingo do Trimestre para se protegerem ou santificarem a si próprios, aos seus Cereais e Gado, dos Tiros e Furtos destas Tribos errantes; e muitas destas Pessoas supersticiosas não serão vistas na Igreja novamente até que o próximo Trimestre comece, como se nenhum Dever houvesse de ser aprendido ou feito por elas, mas todo o Uso do Culto e dos Sermões fosse para as salvar destas Setas que voam na Escuridão.

As «Setas que voam na Escuridão» do Reverendo Kirk são as antigas pontas de seta de sílex, sobre as quais a bruxa Isabel Gowdie [em *Scottish Criminal Trials* de Pitcairn, 1720] confessou:

«Quanto às setas de Elfo, o Diabo afia-as com a sua própria mão, e entrega-as aos rapazes Elfos, que as afilam e limpam com uma coisa afiada como uma agulha de coser sacos; mas quando eu estava na Terra dos Elfos, vi-os a afilar e a limpá-las.»

Os comentários do Reverendo Kirk sobre as mulheres serem «raramente tão qualificadas» e os homens terem «encontros muito aterrorizadores» com fadas nas estradas devem-se ao facto de as mulheres humanas raramente viajarem e, sempre que o faziam, era na companhia de homens que as protegiam. No entanto, mais à frente no seu manuscrito, ele dá exemplos de mulheres que encontraram fadas. Eis dois:

Entre outras Instâncias de indubitável Veracidade, provando nestas a Existência de tal Povo aéreo, de Espécies de Criaturas não vulgarmente conhecidas, adiciono as Relações subsequentes, algumas das quais tenho das minhas Relações com os Atores e Pacientes e o Resto das Testemunhas Oculares do Facto. O primeiro dos quais será o da Mulher tirada do seu Leito de Parto, e tendo uma Imagem persistente do seu Corpo substituído no seu Quarto [uma atividade vulgarmente acreditada das fadas: levar bebés humanos e substituí-los por réplicas quase sem vida que muitas vezes morrem mais cedo do que deveriam], cuja Semelhança definhou, morreu e foi enterrada. Mas a Pessoa roubada regressando ao seu Marido após o Espaço de dois Anos [a réplica tinha crescido e casado, depois a mulher real regressou da terra das fadas], estando ele convencido por muitos

Sinais inegáveis de que ela era a sua antiga Esposa, admitiu-a em Casa, e teve diversos Filhos dela.

Entre outros Relatos que ela deu ao seu Marido, este: Que ela percebia pouco do que eles [as fadas] faziam na espaçosa Casa em que se hospedou, até anovar um dos seus Olhos com uma certa Unção que estava junto dela; o que eles percebendo ter-lhe dado conhecimento das suas Ações, a puseram cega desse Olho com um Sopro da sua Respiração. Ela achou o Lugar cheio de Luz, sem qualquer Fonte ou Lâmpada de onde ela brotasse. Esta Pessoa vivia no País próximo daquele da minha última Residência, e poderia fornecer Matéria de Disputa entre Casuístas, se caso o seu Marido se tivesse casado no Ínterim da sua Ausência de dois Anos, ele estaria obrigado a divorciar-se da segunda Esposa, ao Regresso da primeira. Há uma Arte, aparentemente sem Superstição, para recuperar tais pessoas que são roubadas, mas penso ser supérfluo inseri-la.

Nesta história seguinte, Kirk relata sobre uma mulher idosa que, embora não comesse muito nem dormisse muito, tinha sempre força. Ele conta a história dela com a implicação de que a sua disposição bastante invulgar e equilíbrio saudável podem ter sido obtidos por experiências que ela teve nas colinas à noite a cuidar das suas ovelhas, notando que ela afirmava ter encontrado e conversado com «pessoas» estranhas e foi uma vez transportada para outro lugar.

Vi uma Mulher de quarenta Anos de Idade [a esperança de vida nos anos 1660 na Escócia e Inglaterra era de cerca de 35 anos], e examinei-a (tendo outro Homem do Clero na minha Companhia) sobre um Relato que corria sobre o seu longo jejum. Foi dito por eles da Casa, bem como por ela própria, que ela tomava muito Pouco ou nenhum Alimento há vários Anos passados; que ela permanecia nos Campos durante a Noite, via e conversava com um Povo que não conhecia, tendo vagueado em Procura das suas Ovelhas, e dormido sobre um Outeiro, e achando-se transportada para outro Lugar antes do Dia. A Mulher teve um Filho desde essa Altura, e ainda é bastante melancólica e silenciosa, dificilmente sendo vista a rir. O seu Calor natural e Humidade radical parecem estar igualmente equilibrados, como uma Lâmpada não apagada, e indo num Círculo, não diferente

do desmaio de Vida das Abelhas, e de algum Tipo de Aves, que dormem todo o Inverno, e revivem na Primavera.

Neste segmento breve seguinte, o Reverendo Kirk dá-nos mais alguns detalhes sobre as vidas das fadas:

Eles estão distribuídos em Tribos e Ordens, e têm Filhos, Amas, Casamentos, Mortes e Enterros, em aparência, tal como nós, (a menos que assim façam para um Espetáculo de Zombaria, ou para prognosticar tais Coisas entre nós.).

A implicação aqui é a de que, ocasionalmente, as fadas organizavam espetáculos a gozar com as atividades humanas ou a revelar um evento humano vindouro que elas previam através de algum método de conhecimento próprio, exibindo o evento perante os humanos num espetáculo.

Andrew Lang (1844-1912) — um poeta e romancista escocês mais conhecido como colecionador de contos populares e de fadas — escreveu e falou sobre o livro de Kirk, notando estes detalhes sobre as fadas:

Embora na cultura moderna sejam frequentemente retratadas como humanos jovens, por vezes alados, de pequena estatura, originalmente eram retratadas de forma bastante diferente: seres altos, radiantes, angélicos ou troles curtos e enrugados sendo duas das formas comummente mencionadas. Fadas diminutas de um tipo ou de outro têm sido registadas há séculos, mas ocorrem ao lado dos seres de tamanho humano; estas têm sido retratadas como variando em tamanho desde muito pequeninas até ao tamanho de uma criança humana. Mesmo com estas fadas pequenas, no entanto, o seu tamanho pequeno pode ser assumido magicamente em vez de constante.

Algumas fadas, embora normalmente bastante pequenas, eram capazes de dilatar as suas figuras para imitar humanos. As asas, embora comuns na arte vitoriana e posterior de fadas, são muito raras no folclore; mesmo fadas muito pequenas voavam com magia, por vezes voando em hastes de giesta ou nas costas de aves. Hoje em dia, as fadas são frequentemente retratadas com asas de inseto ordinárias ou asas de borboleta. Vários animais também têm sido descritos como fadas. Por vezes isto é o resultado de mudança de forma por parte da

fada, como no caso dos *selkies* (povo foca); outros, como o *kelpie* [nome escocês dado a um espírito da água mutante que habita os lagos e poços da Escócia.

Tem sido habitualmente descrito como aparecendo como um cavalo, mas é capaz de adotar a forma humana. Alguns relatos afirmam que o *kelpie* retém os cascos quando aparece como humano, levando à sua associação com a ideia cristã de Satanás, como aludido por Robert Burns no seu poema de 1786 «Address to the Deil»] e vários cães pretos, parecem permanecer mais constantes na forma. Naqueles dias pensava-se ser imprudente falar do conhecimento que se tinha do povo das fadas, pois a revelação dos seus segredos incorria no seu descontentamento e subsequente inflição de punição . . . era vulgarmente sustentado que aqueles que tinham estado de alguma forma próximos das fadas acabavam no domínio das fadas no termo da sua existência terrena.

O Rev. William M. Taylor relatou que na altura da morte do Rev. Kirk as pessoas acreditavam que ele tinha sido levado pelas fadas porque tinha estado a bisbilhotar demasiado profundamente nos seus segredos. Diz-se que a sua lápide ergue-se sobre um túmulo vazio. [«The History of the Book and Author», Coleção Andrew Lang, St. Andrews]

Agora de volta à escrita do Reverendo Kirk. Nesta secção ele defende a sua investigação sobre as fadas e dá-nos uma pequena perceção sobre as lendas e folclore que o motivaram:

Como a nossa Religião não nos obriga a fazer uma Busca perentória e curiosa nestas Abstrusidades, assim as Histórias de todas as Épocas dão tantos Exemplos claros de Ocorrências extraordinárias que tornam uma Investigação modesta não desprezível. Quanto se escreveu de Pigmeus, Fadas, Ninfas, Sereias, Aparições, o que embora não seja a décima Parte verdade, contudo não poderia brotar do nada! Mesmo Autores ingleses relatam que na Ilha Barry, em Glamorganshire, encostando o Ouvido a uma Fenda das Rochas, sopros de Foles, marteladas de Martelos, choque de Armaduras, limar de Ferro, serão ouvidos distintamente desde que Merlin encantou esses Entes subterrâneos a uma forja manual sólida de Armas para

Aurélio Ambrósio [um líder de guerra que venceu uma batalha importante contra os anglo-saxões no século V] e os seus Bretões, até que ele regressasse [a lenda sustenta que ele regressou no século IX]; o qual Merlin sendo morto numa Batalha, e não vindo desatar o Nó, estes Vulcanos ativos [quando a magia não vem desatar o nó da servidão, então os deuses do fogo e metalúrgicos na forja têm de quebrar os grilhões] estão ali atados a um Trabalho perpétuo. Mas para não mergulhar mais fundo do que isto . . .

Como pode ver, embora estes párocos fossem ministros cristãos, eles estavam bem cientes do folclore antigo e de eventos místicos e mágicos que afetavam as vidas da sua comunidade humana — mesmo que tais tivessem a sua origem no chamado «paganismo».

## 6

## Excertos de «Contos de Fadas» de J.R.R. Tolkien

John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973) era um amigo próximo do romancista C.S. Lewis (1898-1963). Tolkien era um escritor, poeta, filólogo [alguém que estuda línguas em fontes históricas escritas] e professor universitário inglês. Claro que ele é mais conhecido como o autor das obras clássicas de fantasia, *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*.

Este ensaio que estamos prestes a ler foi inicialmente escrito para uma apresentação que Tolkien deu para a série de palestras Andrew Lang na Universidade de St. Andrews em 1939. Apareceu pela primeira vez impresso em 1947, num volume compilado por ninguém menos que C.S. Lewis, intitulado, *Essays Presented to Charles Williams*. Eis excertos do documento. Usei reticências para indicar onde secções foram removidas para os nossos propósitos e foco aqui. Os apartes em (parênteses) são de Tolkien e aqueles em [colchetes] são meus. E embora muito disso esteja relacionado com a escrita de contos de fadas, Tolkien inclui muito do que achei ser útil para o nosso tema neste livro. Tal como com o manuscrito do Reverendo Kirk, deixei o estilo de escrita de Tolkien, a grafia, a capitalização e a estrutura das frases tal como ele as deu:

PROPOIS-ME falar sobre contos de fadas, embora esteja ciente de que esta é uma aventura temerária. A Terra das Fadas é uma terra

perigosa, e nela há armadilhas para os incautos e masmorras para os demasiado audazes. E demasiado audaz posso ser considerado, pois embora seja um amante de contos de fadas desde que aprendi a ler, e tenha por vezes pensado sobre eles, não os estudei profissionalmente. Tenho sido pouco mais do que um explorador errante (ou intruso) na terra, cheio de espanto mas não de informação.

O domínio do conto de fadas é amplo, profundo e alto e preenchido com muitas coisas: todo o tipo de bestas e aves se encontra lá; mares sem costa e estrelas inumeráveis; beleza que é um encantamento, e um perigo sempre presente; tanto alegria como tristeza tão afiadas como espadas. Nesse domínio um homem pode, talvez, considerar-se afortunado por ter vagueado, mas a sua própria riqueza e estranheza atam a língua de um viajante que as quisesse relatar. E enquanto ele lá está é perigoso para ele fazer demasiadas perguntas, para que os portões não se fechem e as chaves se percam. . . .

Sobrenatural é uma palavra perigosa e difícil em qualquer dos seus sentidos, mais livre ou mais estrito. Mas às fadas dificilmente pode ser aplicada, a menos que *super* seja tomado meramente como um prefixo superlativo. Pois é o homem que é, em contraste com as fadas, sobrenatural (e frequentemente de estatura diminuta); ao passo que elas são naturais, muito mais naturais do que ele. Tal é o seu fado. O caminho para a terra das fadas não é o caminho para o Céu; nem mesmo para o Inferno, creio eu, embora alguns tenham sustentado que pode levar até lá indiretamente através do dízimo do Diabo.

Ó não vedes vós aquele caminho estreito
Tão densamente cercado de espinhos e sarças?
Esse é o caminho da Retidão,
Embora por ele poucos perguntem.
E não vedes vós aquele caminho largo, largo
Que jaz através da relva de lírios?
Esse é o caminho da Maldade,
Embora alguns lhe chamem o Caminho para o Céu.
E não vedes vós aquele lindo caminho
Que se enrosca em redor daquela encosta de fetos?
Esse é o caminho para a bela Terra dos Elfos,

Onde tu e eu esta noite vamos caminhar.

Quanto ao tamanho diminuto: não nego que a noção seja principal no uso moderno. Tenho pensado frequentemente que seria interessante tentar descobrir como isso veio a ser assim; mas o meu conhecimento não é suficiente para uma resposta certa. Antigamente havia de facto alguns habitantes da Terra das Fadas que eram pequenos (embora dificilmente diminutos), mas a pequenez não era característica desse povo como um todo. O ser diminuto, elfo ou fada, é (suponho eu) em Inglaterra em grande parte um produto sofisticado da fantasia literária. Talvez não seja não natural que em Inglaterra, a terra onde o amor pelo delicado e fino tem frequentemente reaparecido na arte, a fantasia deva nesta matéria virar-se para o gracioso e diminuto, como em França foi para a corte e pôs pó e diamantes. Contudo suspeito que esta pequenez de flor e borboleta foi também um produto de «racionalização», que transformou o encanto da Terra dos Elfos em mera finura, e a invisibilidade numa fragilidade que podia esconder-se num prímula ou encolher-se atrás de uma folha de relva. Parece ter-se tornado elegante logo após as grandes viagens terem começado a fazer o mundo parecer demasiado estreito para conter tanto homens como elfos . . .

Disse que o sentido «histórias sobre fadas» era demasiado estreito. É demasiado estreito, mesmo que rejeitemos o tamanho diminuto, pois os contos de fadas não são no uso normal do inglês histórias sobre fadas ou elfos, mas histórias sobre a Fada, isto é, a Terra das Fadas, o domínio ou estado em que as fadas têm o seu ser. A Terra das Fadas contém muitas coisas além de elfos e fadas, e além de anões, bruxas, troles, gigantes ou dragões: ela detém os mares, o sol, a lua, o céu; e a terra, e todas as coisas que nela estão: árvore e ave, água e pedra, vinho e pão, e nós próprios, homens mortais, quando estamos encantados.

Histórias que estão na realidade preocupadas primariamente com «fadas», isto é, com criaturas que poderiam também no inglês moderno ser chamadas «elfos», são relativamente raras e, por regra, não muito interessantes. A maioria dos bons «contos de fadas» é sobre as aventuras de homens no Domínio Perigoso ou sobre as suas fronteiras sombrias. Naturalmente assim; pois se os elfos são

verdadeiros, e existem realmente independentemente das nossas histórias sobre eles, então isto também é certamente verdadeiro: os elfos não estão primariamente preocupados connosco, nem nós com eles. Os nossos fados estão separados, e os nossos caminhos raramente se encontram. Mesmo nas fronteiras da Terra das Fadas encontramo-los apenas em algum cruzamento casual dos caminhos . . .

**Origens**

É bastante claro que os contos de fadas (em sentido mais amplo ou mais estreito) são na verdade muito antigos. Coisas relacionadas aparecem em registos muito primitivos; e encontram-se universalmente, onde quer que haja linguagem. Estamos, pois, obviamente confrontados com uma variante do problema que o arqueólogo encontra, ou o filólogo comparativo: com o debate entre a evolução independente (ou antes invenção) do semelhante; a herança de uma ancestralidade comum; e a difusão em várias alturas a partir de um ou mais centros. A maioria dos debates depende de uma tentativa (por um ou ambos os lados) de simplificação excessiva; e não suponho que este debate seja uma exceção.

A história dos contos de fadas é provavelmente mais complexa do que a história física da raça humana, e tão complexa como a história da linguagem humana. Todas as três coisas: invenção independente, herança e difusão, desempenharam evidentemente o seu papel na produção da teia intrincada da História. Está agora além de toda a perícia que não a dos elfos desenredá-la . . .

A filologia [estudo da linguagem em fontes históricas escritas] foi destronada do lugar alto que outrora teve neste tribunal de inquérito. A visão de Max Muller da mitologia como uma «doença da linguagem» pode ser abandonada sem pesar. A mitologia não é de todo uma doença, embora possa como todas as coisas humanas tornar-se doentia. Mais valia dizer que o pensamento é uma doença da mente. Estaria mais perto da verdade dizer que as línguas, especialmente as línguas europeias modernas, são uma doença da mitologia.

Mas a Linguagem não pode, apesar de tudo, ser descartada. A mente encarnada, a língua e o conto são no nosso mundo coevos. A mente humana, dotada dos poderes de generalização e abstração, vê

não apenas relva-verde, discriminando-a de outras coisas (e achando-a bela de olhar), mas vê que ela é verde bem como sendo relva. Mas quão poderosa, quão estimulante para a própria faculdade que a produziu, foi a invenção do adjetivo: nenhum feitiço ou encantamento na Terra das Fadas é mais potente. E isso não é surpreendente: tais encantamentos poderiam na verdade ser ditos como sendo apenas outra perspetiva dos adjetivos, uma parte do discurso numa gramática mítica.

A mente que pensou em leve, pesado, cinzento, amarelo, imóvel, veloz, também concebeu a magia que tornaria coisas pesadas leves e capazes de voar, transformaria chumbo cinzento em ouro amarelo, e a rocha imóvel numa água veloz. Se podia fazer um, podia fazer o outro; inevitavelmente fez ambos. Quando podemos tirar o verde da relva, o azul do céu e o vermelho do sangue, temos já o poder de um encantador — num plano; e o desejo de empunhar esse poder no mundo externo às nossas mentes desperta. Não se segue que usaremos bem esse poder em qualquer plano. Podemos pôr um verde mortal no rosto de um homem e produzir um horror; podemos fazer a rara e terrível lua azul brilhar; ou podemos fazer com que as matas brotem com folhas de prata e os carneiros vistam velos de ouro, e pôr fogo quente no ventre do verme frio. Mas em tal «fantasia», como é chamada, nova forma é feita; a Terra das Fadas começa; o Homem torna-se um subcriador.

Um poder essencial da Terra das Fadas é assim o poder de tornar imediatamente eficazes pela vontade as visões da «fantasia». Nem todas são belas ou sequer saudáveis, não de qualquer modo as fantasias do Homem caído. E ele manchou os elfos que têm este poder (em verdade ou fábula) com a sua própria mancha. Este aspeto da «mitologia» — subcriação, em vez de representação ou interpretação simbólica das belezas e terrores do mundo — é, penso eu, demasiado pouco considerado . . .

**Fantasia**

A mente humana é capaz de formar imagens mentais de coisas não realmente presentes. A faculdade de conceber as imagens é (ou era) naturalmente chamada Imaginação. Mas em tempos recentes, em

linguagem técnica não normal, a Imaginação tem sido frequentemente tida como algo mais elevado do que a mera feitura de imagens, atribuída às operações da Fantasia (uma forma reduzida e depreciativa da palavra mais antiga Fantasia); tenta-se assim restringir, eu diria aplicar mal, a Imaginação ao «poder de dar às criações ideais a consistência interna da realidade».

Por muito ridículo que possa ser para alguém tão pouco instruído ter uma opinião sobre esta matéria crítica, atrevo-me a pensar que a distinção verbal é filologicamente inadequada e a análise inexata. O poder mental de fazer imagens é uma coisa, ou aspeto; e deveria ser apropriadamente chamado Imaginação. A perceção da imagem, o domínio das suas implicações e o controlo, que são necessários para uma expressão bem-sucedida, podem variar em vivacidade e força: mas esta é uma diferença de grau na Imaginação, não uma diferença de género. A realização da expressão, que dá (ou parece dar) «a consistência interna da realidade», é de facto outra coisa, ou aspeto, a precisar de outro nome: Arte, o elo operativo entre a Imaginação e o resultado final, a Subcriação.

Para o meu propósito atual necessito de uma palavra que abranja tanto a Arte Subcriativa em si mesma como uma qualidade de estranheza e espanto na Expressão, derivada da Imagem: uma qualidade essencial ao conto de fadas. Proponho, portanto, arrogar a mim próprio os poderes de Humpty-Dumpty e usar Fantasia para este propósito: num sentido, isto é, que combina com o seu uso mais antigo e elevado como equivalente de Imaginação as noções derivadas de «irrealidade» (isto é, de dessemelhança com o Mundo Primário), de libertação do domínio do «facto» observado, em suma, do fantástico.

Estou assim não apenas ciente mas satisfeito com as conexões etimológicas e semânticas da fantasia com o fantástico: com imagens de coisas que não estão apenas «não realmente presentes», mas que de facto não se encontram de todo no nosso mundo primário, ou em que geralmente se acredita não se encontrarem lá. Mas embora admitindo isso, não concordo com o tom depreciativo. Que as imagens sejam de coisas que não estão no mundo primário (se é que isso é possível) é uma virtude, não um vício. A Fantasia (neste sentido) é, penso eu, não

uma forma inferior mas uma forma mais elevada de Arte, de facto a forma mais quase pura e, assim (quando alcançada), a mais potente.

A Fantasia, claro, começa com uma vantagem: uma estranheza impactante. Mas essa vantagem tem sido virada contra ela e tem contribuído para o seu descrédito. Muitas pessoas não gostam de ser «impactadas». Não gostam de qualquer interferência com o Mundo Primário, ou com as pequenas visões dele que lhes são familiares. Elas, portanto, estúpida e até maliciosamente confundem Fantasia com Sonho, no qual não há Arte; e com perturbações mentais, nas quais não há sequer controlo: com ilusão e alucinação.

Mas o erro ou malícia, gerados pelo desassossego e consequente desgosto, não é a única causa desta confusão. A Fantasia tem também uma desvantagem essencial: é difícil de alcançar. A Fantasia pode ser, como penso, não menos mas mais subcriativa; mas de qualquer modo descobre-se na prática que «a consistência interna da realidade» é mais difícil de produzir quanto mais dessemelhantes forem as imagens e as reorganizações do material primário das disposições reais do Mundo Primário. É mais fácil produzir este tipo de «realidade» com material mais «sóbrio».

A Fantasia assim, demasiadas vezes, permanece subdesenvolvida; é e tem sido usada frivolamente, ou apenas meio a sério, ou meramente para decoração: permanece meramente «fantasiosa». Qualquer pessoa que herde o dispositivo fantástico da linguagem humana pode dizer *o sol verde*. Muitos podem então imaginá-lo ou figurá-lo. Mas isso não é suficiente — embora possa já ser uma coisa mais potente do que muitos «esboços rápidos» ou «transcrições da vida» que recebem elogios literários. Fazer um Mundo Secundário dentro do qual o sol verde seja credível, comandando uma Crença Secundária, exigirá provavelmente trabalho e pensamento, e exigirá certamente uma habilidade especial, uma espécie de ofício élfico. Poucos tentam tais tarefas difíceis. Mas quando elas são tentadas e em qualquer grau alcançadas, temos então uma realização rara de Arte: de facto arte narrativa, criação de histórias no seu modo primário e mais potente.

Na arte humana a Fantasia é uma coisa melhor deixada às palavras, à verdadeira literatura. Na pintura, por exemplo, a apresentação visível da imagem fantástica é tecnicamente demasiado fácil; a mão tende a ultrapassar a mente, até a derrubá-la. A tolice ou a morbidez são resultados frequentes. É uma desgraça que o Drama, uma arte fundamentalmente distinta da Literatura, deva ser tão comummente considerado juntamente com ela, ou como um ramo dela. Entre estas desgraças podemos contar a depreciação da Fantasia. Pois em parte, pelo menos, esta depreciação deve-se ao desejo natural dos críticos de enaltecer as formas de literatura ou «imaginação» que eles próprios, intrinsecamente ou por formação, preferem.

Mas a crítica num país que produziu um Drama tão grande, e possui as obras de William Shakespeare, tende a ser demasiado dramática. Mas o Drama é naturalmente hostil à Fantasia. A Fantasia, mesmo a do tipo mais simples, dificilmente tem sucesso no Drama, quando este é apresentado como deveria ser, atuado visível e audivelmente. As formas fantásticas não devem ser falsificadas. Homens mascarados como animais falantes podem alcançar a bufonaria ou a mímica, mas não alcançam a Fantasia. Isto é, penso eu, bem ilustrado pelo fracasso da forma bastarda, a pantomima. Quanto mais próxima está do «conto de fadas dramatizado», pior é. Só é tolerável quando o enredo e a sua fantasia são reduzidos a uma mera estrutura vestigial para a farsa, e nenhuma «crença» de qualquer tipo em qualquer parte da representação é exigida ou esperada de ninguém. Isto deve-se, claro, em parte ao facto de os produtores de drama terem de, ou tentarem, trabalhar com mecanismos para representar a Fantasia ou a Magia.

Vi uma vez uma chamada «pantomima infantil», a história direta do Gato das Botas, com até a metamorfose do ogro num rato. Tivesse isto sido mecanicamente bem-sucedido, teria ou aterrorizado os espetadores ou teria sido apenas um número de ilusionismo de alta classe. Como foi, embora feito com alguma engenhosidade de iluminação, a descrença não teve tanto de ser suspensa como de ser enforcada, despedaçada e esquartejada.

Em *Macbeth*, quando é lido, acho as bruxas toleráveis: têm uma função narrativa e alguma pista de significado sombrio; embora sejam

vulgarizadas, pobres coisas do seu tipo. São quase intoleráveis na peça. Seriam completamente intoleráveis, se eu não estivesse fortificado por alguma memória delas como são na história quando lida. Dizem-me que me sentiria de forma diferente se tivesse a mente da época, com as suas caças às bruxas e julgamentos de bruxas.

Mas isso é dizer: se eu considerasse as bruxas como possíveis, de facto prováveis, no Mundo Primário; em outras palavras, se elas deixassem de ser «Fantasia». Esse argumento concede o ponto. Ser dissolvida, ou ser degradada, é o destino provável da Fantasia quando um dramaturgo tenta usá-la, mesmo um dramaturgo como Shakespeare. *Macbeth* é de facto uma obra de um dramaturgo que deveria, pelo menos nesta ocasião, ter escrito uma história, se tivesse a habilidade ou paciência para essa arte.

Uma razão, mais importante, penso eu, do que a inadequação dos efeitos de palco, é esta: o Drama tem, pela sua própria natureza, tentado já uma espécie de magia falsa, ou direi pelo menos substituta: a apresentação visível e audível de homens imaginários numa história. Isso é em si mesmo uma tentativa de falsificar a varinha do mágico. Introduzir, mesmo com sucesso mecânico, neste mundo secundário quase mágico uma posterior fantasia ou magia é exigir, por assim dizer, um mundo interior ou terciário. É um mundo a mais. Fazer tal coisa pode não ser impossível. Nunca vi ser feito com sucesso. Mas pelo menos não se pode alegar como o modo próprio do Drama, no qual pessoas a caminhar e a falar foram encontradas como sendo os instrumentos naturais da Arte e da ilusão.

Por esta razão precisa — que as personagens, e até as cenas, no Drama não são imaginadas mas realmente contempladas — o Drama é, mesmo que use um material semelhante (palavras, verso, enredo), uma arte fundamentalmente diferente da arte narrativa. Assim, se prefere o Drama à Literatura (como muitos críticos literários claramente fazem), ou forma as suas teorias críticas primariamente a partir de críticos dramáticos, ou mesmo a partir do Drama, é propenso a incompreender a pura criação de histórias, e a constrangê-la às limitações das peças de teatro. É, por exemplo, provável que prefira personagens, mesmo as mais baixas e enfadonhas, a coisas. Muito pouco sobre árvores como árvores pode ser colocado numa peça.

Ora o «Drama Fada» — aquelas peças que de acordo com abundantes registos os elfos têm frequentemente apresentado aos homens — pode produzir Fantasia com um realismo e imediatismo além do alcance de qualquer mecanismo humano. Como resultado, o seu efeito habitual (sobre um homem) é ir além da Crença Secundária. Se estiver presente num drama fada, você próprio está, ou pensa que está, corporalmente dentro do seu Mundo Secundário. A experiência pode ser muito semelhante ao Sonho e tem (segundo parece) sido por vezes (pelos homens) confundida com ele. Mas no drama fada você está num sonho que alguma outra mente está a tecer, e o conhecimento desse facto alarmante pode escapar do seu domínio.

Experienciar diretamente um Mundo Secundário: a poção é demasiado forte, e você dá-lhe a Crença Primária, por mais maravilhosos que sejam os eventos. Você é iludido — se essa é a intenção dos elfos (sempre ou em qualquer altura) é outra questão. Eles, de qualquer modo, não estão eles próprios iludidos. Isto é para eles uma forma de Arte, e distinta da Feitiçaria ou Magia, propriamente faladas. Não vivem nela, embora possam, talvez, dar-se ao luxo de passar mais tempo nela do que os artistas humanos podem. O Mundo Primário, a Realidade, dos elfos e dos homens é o mesmo, se bem que avaliado e percecionado de forma diferente.

Necessitamos de uma palavra para este ofício élfico, mas todas as palavras que lhe têm sido aplicadas foram esborratadas e confundidas com outras coisas. Magia está à mão, e usei-a acima, mas não o deveria ter feito: Magia deveria ser reservada para as operações do Mágico. A Arte é o processo humano que produz pelo caminho (não é o seu único ou último objeto) a Crença Secundária. Arte do mesmo tipo, se bem que mais hábil e sem esforço, os elfos podem também usar, ou assim os relatos parecem mostrar; mas ao ofício mais potente e especialmente élfico chamarei, à falta de uma palavra menos debatível, Encantamento. O Encantamento produz um Mundo Secundário no qual tanto o criador como o espetador podem entrar, para satisfação dos seus sentidos enquanto estão lá dentro; mas na sua pureza é artístico no desejo e propósito. A Magia produz, ou pretende produzir, uma alteração no Mundo Primário. Não importa por quem se diga ser praticada, fada ou mortal, permanece distinta das outras duas;

não é uma arte mas uma técnica; o seu desejo é o poder neste mundo, o domínio sobre as coisas e vontades.

Para o ofício élfico, o Encantamento, a Fantasia aspira, e quando é bem-sucedida, de todas as formas de arte humana é a que mais quase se aproxima. No coração de muitas histórias humanas sobre os elfos jaz, aberto ou oculto, puro ou misturado, o desejo por uma arte subcriativa viva e realizada, que (por muito que exteriormente lhe possa assemelhar) é interiormente inteiramente diferente da ganância pelo poder focado em si mesmo que é a marca do mero Mágico.

Deste desejo os elfos, na sua melhor (mas ainda perigosa) parte, são em grande parte feitos; e é deles que podemos aprender qual é o desejo central e aspiração da Fantasia humana — mesmo que os elfos sejam, tanto mais quanto o são, apenas um produto da própria Fantasia. Esse desejo criativo é apenas enganado por falsificações, quer os dispositivos inocentes mas desajeitados do dramaturgo humano, quer as fraudes malévolas dos mágicos. Neste mundo ele é para os homens insatisfazível, e assim imperecível. Não corrompido, não procura a ilusão nem o feitiço e o domínio; procura o enriquecimento partilhado, parceiros na feitura e no deleite, não escravos.

Para muitos, a Fantasia, esta arte subcriativa que faz truques estranhos com o mundo e tudo o que nele há, combinando nomes e redistribuindo adjetivos, tem parecido suspeita, se não ilegítima. Para alguns tem parecido pelo menos uma tolice infantil, uma coisa apenas para povos ou para pessoas na sua juventude. Quanto à sua legitimidade não direi mais do que citar uma breve passagem de uma carta que uma vez escrevi a um homem que descreveu o mito e o conto de fadas como «mentiras»; embora para lhe fazer justiça ele tenha sido suficientemente bondoso e confuso para chamar à feitura de contos de fadas «Soprar uma mentira através da Prata».

> «Meu Senhor», disse eu — Embora agora há muito afastado,
> O Homem não está totalmente perdido nem totalmente mudado.
> Desgraçado pode estar, contudo não está destronado,
> e mantém os farrapos de senhorio que uma vez deteve:
> O Homem, Subcriador, a Luz refratada

através de quem é dividida a partir de um único Branco
em muitas cores, e infinitamente combinada
em formas vivas que se movem de mente em mente.
Embora todas as frestas do mundo tivéssemos enchendo
com Elfos e Goblins, embora tivéssemos ousado construir
Deuses e as suas casas a partir da escuridão e da luz,
e semeado a semente de dragões — era nosso direito
(usado ou mal-usado). Esse direito não decaiu:
criamos ainda pela lei pela qual fomos criados.

A Fantasia é uma atividade humana natural. Certamente não destrói nem sequer insulta a Razão; e também não embota o apetite nem obscurece a perceção da veracidade científica. Pelo contrário. Quanto mais afiada e clara for a razão, melhor fantasia fará. Se os homens tivessem estado alguma vez num estado em que não quisessem saber ou não pudessem percecionar a verdade (factos ou evidências), então a Fantasia esmoreceria até que eles fossem curados. Se eles alguma vez entrarem nesse estado (não me parece de todo impossível), a Fantasia perimirá e tornar-se-á Ilusão Mórbida.

Pois a Fantasia criativa é fundada no duro reconhecimento de que as coisas são assim no mundo como ele aparece debaixo do sol; num reconhecimento do facto, mas não numa escravidão a ele. Assim sobre a lógica foi fundado o disparate que se exibe nos contos e rimas de Lewis Carroll. Se os homens realmente não pudessem distinguir entre sapos e homens, contos de fadas sobre reis-sapos não teriam surgido.

A Fantasia pode, claro, ser levada ao excesso. Pode ser mal feita. Pode ser posta a maus usos. Pode até iludir as mentes de onde veio. Mas de que coisa humana neste mundo caído não é isso verdade? Os homens conceberam não apenas elfos, mas imaginaram deuses e adoraram-nos, até adorando aqueles mais deformados pelo próprio mal dos seus autores. Mas fizeram falsos deuses a partir de outros materiais: as suas noções, as suas bandeiras, as suas moedas; até as suas ciências e as suas teorias sociais e económicas exigiram sacrifício humano. *Abusus non tollit usum* [«não impede o uso»]. A Fantasia permanece um direito humano: criamos na nossa medida e no nosso modo derivado, porque fomos criados: e não apenas criados, mas criados à imagem e semelhança de um Criador.

## Recuperação, Evasão, Consolo

Recuperação (que inclui o regresso e a renovação da saúde) é um reaver — reaver de uma visão clara. Não digo «ver as coisas como elas são» para me não envolver com os filósofos, embora me pudesse atrever a dizer «ver as coisas como nós éramos (ou fomos) feitos para as ver» — como coisas à parte de nós próprios. Precisamos, em todo o caso, de limpar as nossas janelas; para que as coisas vistas claramente possam ser libertadas do borrão cinzento da banalidade ou familiaridade — da possessividade.

De todos os rostos os dos nossos familiares são os mais difíceis tanto para fazer truques fantásticos como para ver realmente com nova atenção, percecionando a sua semelhança e dessemelhança: que são rostos e contudo rostos únicos. Esta banalidade é realmente a penalidade da «apropriação»: as coisas que são banais, ou (num mau sentido) familiares, são as coisas de que nos apropriámos, legal ou mentalmente. Dizemos que as conhecemos. Tornaram-se como as coisas que uma vez nos atraíram pelo seu brilho, ou pela sua cor, ou pela sua forma, e pusemos as mãos sobre elas, e depois trancámo-las no nosso tesouro, adquirimo-las, e ao adquiri-las deixámos de olhar para elas.

Claro que os contos de fadas não são o único meio de recuperação, ou profilático contra a perda. A humildade é suficiente. E há (especialmente para os humildes) o *Mooreeffoc*, ou a Fantasia Chestertoniana [«paradoxal»]. *Mooreeffoc* é uma palavra fantástica, mas podia ser vista escrita em todas as cidades desta terra. É *Coffee-room* [sala de café], vista do lado de dentro através de uma porta de vidro, como foi vista por Dickens num dia escuro de Londres; e foi usada por Chesterton para denotar a estranheza das coisas que se tornaram banais, quando são vistas de repente a partir de um novo ângulo. Esse tipo de «fantasia» a maioria das pessoas admitiria como sendo suficientemente saudável; e nunca lhe faltará material. Mas tem, penso eu, apenas um poder limitado; pela razão de que a recuperação da frescura da visão é a sua única virtude. A palavra *Mooreeffoc* pode fazê-lo perceber de repente que Inglaterra é uma terra totalmente alienígena, perdida quer numa época passada remota vislumbrada pela história, quer num futuro estranho e ténue a ser alcançado apenas por

uma máquina do tempo; ver a estranheza e o interesse incríveis dos seus habitantes e dos seus costumes e hábitos alimentares; mas não pode fazer mais do que isso: atuar como um telescópio temporal focado num ponto.

A fantasia criativa, porque está principalmente a tentar fazer outra coisa (criar algo novo), pode abrir o seu tesouro e deixar todas as coisas trancadas voar como pássaros em gaiolas. As gemas transformam-se todas em flores ou chamas, e você será avisado de que tudo o que tinha (ou conhecia) era perigoso e potente, não realmente acorrentado de forma efetiva, livre e selvagem; não mais seu do que elas eram você.

Os elementos «fantásticos» no verso e na prosa de outros tipos, mesmo quando apenas decorativos ou ocasionais, ajudam nesta libertação. Mas não tão profundamente como um conto de fadas, uma coisa construída sobre ou em redor da Fantasia, da qual a Fantasia é o cerne. A Fantasia é feita a partir do Mundo Primário, mas um bom artesão ama o seu material, e tem um conhecimento e sentimento pela argila, pedra e madeira que apenas a arte de criar pode dar. Pela forja de Gram o ferro frio foi revelado; pela feitura de Pégaso os cavalos foram enobrecidos; nas Árvores do Sol e da Lua a raiz e o tronco, a flor e o fruto são manifestados em glória.

E na realidade os contos de fadas tratam em grande parte, ou (os melhores) principalmente, de coisas simples ou fundamentais, não tocadas pela Fantasia, mas estas simplicidades são tornadas ainda mais luminosas pelo seu cenário. Pois o criador de histórias que se permite ser «livre com» a Natureza pode ser seu amante e não seu escravo. Foi nos contos de fadas que primeiro adivinhei a potência das palavras, e o espanto das coisas, tais como a pedra, e a madeira, e o ferro; a árvore e a relva; a casa e o fogo; o pão e o vinho.

Concluirei agora considerando a Evasão e o Consolo, que estão naturalmente intimamente conectados. Embora os contos de fadas não sejam de modo algum o único meio de Evasão, são hoje uma das formas mais óbvias e (para alguns) ultrajantes de literatura «escapista»; e é assim razoável anexar a uma consideração deles algumas considerações sobre este termo «evasão» na crítica em geral.

Afirmei que a Evasão é uma das principais funções dos contos de fadas e, como não os desaprovo, é claro que não aceito o tom de desprezo ou piedade com que a «Evasão» é agora tão frequentemente usada: um tom para o qual os usos da palavra fora da crítica literária não dão qualquer garantia. Naquilo que os maus utilizadores gostam de chamar Vida Real, a Evasão é evidentemente por regra muito prática, e pode até ser heroica. Na vida real é difícil culpá-la, a menos que falhe; na crítica pareceria ser tanto pior quanto melhor for bem-sucedida. Evidentemente estamos confrontados com uma má utilização de palavras e também com uma confusão de pensamento. Por que razão deveria um homem ser desprezado se, encontrando-se na prisão, tenta sair e ir para casa? Ou se, quando não o pode fazer, pensa e fala sobre outros tópicos que não os carcereiros e as muralhas da prisão? O mundo exterior não se tornou menos real porque o prisioneiro o não pode ver. Ao usar a evasão desta forma os críticos escolheram a palavra errada e, mais do que isso, estão a confundir, nem sempre por erro sincero, a Evasão do Prisioneiro com a Fuga do Desertor.

Exatamente como um porta-voz de um Partido poderia ter etiquetado a saída da miséria do Reich do Führer ou de qualquer outro e até a crítica a ele como traição. Da mesma forma estes críticos, para tornar a confusão pior, e assim trazer ao desdém os seus opositores, colam a sua etiqueta de desprezo não apenas na Deserção, mas na Evasão real, e no que são frequentemente os seus companheiros, o Desgosto, a Ira, a Condenação e a Revolta. Não apenas confundem a evasão do prisioneiro com a fuga do desertor; mas pareceriam preferir a aquiescência do «quisling» *(traidor)* à resistência do patriota. Para tal pensamento basta dizer «a terra que amavas está condenada» para desculpar qualquer traição, de facto para a glorificar.

Para um exemplo insignificante: não mencionar (de facto não exibir) candeeiros de iluminação pública elétricos de padrão produzido em massa na sua história é Evasão (nesse sentido). Mas pode, quase certamente surge, de um desgosto ponderado por um produto tão típico da Era dos Robôs, que combina a elaboração e a engenhosidade dos meios com a fealdade e (frequentemente) com a inferioridade do resultado. Estes candeeiros podem ser excluídos da

história simplesmente porque são maus candeeiros; e é possível que uma das lições a aprender com a história seja a perceção deste facto. Mas surge o pau grande: «Os candeeiros elétricos vieram para ficar», dizem eles. Há muito tempo Chesterton notou verdadeiramente que, assim que ouvia que qualquer coisa «tinha vindo para ficar», sabia que seria muito em breve substituída — de facto considerada como lamentavelmente obsoleta e gasta.

«O marchar da Ciência, o seu tempo acelerado pelas necessidades da guerra, prossegue inexoravelmente . . . tornando algumas coisas obsoletas, e anunciando novos desenvolvimentos na utilização da eletricidade»: um anúncio. Isto diz a mesma coisa apenas de forma mais ameaçadora. O candeeiro de iluminação pública elétrico pode de facto ser ignorado, simplesmente porque é tão insignificante e transitório. Os contos de fadas, em todo o caso, têm muitas mais coisas permanentes e fundamentais para falar. O relâmpago, por exemplo.

O escapista não é tão subserviente aos caprichos da moda evanescente como estes opositores. Não faz das coisas (que pode ser bastante racional considerar como más) os seus mestres ou os seus deuses adorando-as como inevitáveis, até «inexoráveis». E os seus opositores, tão facilmente desdenhosos, não têm garantia de que ele vá parar aí: ele poderia despertar os homens para derrubar os candeeiros de iluminação pública. O escapismo tem outra e ainda mais perversa face: a Reação.

Não há muito tempo — incrível embora possa parecer — ouvi um escrivão de Oxenford declarar que «congratulava» a proximidade de fábricas de robôs de produção em massa, e o rugido do tráfego mecânico que a si mesmo se obstruía, porque isso trazia a sua universidade para o «contacto com a vida real». Ele podia querer dizer que a forma como os homens estavam a viver e a trabalhar no século vinte estava a aumentar em barbaridade a um ritmo alarmante, e que a ruidosa demonstração disso nas ruas de Oxford poderia servir como um aviso de que não é possível preservar por muito tempo um oásis de sanidade num deserto de insensatez por meras vedações, sem uma ação ofensiva real (prática e intelectual).

Receio que não quisesse dizer isso. Em todo o caso a expressão «vida real» neste contexto parece ficar aquém dos padrões académicos. A noção de que os automóveis estão mais «vivos» do que, digamos, centauros ou dragões é curiosa; que são mais «reais» do que, digamos, cavalos é pateticamente absurda. Quão real, quão surpreendentemente viva é uma chaminé de fábrica comparada com um olmo: pobre coisa obsoleta, sonho insustentável de um escapista!

«A meada e a fealdade da vida europeia moderna» — essa vida real cujo contacto deveríamos saudar — «é o sinal de uma inferioridade biológica, de uma reação insuficiente ou falsa ao meio ambiente.» O castelo mais louco que alguma vez saiu da bolsa de um gigante numa história gaélica selvagem não é apenas muito menos feio do que uma fábrica de robôs, é também (para usar uma frase muito moderna) «num sentido muito real» infinitamente mais real.

Por que razão não haveríamos de escapar ou condenar a «sombria assíria» absurdidade das cartolas, ou o horror morlockiano das fábricas? Eles são condenados até pelos escritores daquela forma mais escapista de toda a literatura, as histórias de ficção científica. Estão estes profetas frequentemente a prever (e muitos parecem ansiar por) um mundo como uma grande estação de comboios com teto de vidro. Mas a partir deles é por regra muito difícil depreender o que os homens em tal cidade-mundo farão. Podem abandonar a «panóplia vitoriana completa» por vestes largas (com fechos de correr), mas usarão essa liberdade principalmente, segundo pareceria, para brincar com brinquedos mecânicos no jogo rapidamente enjoativo de se moverem a alta velocidade. A julgar por alguns destes contos eles continuarão tão lascivos, vingativos e gananciosos como sempre; e os ideais dos seus idealistas dificilmente vão mais longe do que a esplêndida noção de construir mais cidades do mesmo tipo noutros planetas.

É de facto uma era de «meios melhorados para fins deteriorados». É parte da enfermidade essencial de tais dias — produzindo o desejo de escapar, não de facto da vida, mas do nosso tempo presente e da miséria por nós próprios criada — que estejamos agudamente conscientes tanto da fealdade das nossas obras como do seu mal. De modo que para nós o mal e a fealdade parecem indissoluvelmente

aliados. Achamos difícil conceber o mal e a beleza juntos. O medo da bela fada que atravessava as eras mais antigas quase escapa ao nosso alcance.

Ainda mais alarmante: a própria bondade está desprovida da sua beleza própria. Na Terra das Fadas pode-se de facto conceber um ogro que possui um castelo pavoroso como um pesadelo (pois o mal do ogro assim o quer), mas não se pode conceber uma casa construída com um bom propósito — uma estalagem, um albergue para viajantes, o salão de um rei virtuoso e nobre — que seja ainda assim enjoativamente feia. No presente dia seria arriscado esperar ver uma que o não fosse — a menos que tivesse sido construída antes do nosso tempo.

Este, contudo, é o aspeto «escapista» moderno e especial (ou acidental) dos contos de fadas, que eles partilham com romances e outras histórias vindas do passado ou sobre o passado. Muitas histórias vindas do passado só se tornaram «escapistas» no seu apelo por terem sobrevivido de um tempo em que os homens ficavam por regra encantados com o trabalho das suas mãos até ao nosso tempo, em que muitos homens sentem desgosto com as coisas feitas pelo homem.

Mas há também outros e mais profundos «escapismos» que sempre apareceram no conto de fadas e na lenda. Há outras coisas mais sombrias e terríveis de que fugir do que o ruído, a fedentina, a crueldade e a extravagância do motor de combustão interna. Há a fome, a sede, a pobreza, a dor, o desgosto, a injustiça, a morte. E mesmo quando os homens não estão a enfrentar coisas duras como estas, há limitações antigas de que os contos de fadas oferecem uma espécie de evasão, e velhas ambições e desejos (tocando nas próprias raízes da fantasia) a que eles oferecem uma espécie de satisfação e consolo.

Alguns são fraquezas ou curiosidades perdoáveis: tais como o desejo de visitar, livre como um peixe, o mar profundo; ou o anseio pelo voo silencioso, gracioso, económico de uma ave, esse anseio que o aeroplano defrauda, exceto em momentos raros, visto do alto e tornado silencioso pelo vento e pela distância, virando-se ao sol: isto

é, precisamente quando imaginado e não usado. Há desejos mais profundos: tais como o desejo de conversar com outras coisas vivas. Neste desejo, tão antigo como a Queda, funda-se em grande parte o falar dos animais e criaturas nos contos de fadas, e especialmente a compreensão mágica da sua fala própria. Esta é a raiz, e não a «confusão» atribuída às mentes dos homens do passado não registado, uma alegada «ausência do sentido de separação de nós próprios em relação aos animais». Um sentido vivo dessa separação é muito antigo; mas também um sentido de que isso era uma rutura: um fado estranho e uma culpa jazem sobre nós. Outras criaturas são como outros domínios com os quais o Homem cortou relações, e vê agora apenas pelo lado de fora à distância, estando em guerra com elas, ou nos termos de um armistício inquieto.

Há uns poucos homens que são privilegiados para viajar um pouco no estrangeiro; outros devem dar-se por satisfeitos com relatos de viajantes. Até sobre sapos. Ao falar sobre esse conto de fadas bastante estranho mas amplamente difundido *O Rei Sapo*, Max Müller perguntou no seu modo virtuoso: «Como veio tal história a ser inventada? Os seres humanos eram, podemos esperar, em todas as épocas suficientemente esclarecidos para saber que um casamento entre um sapo e a filha de uma rainha era absurdo.» De facto podemos esperá-lo! Pois se assim não fosse, não haveria qualquer ponto nesta história, dependendo ela como depende essencialmente do sentido do absurdo.

As origens no folclore (ou palpites sobre elas) estão aqui completamente fora do ponto. De pouco vale considerar o totemismo. Pois certamente, quaisquer costumes ou crenças sobre sapos e poços que jazam por trás desta história, a forma de sapo foi e é preservada no conto de fadas precisamente porque era tão esquisita e o casamento absurdo, de facto abominável. Embora, claro, nas versões que nos dizem respeito, gaélica, alemã, inglesa, não haja de facto casamento entre uma princesa e um sapo: o sapo era um príncipe encantado. E o ponto da história reside não em pensar que os sapos são pares possíveis, mas na necessidade de cumprir promessas (mesmo aquelas com consequências intoleráveis) que, juntamente com a observação de

proibições, perpassa toda a Terra das Fadas. Esta é uma das notas das cornetas da Terra dos Elfos, e não uma nota ténue.

E por último há o desejo mais antigo e mais profundo, a Grande Evasão: a Evasão da Morte. Os contos de fadas fornecem muitos exemplos e modos disto — a que se poderia chamar o espírito verdadeiramente escapista, ou (diria eu) fugitivo. Mas também o fazem outras histórias (notavelmente as de inspiração científica), e também o fazem outros estudos. Os contos de fadas são feitos por homens, não por fadas. As Histórias Humana dos elfos estão sem dúvida cheias da Evasão da Imortalidade. Mas não se pode esperar que as nossas histórias se ergam sempre acima do nosso nível comum. Muitas vezes erguem-se. Poucas lições são ensinadas mais claramente neles do que o fardo desse tipo de imortalidade, ou antes viver serial sem fim, para o qual o «fugitivo» voaria. Pois o conto de fadas é especialmente apto para ensinar tais coisas, antigamente e ainda hoje.

Mas o «consolo» dos contos de fadas tem outro aspeto para além da satisfação imaginativa de desejos antigos. Muito mais importante é o Consolo do Final Feliz. Quase me atreveria a afirmar que todos os contos de fadas completos o devem ter. Pelo menos diria que a Tragédia é a forma verdadeira do Drama, a sua função mais elevada; mas o oposto é verdadeiro para o Conto de Fadas. Como não parecemos possuir uma palavra que expresse este oposto — chamarei a isso Eucatástrofe. O conto eucatastrófico [do grego significando «boa destruição», no sentido de uma reviravolta feliz e repentina numa história que o perpassa com uma alegria que traz lágrimas] é a forma verdadeira do conto de fadas, e a sua função mais elevada.

O consolo dos contos de fadas, a alegria do final feliz: ou mais corretamente da boa catástrofe, a «reviravolta» alegre e repentina (pois não há final verdadeiro para qualquer conto de fadas): esta alegria, que é uma das coisas que os contos de fadas podem produzir supremamente bem, não é essencialmente «escapista», nem «fugitiva». No seu cenário de conto de fadas — ou do outro mundo — , é uma graça repentina e milagrosa: nunca para ser contada que vá recorrer.

Não nega a existência da discatástrofe [tragédia], do desgosto e do fracasso: a possibilidade destes é necessária para a alegria da libertação; nega (em face de muitas evidências, se quiser) a derrota final universal e até aí é *evangelium*, dando um vislumbre fugaz da Alegria, Alegria além das muralhas do mundo, pungente como o sofrimento.

É a marca de um bom conto de fadas, do tipo mais elevado ou mais completo, que por mais selvagens que sejam os seus eventos, por mais fantásticas ou terríveis que sejam as aventuras, possa dar à criança ou ao homem que o ouve, quando a «reviravolta» vem, um suster da respiração, um bater e alçar do coração, perto de (ou de facto acompanhado por) lágrimas, tão agudo como o dado por qualquer forma de arte literária, e tendo uma qualidade peculiar. Mesmo os contos de fadas modernos podem produzir este efeito por vezes. Não é uma coisa fácil de fazer; depende de toda a história que é o cenário da reviravolta, e contudo reflete uma glória para trás. Um conto que em qualquer medida seja bem-sucedido neste ponto não falhou totalmente, quaisquer que sejam as falhas que possa possuir, e qualquer que seja a mistura ou confusão de propósito. Acontece até no próprio conto de fadas de Andrew Lang, *Prince Prigio*, insatisfatório de muitas formas como isso é.

Quando «cada cavaleiro ganhou vida e ergueu a sua espada e gritou 'longa vida ao Príncipe Prigio'», a alegria tem um pouco dessa estranha qualidade mítica de conto de fadas, maior do que o evento descrito. Não teria nenhuma no conto de Lang, se o evento descrito não fosse uma peça de «fantasia» de conto de fadas mais séria do que a maior parte da história, que é em geral mais frívola, tendo o sorriso meio zombeteiro do *Conte* cortês e sofisticado. Muito mais poderoso e pungente é o efeito num conto sério da Terra das Fadas. Em tais histórias, quando a «reviravolta» repentina vem, obtemos um vislumbre penetrante de alegria, e do desejo do coração, que por um momento passa para fora do caixilho, rasga de facto a própria teia da história, e deixa passar um clarão.

«Sete longos anos te servi,
A colina de vidro por ti escalei,
A camisa sangrenta por ti espremi,

E não acordarás nem te virarás para mim?»
Ele ouviu e virou-se para ela.

Esta «alegria» que selecionei como a marca do verdadeiro conto de fadas (ou romance), ou como o selo sobre ele, merece mais consideração.

Provavelmente todo o escritor que faz um mundo secundário, uma fantasia, todo o subcriador, deseja em alguma medida ser um criador real, ou espera que esteja a colher da realidade: espera que a qualidade peculiar deste mundo secundário (se não todos os detalhes) seja derivada da Realidade, ou esteja a fluir para ela. Se ele de facto alcança uma qualidade que pode ser justamente descrita pela definição do dicionário: «consistência interna da realidade», é difícil conceber como isto pode ser, se a obra não participa de algum modo da realidade.

A qualidade peculiar da «alegria» na Fantasia bem-sucedida pode assim ser explicada como um vislumbre repentino da realidade ou verdade subjacente. Não é apenas um «consolo» para o desgosto deste mundo, mas uma satisfação, e uma resposta a essa pergunta, «É verdade?» A resposta a esta pergunta que dei ao início foi (muito justamente): «Se construiu bem o seu pequeno mundo, sim: é verdade nesse mundo.» Isso é suficiente para o artista (ou para a parte artista do artista). Mas na «eucatástrofe» vemos numa visão breve que a resposta pode ser maior — pode ser um clarão ou eco distante de *evangelium* no mundo real.

O uso desta palavra dá uma pista do meu epílogo. É uma matéria séria e perigosa. É presunçoso da minha parte tocar em tal tema; mas se por graça o que digo tem em qualquer aspeto alguma validade, é, claro, apenas uma faceta de uma verdade incalculavelmente rica: finita apenas porque a capacidade do Homem para quem isto foi feito é finita.

Atrever-me-ia a dizer que aproximando-me da História Cristã a partir desta direção, tem sido há muito o meu sentimento (um sentimento alegre) que Deus remiu as criaturas-criadouras corrompidas, os homens, de um modo adequado a este aspeto, como a outros, da sua natureza estranha. Os Evangelhos contêm um conto de

fadas, ou uma história de um tipo maior que abrange toda a essência dos contos de fadas. Eles contêm muitas maravilhas — peculiarmente artísticas, belas e comoventes: «míticas» na sua significância perfeita e autossuficiente; e entre as maravilhas está a maior e mais completa eucatástrofe concebível. Mas esta história entrou na História e no mundo primário; o desejo e a aspiração da subcriação foram elevados ao cumprimento da Criação. O Nascimento de Cristo é a eucatástrofe da história do Homem.

A Ressurreição é a eucatástrofe da história da Encarnação. Esta história começa e termina em alegria. Tem preeminentemente a «consistência interna da realidade». Não há conto alguma vez contado que os homens mais quisessem descobrir que era verdade, e nenhum que tantos homens céticos tenham aceite como verdadeiro pelos seus próprios méritos. Pois a Arte dele tem o tom supremamente convincente da Arte Primária, isto é, da Criação. Rejeitá-lo leva quer à tristeza quer à ira.

Não é difícil imaginar a excitação e alegria peculiares que se sentiria, se qualquer conto de fadas especialmente belo se descobrisse ser «primariamente» verdadeiro, a sua narrativa ser história, sem com isso perder necessariamente a significância mítica ou alegórica que possuía. Não é difícil, pois não se é chamado a tentar conceber nada de uma qualidade desconhecida. A alegria teria exatamente a mesma qualidade, se não o mesmo grau, que a alegria que a «reviravolta» num conto de fadas dá: tal alegria tem o próprio sabor da verdade primária. (Caso contrário o seu nome não seria alegria.) Olha para a frente (ou para trás: a direção a este respeito é irrelevante) para a Grande Eucatástrofe. A alegria cristã, a Glória, é do mesmo tipo; mas é preeminentemente (infinitamente, se a nossa capacidade não fosse finita) elevada e alegre. Mas esta história é suprema; e é verdadeira. A Arte foi verificada. Deus é o Senhor, dos anjos, e dos homens — e dos elfos. A Lenda e a História encontraram-se e fundiram-se.

Mas no reino de Deus a presença do maior não deprime o pequeno. O Homem remido é ainda homem. A história, a fantasia, continuam ainda, e devem continuar. O *Evangelium* não revogou as lendas; hagiografou-as, especialmente o «final feliz». O Cristão tem ainda de trabalhar, com a mente bem como com o corpo, de sofrer,

esperar e morrer; mas pode agora percecionar que todas as suas tendências e faculdades têm um propósito, que pode ser remido.

Tão grande é a generosidade com que ele foi tratado que pode agora, talvez, justamente atrever-se a adivinhar que na Fantasia pode realmente ajudar na desfolhação [a remoção ou queda da folhagem] e no enriquecimento múltiplo da criação. Todos os contos podem tornar-se verdadeiros; e contudo, no final, remidos, podem ser tão parecidos e tão desparecidos com as formas que lhes damos como o Homem, finalmente remido, será parecido e desparecido com o caído que conhecemos.

## 7

## Encontros com a Pequena Gente

Quando criança, Edgar Cayce via frequentemente os seres habitualmente invisíveis. Numa ocasião, a sua estenógrafa de longa data, Gladys Davis, registou em taquigrafia as recordações de Edgar Cayce da sua experiência de infância com a irmã da sua mãe, a tia Lou, que não gostava quando Eddie (como era chamado por volta dos nove anos de idade) via cenas impossíveis e pequena gente! Eis esse registo tal como foi ditado a Gladys em 1938. Gladys dactilografou-o sob a forma de uma história:

«Vem, Eddie. Não queres ajudar a titia a colher alguma verdura para o almoço? Acho que vi uma linda mostarda-dos-campos quando vim pelo campo a partir da casa do tio Jim na outra tarde.»

À medida que o rapaz e a sua tia iam pelo lote junto ao celeiro, onde muitas coisas invulgares tinham acontecido a Eddie — ou assim ele pensava —, ele começou a falar com a sua tia sobre elas.

«Titia, adoro brincar naquele celeiro, divirto-me tanto lá!»

«Diversão? Diversão?», perguntou a tia. «O que é a diversão? Não tens idade suficiente para saber o que é a diversão, pois não? O que tem o velho celeiro de tão divertido?»

«Bem», disse o rapaz, «é lá que o avô costumava guardar o seu tabaco, pelo qual ele arranjava tanto dinheiro. Está lá a velha trave com que eles costumavam prensar o tabaco. É divertido ir lá e ver o pau subir e descer, e ouvir alguém gritar: 'Para cima! Para baixo! Para cima! Para baixo! Para cima! Para baixo!' E há um gaio-azul com um ninho lá; vi-a a construí-lo esta manhã. E já há um ovo salpicado no ninho. Vi também uma carriça a olhar para a buzina com que o avô costumava chamar os rapazes do campo.»

«Mas», disse a tia, «eles já não prensam tabaco lá há muito tempo! E tu nunca viste prensar tabaco de qualquer maneira, tenho a certeza.»

«Já vi sim!», disse o rapaz. «Vejo o avô lá todos os dias quando vou lá brincar e, além disso, há um monte de rapazinhos e raparigas que vêm lá brincar comigo, e eles conseguem trepar pelo celeiro todo e dizer-me o que está em cada pau no celeiro!»

«Eddie, não devias deixar a tua imaginação fugir contigo dessa maneira! Estás apenas a imaginar coisas! Não sabes que é errado contar histórias?»

«O que é ser errado, titia? Eu brinco com as crianças, que eu conheço; e vejo o avô, e ele fala comigo — como falava com os homens de cor que prensam tabaco. O que é errado? Eu vejo-o, e é uma grande diversão para mim! O que é ser errado? É errado porque os vejo e digo que os vejo?»

«Se os visses estaria tudo bem», disse a tia, «mas eles não estão lá. O teu avô já morreu há seis anos, e as pessoas mortas não prensam tabaco. Portanto, dizer que os ves é errado. Vou ter de falar com a tua mãe sobre isso.»

«Oh, mas a mãe também vê as crianças!», disse o rapaz. «Ela só não tem estado aqui quando o avô estava a prensar tabaco.»

«Não acredito! E tu és apenas um rapaz mau que gosta de imaginar coisas! Vou falar com a tua mãe. Ela não te deve mimar em toda esta tolice!»

Mas eles continuaram para o campo e encontraram bastante mostarda-dos-campos bonita, e colheram um cesto cheio.

Voltando para o celeiro, a tia perguntou novamente ao rapaz: «Por que dizes que é divertido brincar no velho celeiro?»

«Porque», disse o rapaz, «tenho tantos com quem brincar lá, e o avô é uma grande diversão. Ele conta-me um monte de histórias divertidas do que aconteceu antes da guerra, e durante a guerra, e depois.»

«Tens a certeza de que é o teu avô?»

«Claro que é o avô! Já lhe toquei nas barbas do queixo, e é assim que eu costumava distingui-lo da avó quando estava escuro.» «Tu és certamente uma criança estranha», disse a tia. «Vou ter uma conversa com a tua mãe. Isto não pode continuar, senão toda a gente vai saber que ficaste fora de ti! Dá-me arrepios ouvir-te falar assim!»

«Carrie», disse a tia nessa noite, enquanto o rapaz estava lá fora a brincar, «o que é isto que o Eddie diz sobre ti veres crianças a brincar com ele no celeiro? Não há crianças a morar em lado nenhum aqui perto! É melhor levares essa criança ao médico! Acho que ele está simplesmente fora de si! Ele não é normal, de alguma forma!»

«Mas Lou, eu vi as crianças de quem o Eddie fala. Elas não lhe podem fazer mal, tenho a certeza.»

«De quem são essas crianças?»

«Não sei. Parecem muito simpáticas, e acho que o Eddie está a ter uma experiência como aquelas de que lemos mas pensamos que nunca nos podem acontecer. Estou a orar por isso, Lou, e tenho a certeza de que nenhum mal virá daí.»

«Mas e quanto a ele dizer que vê e fala com o seu avô. Tu sabes que isso está fora de questão, e o que dirão os vizinhos se ouvirem falar de toda esta tolice? Precisas de dar uma boa surra a esse rapaz, e

parar com todo este negócio de fadas ou como quer que lhes queiras chamar!»

«Lou, eu não lhe podia bater por causa disso! Ele tem a certeza de que vê tudo isto, e eu própria vi as crianças. Não é apenas imaginação. Não sei o que é, mas simplesmente não lhe posso bater por algo assim. Só desejava que houvesse alguma forma de o Eddie ir à igreja, estudar a sua Bíblia e aprender do que se trata tudo isto.»

«Disparate!», disse Lou. «Não me vais dizer que pensas que esta tolice vem de Deus! É mais parecida com o Diabo, se não te importas que o diga, e certamente nenhum bem pode vir de uma coisa dessas! É melhor levares a criança ao médico. Eles não quererão nada com ele em nenhuma igreja, posso assegurar-te!»

A tia casou-se nesse verão e foi morar para a parte oriental do Estado, e não viu o Eddie durante vários anos.

No janeiro seguinte a mãe do Eddie perguntou-lhe se ele gostaria de ir à escola de domingo. Então ele começou a ir. A lição era o primeiro capítulo do Génesis, a criação, e o Eddie achou-a muito interessante, de facto, totalmente absorvente. Ele pediu ao seu pai para lhe arranjar um livro que tivesse a história toda nele. Algumas semanas mais tarde a Bíblia foi obtida — o presente de um livreiro a quem o pai contou a história. O Eddie começou a ler, e quanto mais lia mais a certeza tinha de que estes acontecimentos no celeiro eram reais e não tolices. Contudo, à medida que outros o questionavam, mais se tornava um recluso.

Nesse ano o Eddie com a sua família mudou-se para uma pequena casa na berma de uma mata, uma casa com uma grande variedade de vegetação. Havia carvalhos grandes, nogueiras, carvalhos-brancos, choupos e faias na madeira de construção; bem como avelanheiras, assiminas e muitas outras árvores de fruto e de frutos secos. O Eddie travou conhecimento com todos os belos vales e clareiras nessa mata, e construiu para si um refúgio num local muito bonito a quatrocentos metros da casa deles. Lá ele guardava a sua Bíblia, e lia-a todos os dias, lendo e relendo muitas partes dela.

Após alguns meses de estudo, uma tarde ele teve uma experiência. Ele tinha estado a ler sobre a visão de Manoel, o pai de

Sansão. O Eddie adorava a história de Sansão. De repente houve um zumbido lá fora, e uma luz brilhante encheu o pequeno lugar onde o Eddie estava sentado. Uma figura apareceu, toda vestida de branco, brilhante como a luz do meio-dia, e falou, dizendo:

«As tuas orações foram ouvidas! O que me pedirias, para que eu te possa dar?»

«Apenas que eu possa ser útil aos outros», respondeu o Eddie, «especialmente às crianças que estão doentes; e que eu possa amar o meu semelhante.» A figura desapareceu.

Na escola no dia seguinte o Eddie falhou as suas lições como de costume, e teve de ficar para escrever a palavra «cabana» quinhentas vezes no quadro-negro. Quando chegou a casa, nessa noite o seu pai estava à espera dele. O Eddie estudou as suas lições nessa noite mas parecia incapaz de se concentrar. Por volta das onze horas ele teve a primeira experiência de ouvir a voz interior, e ela recordou a voz do visitante da tarde anterior. A voz disse: «Dorme, e nós poderemos ajudar-te.»

O Eddie pediu ao seu pai para o deixar dormir cinco minutos. Ele dormiu, e no final desse tempo ele sabia cada palavra daquele livro de ortografia específico, e como se tivesse uma imagem fotográfica do livro ele sabia também em que página as palavras apareciam!

Desde a altura em que era um rapazinho muito pequeno, Edgar Cayce conseguia ver fadas, duendes, anjos e amigos invisíveis. Quando criança, ele pensava que toda a gente os via, mas à medida que cresceu, aprendeu que não era assim. Ele começou a guardar nobre segredo sobre as suas capacidades, porque elas causavam reações desagradáveis nos outros, até na sua titia, e o ridículo sobre si e a sua família. Quando se tornou um adulto mais seguro de si, partilhou estas recordações, uma das quais se segue, e a sua estenógrafa Gladys registou-a assim:

«... Lembro-me tão distintamente do jardim na velha casa da minha mãe quando eu era uma criança muito pequena. O pai da minha mãe foi um dos primeiros povoadores no sudoeste do Kentucky; tinha uma velha propriedade excelente, e o jardim à antiga, com todas as flores à antiga, era conhecido em toda aquela parte do país. O facto de

mencionar a sua mãe a destruir corações-de-maria [flores] traz à minha mente que belos molhos destas cresciam naquele jardim, com um grande molho de relva riscada, algumas peónias muito velhas, todo o tipo de botões-de-ouro, e afins; um canteiro deslumbrante de violetas doces, e todas essas velhas flores... Foi aqui que frequentemente na minha infância primordial, encontrei e brinquei com aqueles que os outros nunca podiam ver...»

Estas são, pelo menos, algumas das minhas experiências. Quanto a qual terá sido exatamente a primeira experiência, não sei. Aquela que atualmente parece ser uma das primeiras ocorreu quando eu tinha, possivelmente, dezoito ou vinte meses. Eu tinha uma casinha de brincar no fundo de um quintal antigo, entre as madressilvas e outras flores. Nesses dias em particular, grande parte deste quintal tinha ficado coberta de canas altas, segundo me recordo. Eu tinha feito um pequeno abrigo com o topo das canas e tinha sido ajudado por um companheiro de brincadeiras invisível a entrançá-las ou prendê-las para que formassem um abrigo. Nos dias bonitos, eu brincava ali. Uma tarde, a minha mãe desceu pelo caminho do quintal a chamar-me.

O meu companheiro de brincadeiras (que me parecia ter quase o mesmo tamanho do que eu) estava comigo. Nunca me tinha ocorrido que ele não fosse real, ou que não fosse uma das crianças vizinhas, até a minha mãe falar e me perguntar o nome do meu companheiro de brincadeiras. Virei-me para lhe perguntar, mas ele desapareceu. Durante algum tempo, isto perturbou de certo modo a minha mãe, e ela interrogou-me demoradamente. Lembro-me de chorar porque ela me tinha espiado várias vezes e, de cada uma das vezes, o companheiro de brincadeiras desaparecia.

Cerca de um ano ou dezoito meses mais tarde, isto mudou consideravelmente — quanto ao número de companheiros de brincadeiras. Tínhamos mudado para outra casa de campo. Aqui eu tinha dois lugares favoritos onde brincava com estas pessoas invisíveis. Um deles, de forma muito peculiar, era num cemitério antigo onde tinham crescido cedros. Debaixo de um cedro, cujos ramos tinham crescido muito perto do chão, fiz outro pequeno refúgio, onde — com estes companheiros de brincadeiras — recolhia pedaços

de vidro colorido, folhas de belas cores e coisas dessa natureza, de tempos a tempos. Mas o que me perturbava era que eu não sabia de onde eles [os companheiros de brincadeiras] vinham ou por que razão se iam embora quando alguém da minha família se aproximava. O outro refúgio era um velho palheiro favorito pelo qual eu costumava escorregar. Ficava do lado oposto da estrada (estrada principal) em relação a onde morávamos, e em frente à casa.

A experiência mais marcante (e que tenho a certeza de que a perturbou muito) foi quando a minha mãe olhou por uma janela e viu crianças a escorregar por esse palheiro comigo. Claro que eu tinha um adorável pequeno refúgio escavado sob o lado do monte de palha, no qual muitas vezes nos sentávamos e discutíamos os grandes problemas de uma criança de três ou quatro anos. Quando a minha mãe olhou para fora, chamou a perguntar quem eram as crianças que estavam a brincar comigo.

Percebi que não sabia os seus nomes. Como estavam vestidas, pergunta você? Havia rapazes e raparigas. Seria impossível (nesta data) descrever o seu vestuário, figura ou rosto, contudo não me ocorria então — nem me ocorre agora — que fossem diferentes de mim, exceto pelo facto de terem a capacidade de aparecer ou desaparecer conforme os nossos humores mudavam.

Apenas uma vez olhei pela janela da casa e vi lá as fadas, a acenar-me para eu ir brincar. Nessa altura, a minha mãe também as viu muito claramente, mas não fez qualquer objeção a que eu saísse para ir brincar com elas. Esta experiência, segundo me recordo agora, durou durante toda uma estação — ou verão.

Alguns anos mais tarde (quando eu já tinha crescido para os seis ou sete anos), a nossa casa era num pequeno bosque. Aqui aprendi a falar com as árvores, ou parecia que elas falavam comigo. Acredito mesmo até hoje que qualquer pessoa pode ouvir vozes, aparentemente vindas de uma árvore, se estiver disposta a escolher uma árvore (uma árvore viva, não uma morta) e sentar-se encostada a ela durante quinze a vinte minutos todos os dias (à mesma hora todos os dias) durante vinte dias.

Esta foi a minha experiência. Escolhi uma árvore muito bonita e, ao redor dela, brinquei com os meus companheiros de brincadeiras que vinham (que então pareciam muito menores do que eu). Construímos um belo caramanchão de ramos de avelanueira, sequoia, corniso e afins, com violetas bravas, *Jack-in-the-Pulpit* e muitos dos musgos bravos que pareciam ser especialmente atraídos para este pequeno lugar particular onde eu me encontrava com os meus amigos para falar — os pequenos duendes das árvores.

Com que frequência estes vinham, não sei. Vivemos ali durante vários anos. Foi ali que li a Bíblia toda pela primeira vez, que aprendi a rezar, que tive muitas visões ou experiências; não apenas de ver os duendes, mas o que me parecia ser as hostes [anjos] que devem ter aparecido ao povo antigo, como registado no Génesis em particular. Neste pequeno caramanchão nunca houve qualquer intrusão daqueles de fora. Foi aqui que li a primeira carta de uma namorada. Foi aqui que fui rezar quando a minha avó morreu, a quem eu amava tão profundamente e que tinha significado tanto para mim. Descrever estes duendes das árvores, as fadas dos bosques, ou — para mim — os anjos ou hostes, com todo o seu ambiente belo e glorioso, seria quase um sacrilégio. Eles significavam, e ainda significam, tanto para mim que são antes como as experiências sagradas de que não falamos — tal como não falaríamos do nosso primeiro beijo, e afins.

Por que faço tais comparações? Há, sem dúvida, manifestações físicas que são uma contrapartida ou uma expressão de todas as forças invisíveis ao nosso redor, contudo fechámos os nossos olhos e os nossos ouvidos às canções das esferas, de modo que somos incapazes de voltar a ouvir as vozes ou de ver as formas tomarem corpo e ministrarem — sim, fortalecerem-nos — dia a dia!

Possivelmente há muitas perguntas que faria quanto aos jogos que jogávamos. Aqueles com quem eu brincava no palheiro eram diferentes daqueles do cemitério, ou do quintal. Aqueles com quem eu brincava no bosque eram diferentes. Pareciam adequar-se mais frequentemente àquilo que me interessaria ou desenvolveria. Dizer que eles plantaram as flores ou selecionaram o caramanchão, ou a pequena enseada na qual o meu refúgio foi construído, não acho de

todo que seja forçar, ou que eles cuidavam destes ou me mostravam — ou me falavam de — a sua beleza.

Foi aqui que aprendi a ler pela primeira vez. Possivelmente as hostes do alto me deram a minha primeira interpretação daquilo a que chamamos o Bom Livro. Não creio estar a forçar a minha imaginação quando digo tal coisa. Brincávamos aos jogos das crianças, brincávamos a ser namorados, brincávamos a ser marido e mulher, brincávamos a ser irmãs e irmãos, e brincávamos a ser visitantes e pregadores. Brincávamos a ser polícias e os culpados. Brincávamos a ser todas as coisas que conhecíamos ao nosso redor.

"Nunca mais tenho nenhuma destas visões agora, ou, se tenho alguma, é muito raramente."

464-12, Relatório

Quando Cayce tinha cinquenta e quatro anos, teve um sonho no qual estas mesmas fadas e duendes lhe apareceram novamente. A sua leitura psíquica sobre este sonho explicou que estes eram avisos de que a sua alma provavelmente regressaria aos reinos espirituais se a sua mente não se tornasse mais ativa neste mundo e não encontrasse mais pessoas a solicitar os seus serviços únicos. (294-128)

Acho extremamente esclarecedor ouvir os encontros das pessoas com os seres místicos, por isso aqui estão algumas das histórias que me contaram.

Este próximo encontro foi partilhado por um amigo meu.

O meu amigo conta a história de estar interessado em Devas (espíritos ou pequenos seres angélicos) desde que leu sobre a possibilidade de tais criaturas no material de Edgar Cayce. Segundo este amigo, assim que soube da sua existência, reservou sempre um lugar no seu quintal ou jardim e disse aos Devas que era deles para fazerem o que quisessem. Após vários anos a falar com os Devas das plantas, estava na casa de um vizinho e deu por si a partilhar os seus interesses em Devas. O vizinho disse ao meu amigo que havia uma pequena árvore no quintal que tinha sido plantada nos últimos 2-3 anos a cerca de quatro pés de distância da água e que parecia sempre doente. O vizinho gostava da localização da árvore, mas estava

preocupado que ela não sobrevivesse. Perguntou ao meu amigo se seria possível ele ir falar com os Devas da árvore e perguntar o que havia de errado com ela?

O meu amigo concordou, embora não soubesse se iria acontecer alguma coisa. Segundo o meu amigo: “Fui e pus as minhas mãos no tronco da árvore e fechei os olhos. Fiquei quieto por um momento, relaxei e na minha mente disse aos Devas da árvore que queria ajudar a árvore e perguntei se podiam de alguma forma dizer-me o que estava errado. Quase imediatamente senti energia ao meu redor e até pensei que podia ver (com os olhos fechados) algumas luzes cintilantes.

A coisa que vi a seguir na minha mente foi uma imagem repetida de fortes rajadas de vento do norte a soprar contra a árvore. A imagem repetia-se uma e outra vez — uma forte rajada de vento do norte. A coisa seguinte que vi foi uma barreira ou vedação no lado norte da árvore a protegê-la do vento do norte durante alguns anos até que a árvore estivesse mais madura.” Quando a experiência terminou, o meu amigo contou ao seu vizinho sobre a visão que tinha tido. O vizinho concordou em construir uma vedação em forma de V com cerca de cinco pés de altura no lado norte para ajudar a árvore. Alguns anos mais tarde, a árvore tinha amadurecido e já não parecia doentia.

Aqui está um pequeno conto interessante de como uma avó gerou intencionalmente “respostas de fadas” apenas para acabar por as vivenciar:

“Eu nunca tinha dedicado um pensamento às fadas enquanto crescia, não que acreditasse ou não, tenho quase a certeza de que só conhecia uma fada, o nome dela era Sininho, e ela provavelmente vivia no castelo da Disney World. Há vários anos, as minhas netas vinham passar o fim de semana lá a casa, como faziam frequentemente, e eu tentava sempre ter algo divertido ou manual alinhado para elas aproveitarem. Eu tinha retirado uma casa de pássaros velha do quintal que pensei que elas pudessem gostar de repintar e trabalhar.

Começou por ser uma casa de sapos para o jardim de flores, mas antes de tudo estar dito e feito, elas tinham transformado a velha casa de pássaros num lindo e encantador chalé de fadas. Elas estavam tão

entusiasmadas por pendurá-lo lá fora e deixaram uma nota para as fadas metida dentro da porta do chalé. Elas sabiam perfeitamente que as fadas ficariam tão satisfeitas que viriam fazer uma visita nessa noite enquanto elas dormissem. Por isso, para tornar a coisa real para elas, tornei-me a sua avó fada e coloquei duas bolotas dentro da porta traseira do chalé nessa noite.

As meninas ficaram fora de si na manhã seguinte quando as encontraram. Deixámos letras do jogo Scrabble lá fora uma noite numa grande pedra por baixo do chalé das fadas e as meninas deixaram uma nota para as fadas, a perguntar quais eram os nomes delas. Na manhã seguinte, as letras do Scrabble formavam Twinkles e Buttercup. Tornou-se agora em anos de deixar presentes encantados das fadas. Admito, era eu que deixava todos esses presentes, no entanto, houve alturas, mesmo quando as meninas não estavam a passar a noite, em que comecei a encontrar coisas ao redor do chalé encantado — moedas maioritariamente, moedas de um cêntimo, de dez cêntimos e, um dia, até uma ponta de seta. Agora era eu que estava entusiasmada! Isto abriu um mundo totalmente novo para mim. Embora as minhas netas tenham agora crescido tanto e o mundo das fadas tenha desvanecido, tem sido completamente iluminante para mim. Fui levada a alguns livros realmente fascinantes e relatos documentados de fadas e conheci algumas pessoas incríveis com os seus próprios relatos das fadas.

Tenho agora um canto do jardim que foi transformado em «A Área das Fadas». Tenho desfrutado de tempo tranquilo ali ao crepúsculo e vi coisas que não são explicáveis, coisas que podem voar tão rápido que não tem a certeza do que acabou de ver, ou luzes cintilantes que vêm e vão, e não, não são pirilampos. O saber no meu coração da existência deste reino é profundo."

A história seguinte é a minha própria experiência pessoal com fadas.

"Eu estava no *Chalice Well Garden* em Glastonbury, Inglaterra. É um jardim do reino das fadas com um poço e um pequeno riacho cintilante a correr por ele — virtualmente na base do famoso monte chamado *Glastonbury Tor* da lenda do Rei Artur. Há vários locais no

jardim para reflexão silenciosa e meditação, bem como muitos pequenos cantos e fendas para os pequenos seres da Natureza viverem em paz. Eu estava a liderar uma excursão de Edgar Cayce pelo jardim, com foco especial no poço.

E tirámos tempo para nos reunirmos dentro de uma pequena cabana tipo coreto para uma meditação em grupo. Todos nós estávamos atentos a fadas e pessoas pequenas. Mais tarde, quando eu estava sozinho e junto à pequena cascata e ao seu maravilhoso som semelhante a uma canção, senti fadas a brincar entre os iões da água a cair e do riacho a fluir. Senti as fadas, mas não as conseguia ver com os meus olhos carnais, o que me frustrou. Decidi fechar os olhos e ver se as conseguia ver com o olho da minha mente. Conseguia! O que tinham sido apenas relances de luz para os meus olhos carnais eram agora muitos pequenos seres de luz branca a dançar na névoa da cascata.

Eram brilhantes e saltitantes. Sorri com deleite por as ver e fiquei cheio da emoção de gratidão. Pouco depois, caminhei um pouco mais longe pelo riacho até onde havia água parada, e senti mais fadas. Novamente, não as conseguia ver com os meus olhos carnais, por isso fechei os olhos e instantaneamente o olho da minha mente viu-as. Estas eram muito maiores do que as fadas de luz branca perto da cascata, e estas fadas eram de uma cor azul-violeta. Fiquei impressionado com o seu tamanho e cor. Não dançavam como as fadas menores na cascata, mas pareciam mover-se num movimento lento e rítmico para cima e para baixo sobre a água e entre as plantas ao redor."

**Mensagem de um Leprechaun**

Quando o meu irmão mais novo atingiu a idade do serviço militar, houve um sorteio para ver quem seria recrutado para o serviço militar. O número dele era muito baixo, por isso era provável que fosse recrutado em breve. Isto perturbou-o tanto (a Guerra do Vietname ainda decorria intensamente) que um dia, no chão da casa dos nossos pais, ele começou a rezar e a chorar por uma saída ou por alguma clareza sobre o porquê de isto lhe estar a acontecer. Nesse momento, ele viu um leprechaun! Estava parado logo ao lado dele. O

leprechaun tinha as mãos nas ancas e estava a sorrir. Disse ao meu irmão que não havia nada com que se preocupar, porque o seu número, apesar de ser tão baixo, nunca seria chamado. O meu irmão piscou os olhos para ter a certeza de que estava a ver e a ouvir aquilo, mas no tempo que levou a piscar os olhos, o leprechaun tinha desaparecido. Ainda assim, o meu irmão levantou-se sentindo a certeza absoluta de que não havia nada com que se preocupar. E, tal como se verificou, o número dele nunca foi chamado.

Os leprechauns são da família dos duendes e são distintamente irlandeses. De todos os meus irmãos, este irmão mais novo é o mais irlandês, a somar a isto o facto de a minha mãe ser irlandesa de sangue puro, e vê-se como ele poderia ver um leprechaun.

**Um Encontro nas Terras Altas da Escócia**

Esta experiência seguinte foi-me enviada por um bom amigo que era geólogo de carreira com um vasto conhecimento sobre a influência de gemas e pedras. Aqui está o seu encontro com o mundo das fadas a fundir-se no nosso mundo.

"A minha mulher e eu alugámos um carro e conduzimos até às Terras Altas da Escócia. Isto terá sido no início dos anos 1980. A experiência teve lugar numa crista perto de uma cascata espetacular num parque nacional (*National Trust Reserve*) chamado «The Trossachs». Fizemos um trilho de natureza até à cascata, a cerca de uma milha ou pouco mais do centro de visitantes. A caminhada arborizada era deslumbrantemente bela, com árvores centenárias cobertas de líquenes e o chão coberto por um musgo verde brilhante. Quando o sol brilhava através das árvores, filtrava-se em raios inclinados. As árvores centenárias eram espécimes esplêndidos, com raízes serpenteantes e nós verdadeiramente impressionantes na base dos seus troncos. Adicione a isto o riacho de água cristalina a borbulhar vindo da cascata, e tem um postal vivo! Estávamos na floresta mágica perfeita para uma paisagem de fadas encantadora.

"A linha da crista é puro quartzo de neve branco opaco, e penso que a mineralogia amplificou as energias ali, proporcionando um campo vibracional que torna o reino de outra dimensão muito mais tangível.

“Encontrámos um local deslumbrante num bosque relativamente aberto e sentámo-nos num grande tronco de árvore caído e coberto de musgo macio. Coloquei um pequeno cristal de quartzo no chão a escassos pés à nossa frente e, quase imediatamente, começámos a ver pequenas explosões de estrelas a cintilar por toda a área! Algumas eram como orbes azuis translúcidos. Cerca de meia dúzia de orbes flutuaram para perto de nós. As orbes-bolhas transformaram-se em seres de fada translúcidos e pareciam flutuar ao redor do cristal de quartzo. Foi encantador e podíamos sentir a energia deles. Foi encantador. As suas energias tinham uma leveza que nos fazia rir quase como se estivéssemos a receber cóssegas.

“Depois, a cerca de 100 pés de distância, no meio de uma secção de bosque mais escuro, um nevoeiro fumarento começou a girar e a mover-se. Captou a nossa atenção devido ao seu surgimento súbito e rotações interessantes. Manifestou-se então numa forma tangível e semífísica de um ser com corpo semelhante ao humano, erguido em duas pernas com cascos, e coberto de pelo castanho-escuro. O meio do torso era o de um homem musculado, mas tinha a cabeça de um touro com cornos curtos. Começou a flutuar na nossa direção. As fadas desapareceram. Esta energia sobressaltou-nos e enviou calafrios pelos nossos braços. A minha mulher sentiu-se realmente muito assustada e quis ir embora. Como era translúcido, eu tinha uma sensação intuitiva do que era (baseado de certo modo no que tinha lido em livros de Charles Leadbeater). Fiquei fascinado. Parecia-se com as figuras de gárgula esculpidas na fachada de alguns dos castelos medievais escoceses locais.

“O «ser» começou a flutuar cada vez mais perto de nós, e então a minha mulher ficou aterrorizada. À frente da «gárgula», apareceu uma luz brilhante e vimos a manifestação de um homem com ar de avô, de rosto bondoso e barba curta e branca. Quando ele se manifestou, a gárgula começou a evaporar-se. A figura do avô parecia comunicar telepaticamente com a minha mulher. Disse-lhe para não ter medo e que o seu nome era «Sandy». A minha mulher sentiu-se imediatamente mais calma. Ele então evaporou-se.

“Embora a minha mulher se sentisse melhor, quis voltar para o carro. Caminhámos de volta para o centro de visitantes.

“Fiquei completamente atónito com o que acabou de acontecer, e foi um evento que eu queria compreender mais claramente. Meditei sobre isto durante muito tempo, e as minhas conclusões finais foram que a área específica em que estávamos era de energia extremamente alta e que o conteúdo de quartzo na área tinha permitido um aspeto de «espectro total» da dimensionalidade. Acredito que fomos capazes de ver as fadas e a «gárgula» devido à combinação única de energias dentro desta sobreposição dimensional concentrada. Acredito que certas formas de «elementais» são de natureza elétrica e que vivenciámos tanto as formas de vida elétricas negativas como as positivas. Inicialmente considerei que as «formas» que estes seres tomavam estavam relacionadas com a nossa própria imagem de «bem» e «mal», e que a imagem do avô representava a bondade e o cuidado, enquanto a imagem da «gárgula» representava forças sombrias.

“No entanto, alguns anos mais tarde voltámos a ver estas figuras de «gárgula»! No entanto, não eram tão grandes como a dos Trossachs. Vimos uma numa rocha nos Andes da Venezuela, idêntica em forma, e outra em *Stewart Mineral Springs*, perto do Monte Shasta, Califórnia. Acredito que existem «seres» do tipo «elemental» que são bastante conscientes e existem num formato elétrico (o elemento fogo), com alguns no extremo positivo do espectro elétrico e alguns no negativo.

Os seres negativos parecem alimentar-se de energia. Ambos parecem existir de forma mais tangível em áreas de alta energia. No entanto, os negativos parecem frequentar e existir mais dentro de áreas de alta energia que estão de algum modo desequilibradas. Penso que estes são seres «plásmicos» que se alimentam não só de energia iónica, mas podem alimentar-se de energia emocional. A minha sensação é que, se não reagir com medo, eles são incapazes de se fixar.”

O uso que o meu amigo faz do termo “plásmico” é uma referência ao “quarto estado da matéria”, sendo os outros três os nossos conhecidos estados sólido, líquido e gasoso. O plasma é gás que está eletricamente carregado, criando partículas carregadas positivamente ou negativamente; e estas são chamadas iões. Como ele

afirmou, estes encontros ocorreram em áreas especiais. Mas conhecendo este homem e a sua mulher, posso dizer-lhe que as mentes e vibrações deles tiveram muito a ver com os encontros.

**Um Encontro no Centro Edgar Cayce**

Nos primeiros anos da minha carreira de cerca de quarenta anos na organização Edgar Cayce, ouvi esta história fascinante sobre um encontro com duendes coloridos a habitar uma grande camélia atrás do edifício da sede no nosso campus em Virginia Beach, Va. A história é mais ou menos assim e terá ocorrido em algum momento no final dos anos 1960:

A idosa líder do Grupo de Oração *Glad Helpers*, Ruth LeNoir, estava a passar pela grande camélia quando viu uma comunidade de duendes (os pequenos seres, não os bolos) de pé sobre as folhas. Estavam vestidos com os seus pequenos trajes vermelhos e verdes com sapatos de pontas curvadas, pequenos coletes e chapéus tipo duende. E a adicionar à cena mágica estavam as belas flores e a fragrância encantadora da própria planta.

Depois, os duendes falaram com ela! Disseram-lhe para ir buscar uma câmara e que lhe permitiriam tirar uma fotografia deles. Ela fez exatamente isso. Enquanto os fotografava, o filho mais velho de Edgar Cayce, Hugh Lynn Cayce, saiu e disse a Ruth que os conseguia ver a partir da janela do seu escritório. Ruth fotografou os duendes com uma câmara simples de plástico, tipo "caixa", do seu tempo. Assim que a notícia se espalhou pelo campus, outros vieram para ver os duendes, mas ninguém os conseguia ver. Intrigados, Ruth e Hugh Lynn decidiram que a capacidade de ver os duendes tinha algo a ver com a recetividade de cada um aos reinos além do mundo físico sólido.

Agora, mais de 50 anos depois, essas fotografias desapareceram, e Ruth e Hugh Lynn passaram para reinos além deste.

Cheguei ao campus em 1971, e uma das funcionárias recontou-me a história, dizendo que tinha de facto visto as fotografias e que eram incríveis — pessoas pequeninas de pé sobre as folhas da camélia.

# 8

## Demónios, Anjos Caídos e as Forças das Sombras

Há uma distinção a fazer entre anjos caídos e demónios. Os anjos caídos são aqueles que se rebelaram contra Deus e foram expulsos do céu. Estritamente falando, os demónios são espíritos destrutivos e podem possuir pessoas e animais. Em alguma tradição, diz-se que podem possuir as forças da Natureza, como indicado na afirmação: "sopra um mau vento".

Os demónios eram considerados "espíritos impuros". Espíritos é a palavra-chave aqui. Neste caso, espíritos não são seres, mas disposições, atitudes e impulsos que habitam os seres. São motivações demónicas. E trazem doença aos saudáveis, fraqueza aos fortes, impureza aos limpos, obscenidade aos retos, e assim por diante. As leituras de Cayce ensinam que há uma linha muito ténue entre o sublime e o ridículo, e os espíritos demónicos muitas vezes empurram as almas para lá dessa linha quando — apesar das melhores intenções — caem em pensamentos e ações sombrias. Todos os espíritos demónicos estão presos à terra e são temporários, mas todos os anjos, mesmo os caídos, são imortais.

Contudo, estão atualmente impedidos de entrar nos Portões do Céu. Mantenha isto em mente enquanto estudamos os anjos caídos. Nos Manuscritos do Mar Morto dos Essénios, encontramos estas palavras interessantes: "Ele [Deus] criou o homem para governar o mundo e designou-lhe dois espíritos nos quais andar até ao tempo da Sua [de Deus] visitação: os espíritos da verdade e da injustiça. Aqueles nascidos da verdade brotam de uma fonte de luz, mas aqueles nascidos da injustiça brotam de uma fonte de escuridão.

Todos os filhos da retidão são guiados pelo Príncipe da Luz e andam nos caminhos da luz, mas todos os filhos da injustiça são governados pelo Anjo da Escuridão e andam nos caminhos da escuridão . . . Mas o Deus de Israel e o Seu Anjo da Verdade socorrerão todos os filhos da luz. Porque foi Ele quem criou os

espíritos da Luz e da Escuridão e fundou cada ação sobre eles e estabeleceu cada ato nos seus caminhos. E Ele ama um eternamente e deleita-se nas suas obras para sempre; mas o conselho do outro [Escuridão] Ele detesta e para sempre odeia os seus caminhos." (*The Complete Dead Sea Scrolls in English*; Geza Vermes, tradutor; Penguin Classic Books, 1962)

Numa perspetiva que pode constituir uma visão útil, Cayce identifica o "anticristo" como um espírito e não como um ser, um espírito que pode possuir o melhor de nós e até nações inteiras! Eis essa citação:

P: Sob que forma vem o anticristo, mencionado no Apocalipse?

R: No espírito daquele que se opõe ao espírito da verdade. Os frutos do espírito do Cristo são amor, alegria, obediência, paciência, amor fraterno, bondade. Contra estas coisas não há lei. O espírito de ódio, o anticristo, é contenda, discórdia, crítica destrutiva, amantes de si mesmos, amantes de louvores. Esses são o anticristo, e apoderam-se de grupos, de massas, e mostram-se até na vida dos homens.

281-16

E noutra leitura útil, Cayce declarou:

Pois frequentemente — como pode ser demonstrado nas individualidades — há aqueles que são génios e contudo estão tão perto da fronteira que um choque emocional pode fazer de um génio um demónio. Há aquelas atividades nas quais uma célula espiritualizada, pelo ambiente, pode fazer do demónio um santo.

281-63

É o espírito pelo qual uma pessoa é movida nos sentimentos, pensamentos e ações que afeta a sua condição. E alguém pode mudar o seu espírito com a mais pequena mudança no seu coração, na sua mente — passando de demónio a santo ou de santo a demónio.

Reconheço o paradoxo ao lidar com o maior anjo caído, Lúcifer (latim para "portador da luz"), que de facto se tornou Satanás, o espírito sombrio em todos os demónios. Mas nos mistérios mais profundos de Lúcifer e Satanás, este terrível anjo pode ser, e em

algumas tradições será, redimido e erguer-se-á novamente. As Escrituras indicam isto, embora esteja bem escondido. Exploremos isto brevemente.

Na lenda e nas Escrituras (o nome só aparece uma vez em Isaías 14:12), Lúcifer carrega o surpreendente epíteto de "a Estrela da Manhã". A maioria considera que este nome descritivo era o seu antes da sua queda da graça. Em grego, o nome pode ser interpretado como "portador da alvorada", por outras palavras, o portador da luz da manhã ou estrela da manhã. A estrela da manhã é Vénus, que se ergue brilhantemente de manhã durante 236 dias do ano. Em hebraico, a língua do livro de Isaías (circa 740-680 a.C.), o nome é *helel*, que significa "o brilhante".

E a palavra "manhã" vem da palavra hebraica *shahar*, que significa "alvorada". Como acontecia com tanta frequência nas mitologias, as forças cósmicas e da Natureza eram personificadas como deuses, e Helel e Shahar eram divindades antigas. Poder-se-ia traduzir a passagem hebraica em Isaías, *Helel ben Shahar*, como "Ó brilhante, filho da alvorada". Na verdade, a Vulgata Latina (uma edição latina da Bíblia que foi traduzida principalmente e diretamente do hebraico e do grego por S. Jerónimo e usada pela Igreja Católica Romana durante mais de 1000 anos) traduz *Helel ben Shahar* como "Lúcifer, filho da manhã". Eis essa passagem em Isaías:

"Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da manhã! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! Porque tu dizias no teu coração: 'Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono; também me sentarei no monte da congregação, nos lados do norte; subirei acima das alturas das nuvens; serei semelhante ao Altíssimo.' Contudo, serás precipitado para o inferno, para os lados do poço." (Isaías 14:12-15, KJV)

Apenas a Versão Rei Jaime (*King James Version*) da Bíblia usa o nome Lúcifer nesta passagem. Até a *American Standard Version*, que está tão intimamente ligada à Versão Rei Jaime, traduz esta passagem: "Ó estrela do dia, filho da manhã!" A *Revised Standard Version* mantém o sentido de um nome próprio, colocando em maiúsculas as

palavras que substituem os nomes hebraicos Helel e Shahar, "Ó Estrela do Dia, filho da Alvorada!"

No *Inferno* de Dante e no *Paraíso Perdido* de Milton, Lúcifer é claramente a Estrela da Manhã.

Por que razão estou a dedicar tanto tempo a isto? Porque nos está a levar a outra passagem nas Escrituras que requer esta profundidade de contexto.

A confusão surge de uma passagem no último capítulo da Bíblia, o livro do Apocalipse 22:16, KJV, no qual encontramos isto:

"Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas nas igrejas. Eu sou a raiz e a geração de David, e a brilhante e estrela da manhã."

Agora, é Jesus "a brilhante e estrela da manhã", ou é Lúcifer? Nos discursos de Cayce ambos são, porque Lúcifer é redimido através de Jesus, que abriu o caminho para que todos se arrependam e regressem à harmonia com a fonte de vida e de luz. O rebelde arrependido é um tema encontrado em muitas histórias e ensinamentos sagrados. No capítulo 20 do Apocalipse, Satanás é atado e lançado no poço sem fundo, o que se pode considerar ser simbólico do exorcismo da natureza rebelde e dos impulsos malignos do anjo Lúcifer, libertando-o para brilhar novamente como a estrela da manhã.

No livro bíblico de Jó, Deus envolve de facto Satanás (o anjo caído Lúcifer) numa tarefa:

"Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles. O Senhor disse a Satanás: 'De onde vens?' Satanás respondeu ao Senhor: 'De rodear a terra e de passear por ela.' O Senhor disse a Satanás: 'Reparaste no meu servo Jó? Ninguém há na terra como ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal.' Satanás respondeu ao Senhor: 'Acaso Jó teme a Deus debalde? Não o cercaste de proteção, a ele, à sua casa e a tudo o que tem, de todos os lados? Abençoaste a obra das suas mãos, e os seus bens multiplicaram-se na terra. Mas estende a tua mão e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não te amaldiçoa na tua face!' O Senhor disse a Satanás: 'Eis que tudo o que ele tem está no

teu poder; apenas não estendas a mão contra a sua pessoa.' E Satanás saiu da presença do Senhor." (Jó 1:6-12, RSV)

Mesmo depois de Jó passar esta terrível provação, Satanás lança dúvidas sobre a sua fidelidade e amor por Deus e pelos caminhos de Deus, ao contrário de Lúcifer/Satanás e dos seus anjos. Assim, Jó é testado de forma ainda mais pessoal:

"Outro dia veio em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, e veio também Satanás entre eles apresentar-se perante o Senhor. O Senhor disse a Satanás: 'De onde vens?' Satanás respondeu ao Senhor: 'De rodear a terra e de passear por ela.' O Senhor disse a Satanás: 'Reparaste no meu servo Jó? Ninguém há na terra como ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal. Ele ainda conserva a sua integridade, embora me tenhas incitado contra ele, para o destruir sem causa.' Satanás respondeu ao Senhor: 'Pele por pele! Tudo o que o homem tem dará pela sua vida. Mas estende a tua mão e toca-lhe nos ossos e na carne, e verás se não te amaldiçoa na tua face!' O Senhor disse a Satanás: 'Eis que ele está no teu poder; poupa apenas a sua vida.' Satanás saiu da presença do Senhor e feriu Jó de úlceras malignas, desde a planta do pé até ao alto da cabeça." (Jó 2:1-7, RSV)

Enquanto estamos no tema dos anjos caídos, olhemos para os arquivos da angelologia e para aqueles listados como os Anjos Caídos.

## Anjos Caídos

Em determinado momento das atividades celestiais dos anjos, ocorreu uma rebelião. Foi liderada por um dos anjos mais belos, Lúcifer, cujo nome hebraico significa "portador da luz", e está associado à estrela da manhã ou do dia, Vénus. "Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da manhã!" (Isaías 14:12, KJV)

De acordo com as leituras de Cayce, Lúcifer, juntamente com muitos companheiros angélicos, incluindo um chamado Ariel, "contribuíram para a contestação das influências nas experiências de Adão no Jardim." (262-57) Cayce explica ainda que a rebelião começou na verdade no espírito, muito antes do Jardim do Éden físico, com anjos a lutar contra anjos. Como lemos no Apocalipse bíblico, os anjos rebeldes foram enfrentados pelo arcanjo Miguel e

pelo seu exército angélico, que os expulsaram do céu, fazendo-os cair da sua graça original. Foram lançados na terra com o seu líder, Satanás, o nome dado ao agora caído Lúcifer. (Apocalipse 12) Estes são agora conhecidos como os Anjos da Escuridão, que incluem Lúcifer (Dador de Luz), Ariel (outrora do Coro das Virtudes), Belzebu (outrora do coro dos querubins, cujo nome significa "Senhor das Moscas"), Belial (mencionado 178 vezes nas leituras de Cayce e considerado por muitos como uma forma de Satanás, anteriormente um anjo do Coro das Virtudes), Leviatã (outrora do Coro dos Serafins), Procell (outrora do Coro das Potestades), Raum (outrora do Coro dos Tronos), Semyaza (anteriormente do Coro dos Serafins), Vual (anteriormente do Coro das Potestades) e Azazel (outrora da Ordem dos Querubins).

Durante uma das suas leituras, na qual estava vulnerável a forças sombrias, Cayce teve realmente de lutar para se proteger do anjo sombrio Azazel. Começou quando um questionador pediu ao profundamente sintonizado Cayce para contactar de facto Azul (um dos nomes de Azazel, que inclui as variantes Azael, Hazazel e Azrael, que significam "Deus fortalece"). Este anjo sombrio é um dos chefes dos Anjos Caídos.

A lenda conta que Azazel ensinou os homens a forjar espadas e escudos, e as mulheres a embelezar as pálpebras e a usar ornamentos para aliciar os homens a pensamentos impuros de pecado. Ele é conhecido como o Cavaleiro da Serpente, Sedutor dos Homens e o porta-estandarte de Satanás. Ele recusou-se a curvar a cabeça perante o recém-criado Adão de Deus — recorde-se que a humanidade foi feita inferior aos anjos, mas com o potencial de os julgar. (1 Coríntios 6:3 e Hebreus 2:6-7)

Eis o registo desta profunda sessão de Cayce. Observe que o arcanjo Miguel, o Guardião do Caminho, fala de facto através de Cayce à medida que este momento perigoso se desenvolvia, determinado a proteger Cayce.

P: Pode contactar Azul para mim?

R: Demétrio, Miguel, [sim]; Azul, não.

P: Não pode?

R: Não posso.

P: Porquê?

R: Há barreiras entre este corpo e Azul, como produzidas por aquilo que está entre Demétrio e entre Miguel.

P: Pode contactar Azul para mais alguém?

R: Não nestas condições; pois eu, Miguel, falo como o Senhor do Caminho. Inclinai as vossas cabeças, ó povos, que procurais conhecer os mistérios dessa vida que faz esses passos vacilantes na vida dos homens quando não aplicados da maneira como foi estabelecido. Ó geração de cerviz dura e adúltera! Quem se aproximará do Trono para que saibais que não há ninguém que supere o Filho do Homem na Sua aproximação à experiência humana no mundo material!

P: Qual é o nome do meu pai?

R: Não.

P: Não pode responder a essa pergunta?

R: Com certeza que se pode responder. Não o será aqui.

P: Por que não responde a estas perguntas, quando eu quero ter a certeza para poder ajudar?

R: Aquele que busca um sinal quando está na presença da autoridade Mais Alta no Caminho pode não receber um sinal, a menos que tenha feito no corpo aquilo que lhe dá direito ao mesmo.

P: Por que está Edgar Cayce cercado por tão más vibrações e entidades neste grande trabalho?

R: Pois tem havido a batalha contínua com essas forças como Miguel lutou pelo corpo de Moisés. Aquele que lidera, ou que orientaria, é continuamente assolado pelas forças que minariam. Aquele que perseverar até ao fim usará a Coroa. Aquele que ajuda na edificação terá direito àquilo que constrói na sua experiência. Aquele que vacila, ou que impediria, será recebido da maneira como impede.

2897-4

Nesta leitura seguinte, Cayce dá um contraponto às influências do mal, identificando claramente a natureza do mal nas nossas vidas.

P: Comente "O diabo e Satanás, que engana todo o mundo, foi enviado para a terra."

R: Não disse Ele — o Cristo, o Criador — isto uma e outra vez? que enquanto o rancor, o egoísmo, os maus desejos, as más comunicações se manifestassem, eles dariam os canais através dos quais esse espírito chamado Satanás, diabo, Lúcifer, Maligno, poderia trabalhar? Ele também disse uma e outra vez que até o diabo crê, mas treme. Então aquele que nega na sua vida, nas suas relações com o seu semelhante, que o Espírito da Verdade liberta, nega o seu Senhor!

262-119

Durante outras leituras, um anjo identificado como Halaliel falou através de Edgar Cayce e foi identificado entre aqueles que lutaram contra a rebelião.

P: Quem é Halaliel, aquele que nos deu uma mensagem a 15 de outubro?

R: Um em cujas cortes e com quem Ariel lutou quando houve a rebelião no céu. Agora, onde é o céu? Onde está Ariel e quem era ele? Um companheiro de Lúcifer ou Satanás, e um dos que contribuíram para a contestação das influências nas experiências de Adão no Jardim.

262-57

Este anjo veio através de Cayce em várias ocasiões dando maioritariamente profecias; veja as suas comunicações no capítulo sobre Anjos.

Cayce procurou proteção contra o anjo sombrio, e isso era bem justificado. Há muitas lendas detalhadas que recontam as atividades dos anjos sombrios. O Midrash do rabi Joseph sobre Shemhazai e Azazel (sim, o próprio anjo que o Arcanjo Miguel impediu de falar através de Cayce) reconta uma das visões mais detalhadas da tradição angélica. Eis uma parte desse relato:

"Quando a geração de Enos [filho de Sete, neto de Adão] se ergueu e praticou a idolatria e quando a geração do Dilúvio se ergueu e corrompeu as suas ações, o Santo, Bendito seja Ele, ficou desgostoso por ter criado o homem, como está escrito: 'E Deus arrependeu-se de ter criado o homem, e pesou-lhe no seu coração.'

Algum tempo depois, dois anjos ergueram-se, cujos nomes eram Shemhazai e Azazel, e disseram perante Ele: 'Ó Senhor do universo, não Lhe dissemos quando criou o Seu mundo: "Não crie o homem"?' Como está escrito: 'Que é o homem para que Se lembres dele?' O Santo, Bendito seja Ele, disse-lhes: 'Então o que será do mundo?' Eles disseram perante Ele: 'Nós bastaremos em vez dele.'

Ele disse: 'Está revelado e é bem sabido por Mim que se porventura tivessem vivido naquele mundo (terreno), a má inclinação ter-vos-ia dominado tanto quanto domina os filhos do homem, mas vós sereis mais obstinados do que eles.' Eles disseram perante Ele: 'Dê-nos a Sua sanção e deixe-nos descer (e habitar) entre as criaturas e então verá como santificaremos o Seu nome.' Ele disse-lhes: 'Descei e meai entre elas.'

Imediatamente, o Santo permitiu que a má inclinação os dominasse, assim que desceram. Quando viram as filhas do homem, que eram belas, começaram a corromper-se com elas, como está escrito: 'Então os filhos de Deus viram as filhas do homem'; não conseguiram reter a sua inclinação.

Algum tempo depois, Shemhazai viu uma rapariga cujo nome era Istehar; fixando os seus olhos nela, disse: 'Escuta o meu (pedido).' Mas ela disse-lhe: 'Não te escutarei até que me ensines o Nome pelo qual podes subir ao céu, assim que o mencionas.' Ele ensinou-lhe o Nome inefável.

O que fez ela? Mencionou-o e através dele subiu ao céu. O Santo disse: 'Visto que ela se afastou do pecado, ide e colocai-a entre as estrelas.' É ela que brilha brilhantemente no meio das sete estrelas das Plêiades, para que seja sempre lembrada. Imediatamente, o Santo fixou-a entre as Plêiades [também conhecidas como as "Sete Irmãs"].

Quando Shemhazai e Azazel viram isto, tomaram para si mulheres e geraram filhos. [Génesis 6:1-2: "E aconteceu que, como os

homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas, viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram."] Shemhazai gerou dois filhos, cujos nomes eram Ohya e Hahya. E Azazel foi nomeado chefe sobre todo o tipo de tintas e sobre todo o tipo de ornamentos das mulheres pelos quais elas aliciam os homens a pensamentos impuros de pecado.

Imediatamente, Metatron enviou um mensageiro a Shemhazai e disse-lhe: 'O Santo está prestes a destruir o Seu mundo e a trazer sobre ele um dilúvio.' Shemhazai ergueu-se e levantou a sua voz e chorou ruidosamente, pois estava profundamente perturbado pelos seus filhos e pela (sua própria) iniquidade. E disse: 'Como viverão os meus filhos e o que será deles, pois cada um deles come diariamente mil camelos, mil cavalos, mil bois e todo o tipo de (outros animais)?'

Uma noite, os filhos de Shemhazai, Ohya e Hahya, viram (visões) em (seus) sonhos, e ambos viram um sonho. Um viu uma grande pedra estendida sobre a terra como uma mesa, toda ela escrita com linhas (de escrita). E um anjo (foi visto por ele) a descer do céu com uma faca na mão e estava a apagar e a obliterar todas as linhas, exceto uma linha com quatro palavras.

O outro (filho) viu um jardim, plantado inteiramente com (Muitos) tipos de árvores e (muitos) tipos de pedras preciosas. E um anjo (foi visto por ele) a descer do céu com um machado na mão, e estava a cortar todas as árvores, de modo que permaneceu apenas uma árvore contendo três ramos.

Quando acordaram do seu sono, ergueram-se em confusão e, indo ao seu pai, relataram-lhe os sonhos. Ele disse-lhes: 'O Santo está prestes a trazer um dilúvio sobre o mundo e a destruí-lo de modo que permanecerá apenas um homem e os seus três filhos.' Sobre isso, eles choraram em angústia e lamentaram, dizendo: 'O que será de nós e como serão os nossos nomes perpetuados?' Ele disse-lhes: 'Não se perturbem, pois os vossos nomes, Ohya e Hahya, nunca cessarão da boca das criaturas, porque cada vez que os homens levantarem pedras (pesadas) ou barcos, ou qualquer coisa semelhante, gritarão e chamarão os vossos nomes.' Com isto, os seus ânimos acalmaram.

O que fez Shemhazai? Arrependeu-se e suspendeu-se entre o céu e a terra de cabeça para baixo e pés para cima, porque não lhe era permitido abrir a boca perante o Santo, Bendito seja Ele, e ele ainda permanece suspenso entre o céu e a terra.

Azazel (contudo) não se arrependeu. E está nomeado chefe sobre todo o tipo de tintas que aliciam o homem a cometer pecado e continua ainda a corrompê-los."

Na Bíblia, encontramos Deus a expressar a queda dos anjos perfeitos:

"Tu eras o selo da perfeição, cheio de sabedoria e perfeito em beleza. Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: a sardónia, o topázio, o diamante, o berilo, o ónix, o jaspide, a safira, a carbúnculo e a esmeralda; e em ouro se fizeram os teus engastes e os teus engates; no dia em que foste criado foram preparados. Tu eras o querubim ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti." (Ezequiel 28:12-15, ESV)

Há redenção para os caídos, como há para todas as almas que se perderam nas distrações e tentações da vida de livre-arbítrio e no egocentrismo.

## Anjos do Lado Sombrio, as "Cascas" (*Kellipot*)

Eis a lista dos anjos sombrios que vieram do lado sombrio com uma explicação dos seus nomes. Estas emanações não santas (*sefirot*) são sombras das Emanações Santas (*Sefirot*) e saem do lado esquerdo de Deus.

• Thaumiel, os "Gêmeos de Deus", o "De Duas Cabeças" (duplicidade de critérios, querer tanto a Deus como a Mamon).

• Chaigidiel, a "Confusão do Poder de Deus".

• Sathariel, o "Ocultamento de Deus", que esconde a face da Misericórdia.

• Camchicoth, "Devoradores" ou "Desperdiçadores".

• Golachab, Golab, e Usiel, os “Destruidores”.

• Thagirion, os “Constructores da Fealdade”.

• Harab Serapel, (considerado no plural) significa os “Corvos da Morte”, os líderes das regiões infernais.

• Samael, “Desolação”.

• Gamaliel, “Poluição”.

• Lilith, a metade feminina do primeiro Adão, dando a Adão 100 filhos todos os dias, de acordo com o Rabi Eliezer no *Livro de Adão e Eva*.

O Zohar descreve Lilith como “uma fêmea ardente e quente que a princípio coabitou com o homem”, mas quando Eva foi criada, ela “voou para as cidades da costa marítima”, onde “ainda tenta enredar a humanidade”. Nos escritos hebraicos, o nome Lilith aparece primeiro no *Alfabeto de Ben Sira* (circa anos 900), embora existam imagens dela que remontam à Era de Ouro da Assíria. Muitos rabinos consideram-na como tendo sido a tentadora de Adão e a mãe de Caim.

Lilith é a sombra de ninguém menos que Metatron! Por outro lado, a consciência Feminina da Luz associada à décima emanação é Shekhinah, conhecida como a “Habitação Divina” e a “Noiva do Senhor”.

O Gnosticismo ajuda-nos a compreender isto, identificando o espírito feminino (*he kato Sophia*) que, na sua essência ideal, é a “Mãe Luminosa” (*he meter he photeine*). No seu estado inferior, contudo, ela é a “Lasciva” (*he prouneikos*), uma deusa outrora virginal que caiu da sua pureza original. Aqui podemos ver tanto o seu lado de luz como o de sombra, bem como a sua perfeição e redenção finais.

Todos os demónios são mortais, mas no Zohar, Lilith é uma imortal até ao Dia Messiânico — um dia que é profetizado em Isaías 37:31: “E o restante que escapou da casa de Judá voltará a deitar raízes para baixo e a dar fruto para cima.”

As leituras de Edgar Cayce identificam Lilith como a primeira Eva e a metade divina do Logos encarnado. Cayce afirma que Lilith, como o Feminino Divino caído e depois redimido, foi aperfeiçoada

através de muitas encarnações, sendo a final como Maria, a mãe de Jesus, a quem o arcanjo Gabriel dirigiu esta incrível saudação:

"E, entrando o anjo onde ela estava, disse: 'Alegra-te, muito favorecida; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres!'"

"Mas, vendo-o ela, turbou-se muito com as suas palavras, e pensava que saudação seria esta. Disse-lhe, então, o anjo: 'Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de JESUS. Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai; E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim.' Disse então Maria ao anjo: 'Como se fará isto, visto que não conheço homem algum?' E, respondendo o anjo, disse-lhe: 'O Espírito Santo virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus. E eis que também a tua parenta Isabel concebeu um filho na sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril. Porque para Deus nada é impossível.'" [Lucas 1:28-37, NKJV]

Claramente, o anjo falou a esta mulher como uma alma rara e especial com um papel principal a desempenhar. Esta história tem todos os elementos da lenda gnóstica da Mãe Solitária (Maria) e da Lasciva (Lilith), redimida em Sofia, a Mulher Sábia.

A redenção e a ressurreição são um caminho que todos podem escolher percorrer, mesmo Lúcifer, como refletido nas Escrituras. Lúcifer, sob o seu título de "Estrela da Manhã", está profetizado que se erguerá novamente e se juntará às hostes celestiais:

"Eu sou o Alfa e o Ómega, o primeiro e o último, o princípio e o fim. Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar pelas portas na cidade." [Apocalipse 22:13-14, ASV]

E:

"Eu sou a raiz e a geração de David, a brilhante, a estrela da manhã. E o Espírito e a noiva dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem.

E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida." [Apocalipse 22:16-17, ASV]

Vistos nestas linhas estão a "raiz" de David, que tinha caído, e a geração de David, que se ergueu e se tornou redimida e restaurada.

Antes de deixarmos este capítulo, sinto a necessidade de partilhar a preocupação de Edgar Cayce para que nos protejamos sempre das forças sombrias, daquelas dentro das nossas próprias emoções e pensamentos, bem como daquelas potencialmente ao nosso redor. Ele até nos incentivou a guardar pequenos mantras ou afirmações nos nossos corações e mentes ao longo do nosso dia, permanecendo assim perto do bem, da luz e dos pensamentos e sentimentos construtivos.

Uma variação de uma oração ou afirmação de proteção seria: "Abre os nossos corações a essas forças invisíveis que cercam o trono da graça, da beleza, do poder e da magnificência, enquanto envolvemos em nós a proteção encontrada no amor pela consciência de Deus no pensamento da consciência de Cristo." Pode modificar isto como desejar, com o que melhor refletir os seus sentimentos e crenças.

O uso do plural "nossos" e "nós" reflete o seu ensinamento de que precisamos de ir além do eu, do egocentrismo e do egoísmo, e de nos tornarmos mais conscientes da Consciência Coletiva de toda a vida, de todos os seres, e de como realmente existimos num coletivo e não sós no nosso corpo. Manter os nossos escudos erguidos com uma afirmação protetora é uma boa forma de passar cada dia.

## 9 Os Elementais

Embora muitos autores incluam as fadas, os duendes e outras pessoas pequenas entre os elementais, especialmente os espíritos da natureza, Edgar Cayce não o faz. Da perspetiva de Cayce, os elementais não são seres, mas sim os componentes fundamentais da vida material. Usando a metáfora da tecelagem, Cayce identifica os elementais como a "teia e a urdidura da materialidade". (1298–1) Os fios num tecido são aqueles que correm no sentido do comprimento, a urdidura; e aqueles que correm no sentido transversal, a teia (também chamada de trama).

No caso dos elementais, estes criam o tecido da vida. E são classicamente conhecidos como estes quatro elementos fundamentais: terra, água, fogo e ar. Na filosofia chinesa do Wu Xing, são cinco em número: madeira, terra, água, fogo e ouro (literalmente, a palavra chinesa aqui é ouro, mas a maioria dos escritores usa a palavra metal em vez disso, não me pergunte porquê!).

Nos discursos de Cayce e na antiga filosofia ocidental, o quinto elemento é o éter, da palavra latina que significa "o ar puro e brilhante das alturas". (440–18, 900–348, 281–27 e 195–70) Na Índia, o quinto elemento é o Akasha. O quinto elemento é considerado a quinta-essência da vida, pois quinta significa "quinto" e essência significa a natureza intrínseca de algo sem a qual não existiria. Disto compreendemos que os elementais são os componentes essenciais da vida.

Os elementais são também considerados as formas ou estados fundamentais da matéria: a terra é o sólido, a água é o líquido, o ar é o estado gasoso e o fogo é o plasma. Os elementos da vida manifestam-se em qualquer uma destas formas. Na verdade, alguns consideram que o quinto elemento é na verdade o plasma em vez do fogo, relegando o fogo de volta ao seu estado mais comum neste mundo e associando-o ao metabolismo, a combustão necessária para manter um corpo quente e vivo.

O plasma é gás ou ar ionizado — o que significa que os átomos ou moléculas de um gás estão carregados. Dois exemplos seriam um sinal de néon, no qual o gás no seu interior está eletricamente carregado, e o nosso Sol, cujos gases estão supercarregados. O plasma, tal como o gás, não tem forma definida nem volume definido, a menos que esteja contido num recipiente.

Embora sejam os essenciais da vida material e não seres reais, são considerados essências das quais os seres emergiram. A lenda e a tradição atribuíram-nos a espíritos da natureza nestas categorias: os Gnomos são os espíritos da terra, as Ondinas são os espíritos da água, as Salamandras são os espíritos do fogo e as Sílfides são os espíritos do ar (também chamadas Silfídeas — retratadas como um tipo de fada

no balé *La Sylphide* e em *Sonho de uma Noite de Verão* de Shakespeare).

Grande parte desta informação foi recolhida e publicada por Paracelso nos seus escritos alquímicos do início dos anos 1500 na Europa, e mais foi publicado por M.M. Pattison Muir em 1902 no seu livro, *The Story of Alchemy and the Beginnings of Chemistry*, na Grã-Bretanha. Além dos quatro elementos, os espíritos da natureza são também personificados em três outras formas de vida principais: as Dríades são os espíritos da vegetação, os Faunos são os espíritos da vida animal e as Ninfas são os espíritos da música e da dança. Há muito mais sobre estes "seres" no capítulo sobre os anjos.

Em muitas mitologias antigas, os elementos são personificados como deuses da terra, do mar, do fogo e do vento. No Egito, os deuses fundamentais eram Geb (terra), Tefnut (água), Ptah (fogo) e Shu (ar). Podemos supor que Rá, o deus Sol, poderia ser o quinto elemento de plasma; ou se usarmos o éter como o quinto elemento, então poderíamos escolher Amon-Rá (o deus invisível, também escrito Amun-Ra).

Na mitologia grega, seriam: Gaia (terra), Posídon (mar), Hefesto (fogo) e Zéus (céu, mas também Úrano). Enquanto na mitologia romana os deuses seriam: Telus ou Terra (terra), Neptuno (mar), Vulcano (fogo) e Júpiter ou Jove (céu, mas também Caelus).

Num antigo texto grego intitulado *Kore Kosmou*, que significa "Virgem do Mundo", e atribuído a Hermes Trismegisto, os quatro elementos são explicados como a composição e afinidade de várias formas de vida:

"E Ísis respondeu: 'Das coisas vivas, meu filho [o seu filho era Hórus], algumas são feitas amigas do fogo, e algumas da água, algumas do ar, e algumas da terra, e algumas de dois ou três destes, e algumas de todos. 'E, pelo contrário, novamente algumas são feitas inimigas do fogo, e algumas da água, algumas da terra, e algumas do ar, e algumas de dois deles, e algumas de três, e algumas de todos. 'Por exemplo, filho, o gafanhoto e todas as moscas fogem do fogo; a águia e o falcão e todas as aves de alto voo fogem da água; os peixes, do ar e da terra; a cobra evita o ar livre. Enquanto as cobras e todas as

coisas rastejantes amam a terra; todas as coisas nadadoras amam a água; as coisas com asas, o ar, do qual são cidadãs; enquanto aquelas que voam ainda mais alto amam o fogo e têm o seu hábitat perto dele.

Não que alguns dos animais também não amem o fogo; por exemplo as salamandras, pois até têm as suas casas nele. É porque um ou outro dos elementos forma o envelope exterior dos seus corpos. 'Cada alma, em conformidade, enquanto está no seu corpo, é pesada e constrangida por estes quatro.'" [Brown, Brian. *The Wisdom of the Egyptians*, Londres: Forgotten Books, 2008]

De acordo com o médico Galeno de Pérgamo (129–216 d.C.), estes quatro elementos foram usados pelo famoso médico do século IV a.C., Hipócrates, o médico que estruturou o Juramento Hipocrático que continua a guiar os médicos hoje, e contém as palavras "não fazer mal". Hipócrates associou os chamados "quatro humores" do corpo humano aos quatro elementos: bile negra (terra), fleuma (água), bile amarela (fogo) e sangue (ar). A teoria de Hipócrates era que o corpo humano contém quatro substâncias básicas, a que chamou humores.

Quando estes estão em equilíbrio, a pessoa está saudável. As doenças e incapacidades são o resultado de um excesso ou défice de um destes quatro humores. Mais interessante ainda é como ele atribuiu os temperamentos humanos a estes elementos ou humores: a Terra (bile negra) é melancólica, silenciosa, analítica e séria; a Água (fleuma) é calma, ponderada, paciente e pacífica; o Fogo (bile amarela) é ambicioso, líder, irrequieto e facilmente irritável; e o Ar (sangue) é corajoso, esperançoso, brincalhão e despreocupado.

Quando pensar nas definições de Hipócrates, tenha em mente o ensinamento de Ísis de que alguns de nós têm mais do que um destes e alguns podem ter todos os quatro!

Curiosamente, a filosofia chinesa entra nesta ideia de equilíbrio e desequilíbrio como sendo saúde e doença. No ensinamento chinês, o ciclo normal gerador de vida é: a madeira alimenta o fogo; o fogo cria a terra (cinzas, ou potassa nos corpos humanos); a terra gera o metal; o metal recolhe a água; e a água nutre a madeira. O ciclo está em equilíbrio. Quando há um desequilíbrio, as correções são encontradas nestes fatores: a madeira parte a terra; a terra absorve a água; a água

apaga o fogo; o fogo derrete o metal; o metal corta a madeira. Uma conclusão disto é como um médico procederia para corrigir um desequilíbrio, adicionando ou subtraindo elementos no corpo humano para restaurar o equilíbrio.

No Hinduísmo, os cinco elementos são encontrados nos Vedas: terra (*bhumi*), água (*ap* ou *jala*), fogo (*agni* ou *tejas*), ar ou vento (*marut* ou *pavan*), e éter, ou "vazio", ou vácuo (*vyom* ou *shunya* ou *akash*). Eles correlacionam os elementos aos cinco sentidos da audição, tato, visão, paladar e olfato. O elemento mais baixo, a terra, foi criado usando todos os sentidos. Mas a água foi criada usando apenas quatro dos elementos; pois não tinha odor para cheirar (estamos obviamente a falar de água limpa).

O fogo pode ser ouvido, visto e sentido, por isso foi criado sem o uso do olfato e do paladar. O ar pode ser ouvido e sentido, assim sem o uso do olfato, paladar e visão. Finalmente, o éter (*Akasha*) é apenas um meio de som e não é acessível pelos outros quatro sentidos. O som original da criação, de acordo com estes ensinamentos, foi o OM, considerado a vibração do Supremo. O OM é soado em três partes, como au-uuu-mmm (au como no som que fazemos quando nos magoamos, "Au, isso doeu"), e representa a energia divina (*Shakti*) unida nos seus três aspetos fundamentais: criação (*Brahma Shakti*), preservação (*Vishnu Shakti*) e libertação através da destruição das ilusões (*Shiva Shakti*).

Nos ensinamentos de Buda, os quatro elementos são vistos pelas suas propriedades: a terra é a solidez ou inércia, a água é a coesão (as moléculas de água permanecem próximas umas das outras), o fogo é o calor e a energia, e o ar é a expansão e a vibração. Curiosamente, Cayce também associa fases da meditação a estas propriedades, tal como outros místicos: começamos num estado sólido (os nossos corpos materiais) e quietude, depois mudamos gradualmente para um estado mais fluido e líquido à medida que nos aprofundamos na meditação, e então os chakras são despertados e o fogo da Força da Vida começa a agitar-se; à medida que a água aquecida se torna vapor, alcançamos vibrações mais elevadas e expandimo-nos para fora da nossa condição finita para uma mais infinita, e da nossa consciência individual para uma consciência mais universal. Pode ser pensado

como passar do gelo (forma sólida), para a água (forma líquida) e, eventualmente, para a nuvem (vapor).

Hoje, temos a Tabela Periódica dos Elementos contendo 117 elementos conhecidos no mundo material. Como passámos de quatro elementos para isto? Porque nos movemos quase para além do reino da matéria nas nossas ciências e matemática! As teorias de partículas e ondas, a teoria quântica e as escalas nanoscópicas da realidade levaram-nos para o enorme espaço dentro da matéria — nesse reino do Akasha, o vazio! Lembre-se, toda a matéria no universo que vemos é apenas quatro por cento de todo o universo. A nossa compreensão está a mover-se cada vez mais perto da essência da vida, e não é apenas a matéria ou materialidade que os cinco sentidos humanos conhecem.

Onde Cayce fala dos elementais como a "teia e urdidura da materialidade", ele adiciona: "a divindade é a teia e urdidura da espiritualidade na experiência dos seres humanos." (1298–1) E da perspetiva mística de Cayce, os elementos não são componentes estáticos da existência, mas sim dinâmicos — atraídos e repelidos por forças e influências vistas e invisíveis. E nós interagimos com estes componentes da vida, tal como todas as formas de vida — atraindo ou repelindo os elementais da vida à medida que mudamos, à medida que nos movemos através de pensamentos e ações.

## 10 A Segunda Visão e o Sexto Sentido

Neste capítulo, reuni as visões e orientações de Edgar Cayce para desenvolver e melhorar a nossa perceção, para que possamos perceber os anjos e as pessoas pequenas mais gentis, e até sentir os elementais da vida, tanto dentro de nós como ao nosso redor. O inglês de Cayce é bíblico. E, como tal, leva algum tempo a habituarmo-nos. Mas se ler devagar e se sentir confortável com a estrutura das suas frases, ele tem informações muito úteis. As palavras em letras maiúsculas refletem uma elevação na sua voz para dar ênfase.

## A Segunda Visão

Vimos o uso do termo "segunda visão" pelo reverendo Robert Kirk, e aqui vemos que Edgar Cayce também usou o termo em certas ocasiões.

Curiosamente, um dos discursos mais interessantes de Cayce sobre a "segunda visão" veio numa leitura relativa à Atlântida e à condição natural dos atlantes. Eis essa leitura tal como aparece nos arquivos de Cayce na Associação para Investigação e Esclarecimento em Virginia Beach, Va. A sua estenógrafa explicou que quando Edgar aumentava o volume da sua voz, geralmente para enfatizar uma palavra, ela colocava a palavra em maiúsculas. A Fundação Edgar Cayce atualizou estas palavras em maiúsculas para itálico para mostrar ênfase.

TEXTO DA LEITURA 364-10

Esta leitura psíquica foi dada por Edgar Cayce na sua casa em Pinewood, na Lake Drive, Virginia Beach, Va., neste dia 28 de abril de 1932, de acordo com o pedido feito pelos presentes.

PRESENTES Edgar Cayce; Gertrude Cayce, Condutora; Gladys Davis, Estenógrafa. Mildred Davis, H. L. e L. B. Cayce.

LEITURA Hora da Leitura: 15:00

GC: Terá diante de si a informação dada através deste canal sobre o continente perdido da Atlântida. Continuará, por favor, com esta informação e responderá às perguntas que lhe farei relativamente à mesma.

EC: Sim. Compreendendo, então, na terminologia atual, a ciência oculta ou ciência psíquica — como visto, esta era a atividade natural ou da natureza nessa experiência, e não denominada uma ciência — não mais do que seria o desejo de comida por um bebé recém-nascido. Antes a consequência natural. Esta explicação pode de necessidade assumir algumas formas que podem possivelmente ser confusas por vezes, mas podem ser feitas ilustrações através dos vários tipos de ciência oculta, ou manifestações psíquicas, que podem clarificar para

o estudante algo dos vários tipos de manifestações psíquicas no presente, bem como aquilo que era natural neste período. Há, como muitas vezes foi dado, uma diferença bastante grande — e muita diferenciação deve ser feita — no misticismo e na ciência psíquica ou oculta como denominada hoje.

A partir daquilo que foi dado, vê-se que os indivíduos no início eram mais formas de pensamento do que entidades individuais com personalidades como visto no presente, e as suas projeções nos reinos ou campos de pensamento que pertencem a um mundo de matéria em desenvolvimento ou evolução, com as apresentações variadas sobre o mesmo, das expressões ou atributos nas várias coisas sobre a entidade ou indivíduo, ou corpo, através do qual tal ciência — como denominada agora, ou tal fenómeno como seria denominado — se tornou manifesto. Daí que achemos que a ciência oculta ou psíquica, como seria chamada no presente, era antes o estado natural do homem no início. Muito como (em ilustração) quando um bebé, ou recém-nascido, nasce no mundo e o seu apetite é primeiro satisfeito, e ele jaz a dormir. De que são os seus sonhos? Do que ele espera vir a ser, ou do que tem sido? De que são os pensamentos? Daquilo que há de ser, ou daquilo que tem sido, ou daquilo que é? Agora lembrem-se de que estamos a falar — estas eram formas de pensamento, e estamos a encontrar novamente as ilustrações das mesmas!

Quando o corpo mental (agora revertam para o que estão a chamar de ciência) — quando o corpo mental, ou mente, teve treino, ou passou por um curso de operações em certas direções, tais indivíduos são chamados orientados de determinada forma; como um de inclinação inventiva, e treinado; um de inclinação estatística, e treinado; um de inclinação teológica, e treinado; um de inclinação filosófica, e treinado. De que constrói a mente? Voltámo-nos, então, para aquilo que se tornou muito material, pois a mente constantemente treinada faz para si mesma imagens mentais, ou faz aquilo que é raciocinado a partir dos seus próprios pontos de vista dimensionais presentes — mas o bebé, de onde vem o seu raciocínio? De onde vem o seu sonho? Daquilo que foi absorvido, ou daquilo que tem sido a sua experiência de onde veio? Muitas vezes foi dito, e com razão, com o

sorriso de um bebé ‘a sonhar com anjos’, e em contacto próximo com eles — mas o que produziu esse sonho?

O contacto com aquilo de que se alimentou! Não se esqueçam agora da nossa premissa a partir da qual estamos a raciocinar! E acharemos que teremos a premissa a partir da qual esses indivíduos, ou as entidades, raciocinavam no início nesta terra. (Estamos a falar dos atlantes, quando se tornaram como forças de pensamento.) De onde raciocinavam eles? Das Forças Criativas das quais tinham recebido o seu ímpeto, mas atuados pelas formas de pensamento como estavam em formas materiais ao seu redor, e dada essa capacidade (vontade) de ser um com aquilo de onde brotou ou recebeu o seu ímpeto, ou força, contudo com a capacidade de usar isso da maneira que parecesse, ou pareça, boa ou bem, ou agradável para si mesma. Daí acharmos nesta fase de moldagem ou moldagem particular, aquela na qual houve o maior desenvolvimento e uso daquilo que é denominado ou chamado de forças ou ciência psíquica e oculta — na terminologia ou era atual.

Ilustrando, então, quanto a como isto era usado por essas entidades, esses seres, na fase formativa da sua experiência ou permanência entre aquilo que tinha sido criado em todo o seu esplendor para suprir cada necessidade ou desejo que pudesse ser evocado por esse ser, com todos os seus atributos físicos, mentais e espirituais à mão; pois, como foi dado, até à quatrocentésima milésima geração desde a primeira criação foi preparado para a habitação do homem. Como nós hoje (voltemos ao dia de hoje), achamos aí os desenvolvimentos desses recursos. Quanto tempo permaneceram eles? Desde o início!

Quanto tempo tem o homem sido capaz de os usar para a sua ruína, ou para o seu prazer, ou para a sua regeneração? Desde que o conhecimento de alguma fonte despertou dentro da sua força psíquica, ou fonte, do aparelho, ou da forma que toma, quer seja num físico ou mental (pois lembrem-se, a Mente é o Construtor — e move-se ao longo daqueles canais através dos quais, e pelos quais, pode trazer à existência em qualquer dimensão ou esfera a partir da qual está a raciocinar, ou a raciocinar em direção a — vejam) — e como estes podem ser ilustrados no presente:

Quando há uma manifestação de uma força psíquica, ou uma ação oculta, ou fenómeno, ou atividade em, sobre, de ou para um indivíduo, há então o recuar, por assim dizer, ou uma porção da consciência física — ou dessa consciência individual treinada mentalmente — foi colocada de parte, ou recuada, e há então uma visão — Para quê? Aquilo que é desde o início, uma projeção dessa forma que assumiu a sua posição ou condição na terra como desde o início, e com aqueles tão dotados daquilo que se pode chamar de uma perceção das fontes psíquicas pode haver a visão ao redor de um corpo do seu astral (se escolhido para ser denominado), antes o seu corpo de pensamento, como é projetado do mesmo em tal estado; especialmente assim quando há a indução, ou o induzir de, uma inconsciência do cérebro normal, ou corpo mental normal. Submerso — em quê? No inconsciente, ou subconsciente.

Sub, neste caso, significando abaixo — não acima do normal; abaixo — sujeito à consciência mais elevada, ou ao pensamento mais elevado, que foi construído — tão certo quanto foi construído um corpo físico, de quê? Daquilo que foi dado desde o seu primeiro núcleo como passado na sua experiência. Então pode haver a visão por tal corpo, como se pode chamar com a *segunda visão*, ou com uma visão, desse corpo de pensamento acompanhante de tal pessoa, manifestando-se de forma e maneira muito semelhantes às que os indivíduos no período atlante de desenvolvimento psíquico e oculto trouxeram na sua experiência. Através de tais projeções veio essa primeira necessidade da divisão do corpo, para se conformar àquelas necessidades daquilo visto na sua própria visão mental como construída (mental agora — não confundam estes termos, ou de outro modo ficarão muito confusos no que está a ser dado!).

A visão mental pela sua ação sobre que corpo está a ser construída? No corpo mental do indivíduo num mundo material, a partir do Espírito, a partir da capacidade de ter todos os atributos das forças espirituais ou invisíveis — mas forças materializadas, como é necessário a partir do corpo mental num mundo material treinado mentalmente para, ou em, certas direções, ou direções dadas, ou seguindo a inclinação natural do seu corpo triplo ou de três dobras, como é visto em cada indivíduo ou em cada entidade. À medida que

estes se projetavam, achamos então que estes desenvolvimentos estavam nesta porção do desenvolvimento no período atlante. Como eram estes usados? Em muito como eram desde o início.

Lembrem-se de que houve sempre a instrução a esses povos para que se apegassem àquilo que traria as forças espirituais, em vez dos abusos das capacidades — como aqueles com espíritos adivinhos, como aqueles que falavam ou participavam das adivinhações daqueles que tinham passado do plano da terra, ou aqueles que participavam do magnetismo animal — que vinha da consciência universal da matéria animal como passada na sua experiência, na sua intersecção através desses períodos de integração e desintegração — e as forças espirituais possuindo aqueles que se deixavam abertos a tais condições, pois estas são tão reais como os corpos físicos se as sintonizações da entidade forem tais que as possa visionar!

E elas estão ao vosso redor sempre, com certeza! Estas, então, são entidades — com certeza; quer animais quer aquelas dotadas de alma — até passarem por essas mudanças — como sempre existiu, veem? Também há aqueles que sempre fazem por esses canais no psíquico e no oculto (estamos a falar de, através dos quais o homem — à medida que alcançou essa fase, ou essa posição em que se tornou cada vez mais distante das suas fontes naturais, através do mesmo carácter de canal pode comunicar com aquilo de que é uma porção, ou as Forças Criativas), e daí surgiu a terminologia como ‘Bons Espíritos’ e ‘Maus Espíritos’; pois há aqueles que participam da terra, ou das forças carnais, em vez daquelas forças que são do espiritual ou do criativo. Aqueles que são de destruição são da Terra. Aqueles que são construtivos, então, são os bons — ou o divino e o diabólico, trazendo esses desenvolvimentos nas suas várias fases. Daí o maior desenvolvimento daquilo chamado forças ocultas, ou psíquicas, durante o período atlante — e o uso das mesmas, e o abuso das mesmas — ter sido durante os seus primeiros mil anos, como chamaríamos anos-luz; não a luz da estrela, mas o sol põe-se e o sol põe-se — anos. Isso trouxe esses ciclos, ou essas mudanças.

Daí termos aquilo que foi dado através de muitas das fontes de informação, ou dos canais para os indivíduos — e naqueles, nestes, na entidade — como uma voz sobre as águas, ou como o vento que se

movia entre as canas e escutava, ou ainda como quando as estrelas da manhã cantavam juntas e os filhos de Deus contemplavam a vinda do homem ao que era seu, através dos vários reinos que foram trazidos pela amplificação de, ou pela deterioração de, o uso dessas forças e poderes que se manifestavam numa área material, ou aqueles que participavam do carnal para a gratificação daquilo que trouxe o seu contínuo endurecimento e menor capacidade de escutar de volta através daquilo de onde veio, e participando cada vez mais daquilo de que se tornou um comedor; ou, como se vê mesmo nas forças materiais no presente: Encontramos aqueles que participam de certos elementos, a menos que estes se tornem muito bem equilibrados com todas as fontes — de quê? Daquilo de que existiram as primeiras causas, ou natureza, ou natural, ou as fontes ou forças de Deus. Daí os elementos — não os rudimentos; elementos — como são denominados na terminologia do estudante das forças anatómicas, fisiológicas e psicológicas dentro de um corpo — germes! Claro que são germes! Pois cada um é como átomos de poder — de quê? Dessa fonte da qual extraiu a sua essência sobre a qual se alimenta.

Está alguém a alimentar, então, a sua alma? Ou está alguém a alimentar o seu corpo? Ou está alguém a alimentar esse intermédio (o seu corpo mental) para a sua própria ruína, ou para essas tolices das coisas simples da vida? Sendo capaz, então, de participar do físico mas não fazer parte do mesmo — mas alimentando-se cada vez mais dessas fontes das quais se emana a si mesmo, ou da vida espiritual, de modo que o corpo físico, o corpo mental, estejam sintonizados com as suas forças da alma, ou a sua fonte da alma, o seu Criador, o seu Fazer, de tal forma e maneira, à medida que se desenvolve.

O que é, então, a força psíquica? O que é a ciência oculta? Um desenvolvimento das capacidades dentro de cada indivíduo que não perdeu a sua filiação, ou a sua relação com o seu Criador, para viver de — ou demonstrar cada vez mais através de fenómenos de qualquer natureza de onde tome a sua fonte, para essa atividade individual dessa própria entidade através das etapas de desenvolvimento pelas quais passou, e dando da sua fonte de vida para que possa ser trazido à existência aquilo que dá mais conhecimento da fonte da qual a essência da entidade (não é uma boa palavra, mas significa aquilo que

se pretende expressar; não elementos, não rudimentos, mas essência da própria entidade, o seu espírito e alma — sendo o seu espírito a sua porção do Criador, a sua alma a da sua própria entidade, tornando-se uma entidade individual, separada, que pode ser uma com a Força Criativa da qual vem — ou que é! da qual é composta, nas suas forças atómicas, ou na sua própria essência!) emana; e quanto mais isto se manifestar, maior se torna a força oculta.

Para que usos, então, deram estas pessoas neste período particular os seus esforços, e em que direções estiveram ativas? Quase tantas como os indivíduos que existiam! Pois, como encontramos nos registos que são feitos, a alguns foi dado o poder de se tornarem filhos de Deus; outros eram trabalhadores em latão, em ferro, em prata, em ouro; outros foram feitos na música, e nos instrumentos de música. Estes, então, encontramo-los no mundo hoje. (Hoje, agora — estamos a raciocinar a partir de hoje.) Aqueles que são especialmente dotados na arte — nas suas várias formas; e um verdadeiro artista (como o mundo o vê) não serve para muito mais!

Contudo é — o quê? Uma expressão do seu conceito daquilo de onde ela, essa entidade, brotou — através das várias etapas da sua evolução (se optar por lhe chamar isso) num mundo material, ou aquilo com que alimentou a sua alma ou o seu ser mental para o seu desenvolvimento através das suas variadas experiências num mundo material. Estes, então, não são mais do que manifestações (forças ocultas) em indivíduos que são chamados génios, ou dotados em certas direções.

Estas, então, são as maneiras pelas quais as entidades, esses seres, essas almas, no início participavam, ou se desenvolviam. Alguns trouxeram monstruosidades, como as da associação da sua (dessa entidade) projeção com a sua associação com bestas de vários caracteres. Daí os de Estige, o sátiro e afins; os do mar, ou sereia; os do unicórnio, e os das várias formas — estas projeções de quê? Das capacidades nas forças psíquicas (psíquica significando, então, do mental e da alma — não significa necessariamente o corpo, até que lhe seja permitido ser trazido à existência em qualquer forma em que possa fazer a sua manifestação — a qual pode nunca ser num mundo material, ou tomar forma num plano tridimensional como a terra é;

pode permanecer num quadridimensional — o qual é uma ideia! A melhor definição que alguma vez se pode dar de quadridimensional é uma ideia! Onde se projetará? Em qualquer lugar! De onde surge? Quem sabe! Onde terminará? Quem pode dizer! É tudo incluído! Tem comprimento, largura, altura e profundidade — é sem início e é sem fim! Dependente daquilo de que se possa alimentar para a sua sustentação, ou pode passar para isso muito como um pensamento ou uma ideia. Agora isto não é ideal o que se disse! É ideia! Veem?)

No uso destas, então, neste plano material — destas forças — trouxe aqueles que fizeram todas as maneiras das várias formas que são usadas no mundo material hoje. Muitas delas para um desenvolvimento muito mais elevado. Como aqueles que procuraram formas de minerais — e sendo capazes de ser o que o mineral era, daí muito mais capazes — na força, ou poder, psíquico ou oculto — de classificar, ou fazer o mesmo nas suas próprias classificações. Quem os classificou? Eles existiam desde o início! Eles são eles próprios! Eles eram essas necessidades como existiam no início a partir de um Criador sumamente sábio! pois lembrem-se de que estes vieram, tal como veio aquele que haveria de ser o seu guardião! O lavrador da vinha! Cada entidade, cada indivíduo — hoje, tem a sua própria vinha para guardar, para tratar — para quem? O seu Criador, de onde veio! Qual há de ser o relatório na tua própria vida com essas capacidades, essas forças, como se podem manifestar no eu — através do seu apelo a, através de quê? Como chega a oração ao trono da misericórdia ou da graça, ou àquilo de onde emana? De si mesma! Através daquilo de crucificar, anular, a mente carnal e abrir o mental de tal maneira que o Espírito da verdade possa fluir no seu sentido psíquico, ou força oculta, para o próprio ser, para que possas ser um com aquilo de onde vieste! Sê fiel àquilo que foi entregue à tua guarda! A própria vida é preciosa! Porquê? É do próprio Criador! Esse é o início! As forças psíquicas, as sintonizações, os desenvolvimentos, indo para isso! Como fizeram muitos nessa experiência. E Enoque andou com Deus, e já não era, porque Deus o tomou. Como foram muitos daqueles nesses primeiros anos, nesta terra, nesta experiência.

Estes no presente, então, não lhe chamam justamente ciência; antes estar perto da natureza. Escutem os pássaros. Observem o rubor

da rosa. Escutem a vida a erguer-se na árvore. Estes servem o seu Criador — através de quê? Dessa força psíquica, que é a própria Vida, na sua respetiva esfera — que foram colocados para o serviço do homem. Aprende a tua lição, ó Homem, daquilo que está ao teu redor! Terminámos por agora.

Eis um excerto de uma leitura de vidas passadas dada a uma enfermeira que tinha a *segunda visão* numa encarnação anterior em Nova Inglaterra quando esta era considerada feitiçaria, durante esse horrível período da história em que se pensava que as "bruxas" faziam a "obra do Diabo" e eram queimadas e afogadas.

Naquela antes desta encontramos neste meio presente, na terra presente, sob ambientes diferentes, e durante esses períodos em que houve essas perseguições naquilo agora conhecido como Nova Inglaterra e ao redor dessa porção do país agora conhecida como Massachusetts. A entidade então entre esses povos que eram mal compreendidos pelos conceitos como foram recolhidos por aqueles do grupo da entidade no que diz respeito às atividades de forças invisíveis no plano material.

A entidade então em nome de Marie Jughan, sendo daqueles do grupo que vieram para oeste da terra norueguesa, e daqueles povos desse grupo que eram considerados como os líderes disto que não estava em total acordo com os ritos [direitos] religiosos do período. A entidade sofreu perseguição no período, mas ganhou através da firmeza do entendimento como foi ganho; perdendo apenas no responder de volta quando insultada por aqueles que se ririam da posição física da entidade, especialmente nesses dias no pelourinho enquanto chovia.

Daí como se sente no presente, isso muitas vezes do ousar fazer, ser, aquilo que se sente ser correto, independentemente do que os outros possam pensar, com uma tendência — por vezes vezes demais — para dar a outros que não apreciam esse privilégio que lhes está a ser concedido pelo conhecimento ou pela manifestação daquilo que está a ser dito ou mostrado. Nisto deveria a entidade, mesmo no presente, ponderar bem.

Como também a experiência traz àquilo que é de uma descoberta intuitiva, contudo muitas vezes a entidade achará que para si mesma a segunda reflexão, a *segunda visão*, a segunda determinação, é a melhor. Enquanto em muitos a primeira impressão dura, para esta entidade pese bem ambos os lados de cada questão.

2138-1

Eis uma leitura de Cayce para uma mãe que usou a sua filha numa encarnação anterior para espiar o inimigo, e agora a sua filha psíquica regressa nesta encarnação carregando um medo do dom e de como ele pode ser mal utilizado. Cayce indica claramente que esta encarnação é a oportunidade delas para retificar o carma da vida anterior:

P: Como estive associada no passado com os seguintes indivíduos, quais são os impulsos trazidos para o presente, e como posso ser da maior ajuda para cada um: Primeiro, a minha filha [2153]?

R: Como indicámos, houve uma associação na permanência logo antes desta, quando houve o uso das capacidades da filha como intérprete ou espia nessas atividades de outros. E o desenvolvimento da "segunda visão", por assim dizer, ou das capacidades psíquicas, trouxe medo e dúvida; o que ainda existe! e daí pode ser enfrentado no presente.

2344-1

Eis a leitura completa para um rapaz de seis anos cuja alma estava profundamente envolvida com a "segunda visão", tanto para o bem como para o mal:

TEXTO DA LEITURA 4087-1 M 6

Esta leitura psíquica foi dada por Edgar Cayce no escritório da Associação, Arctic Crescent, Virginia Beach, Virgínia, neste dia 15 de abril de 1944, de acordo com o pedido feito pelo pai — Sr. [. . .], novo Membro Associado da *Ass'n for Research & Enlightenment, Inc.*, recomendado pela Sra. [2455].

PRESENTES

Edgar Cayce; Gertrude Cayce, Condutora; Gladys Davis, Estenógrafa. (Notas lidas a e transcritas por Jeanette Fitch.) Pai de [4087], Esther Wynne, Mignon Helms, Harmon Bro e outros.

LEITURA

Nascido a 24 de março de 1938, Bristol, Rhode Island.

Hora da Leitura . . . Street, 16:05 às 16:25 Hora de Guerra do Leste. . . . Rhode Island.

GC: Dará as relações desta entidade e o universo, e as forças universais; dando as condições que são como personalidades, latentes e exibidas na presente vida; também as anteriores aparições no plano da terra, dando o tempo, o lugar e o nome, e aquilo em cada vida que construiu ou retardou o desenvolvimento para a entidade; dando as capacidades da presente entidade, aquilo a que pode chegar, e como. Responderá às perguntas, à medida que eu as fizer:

EC: Sim, temos os registos aqui dessa entidade agora conhecida como ou chamada [4087].

Como achamos, há grandes possibilidades mas também há grandes problemas a serem enfrentados com o treino e a direção para esta entidade através dos anos formativos.

Pois como achamos esta entidade esteve mais do que uma vez entre aqueles que eram dotados com o que por vezes é chamado *segunda visão*, ou a superatividade do terceiro olho. Sempre que há a abertura, então, do centro de Leydig e das forças da kundalini ao longo da pineal, achamos que há visões de coisas futuras, de coisas que estão a acontecer.

Contudo, no uso destas através de algumas experiências, como acharemos, a entidade está no presente a encontrar-se a si mesma. Pois a entidade foi o profeta que avisou Jeroboão. Leiam-no! Verão por que razão ele não deve escutar de todo aqueles que o possam aconselhar quanto à maneira como deve usar as capacidades que foram e são uma porção da experiência da entidade; mas confiar n’Aquele que é o caminho.

Não te afastes da igreja! Na igreja mantém estas atividades, para que possa haver certeza no eu que tem a ver ou a lidar apenas com o uso de tal perceção, tal visão, para a glória do Pai como manifestado no Filho.

Não uses isso para gratificar, satisfazer, ou mesmo encorajar a entidade a usar tal. Mas treina a entidade no uso do propósito divino, desejo divino. Pois se o propósito e o desejo forem corretos, podemos achar que a entidade pode — como na experiência antes desta — usar as atividades para o benefício do seu semelhante.

Pois no uso do poder que foi uma porção da consciência da entidade pode vir ajuda para muitos.

Pois na experiência antes desta a entidade tentou comprar o mesmo a Pedro. Daí essa tendência, essa realização de que o mau uso do mesmo pode trazer forças destrutivas para a experiência.

Nessa experiência sendo a entidade avisada, como ele pediu "Orai para que eu seja perdoado pelo pensamento de que tal poderia ser comprado", ele foi perdoado. Pois como foi indicado, "O que ligares na terra será ligado no céu, o que desligares na terra será desligado no céu."

Aí achamos que a entidade através dessa experiência usou a capacidade concedida através de tal para um maior entendimento, uma maior interpretação.

Pois tudo de Deus que qualquer indivíduo possa conhecer já está dentro de si mesmo. É na aplicação e na prática do mesmo dentro de si mesmo, nas suas relações com os seus desejos, as suas esperanças, os seus medos, e com o seu semelhante. Pois assim como semeardes, haveis de colher.

Antes disso a entidade foi o profeta de Judá que foi enviado a Jeroboão para o avisar, e que trouxe a seca da mão, e também a cura da mesma; contudo desviou-se quando confrontado com aquilo em que a mente disse "Um caminho mais excelente."

Não há atalhos. O que Deus ordenou é verdade. Pois a lei do Senhor é perfeita e converte a alma.

Aqui os pais têm uma verdadeira, verdadeira obrigação. Têm uma verdadeira, verdadeira oportunidade. Vivei no eu de tal modo que as vossas próprias vidas possam ser um exemplo para esta entidade através dos seus anos formativos. Ensinai assim, não deixeis que seja dado a outra pessoa — ensinai assim, pois é a vossa responsabilidade, não a do padre, não a de um professor, não a de um pastor, mas a vossa. Não a adieis. Não negligencieis, ou de outro modo haveis de encontrar o eu novamente.

No treino que comece primeiro com o eu, como com a entidade [4087].

José ele deveria ser chamado. Que o treino comece com o indicado em Êxodo 19:5 — "Se ouvires a voz, Ele tem uma obra especial, uma missão especial para ti — mas deves ouvir a voz interior, para que apresentes o teu corpo como um sacrifício vivo, santo e agradável a Ele, que é o teu culto racional." Pois aqueles que foram chamados, que foram ordenados para ser mensageiros têm a maior responsabilidade; não como um santo — pois há mais alegria no céu por um pecador do que por noventa e nove assim chamados santos, ou aqueles que estão eles próprios satisfeitos com o que fazem.

Depois estudai o interpretado em Romanos. Achareis que não é de outro lugar qualquer, não vem do nada, não vem do outro lado do mar, não vem de diante do altar. Pois o teu corpo é de facto o templo e ali ele pode de facto encontrar o seu Criador. Ali de facto pode ele encontrar-se a si mesmo. Ali de facto pode ele abrir a porta da sua própria consciência para que o Mestre possa andar e falar com ele.

Não desencorajeis, não encorajeis as visões — até que as primeiras lições sejam aprendidas.

Depois haverá as necessidades de que tu, bem como outros, presteis atenção aos avisos que esta entidade possa ser sentada a dar.

Terminámos por agora.

**O Sexto Sentido**

No verão de 1932, foi pedido a Edgar Cayce que fizesse uma série das suas leituras psíquicas sobre o "sexto sentido" como visto durante o estado de sono. Eis essas três leituras exatamente como

foram transcritas e existem hoje nos arquivos da Associação para Investigação e Esclarecimento (A.R.E.) em Virginia Beach, Va.:

TEXTO DA LEITURA 5754-1

Esta leitura psíquica foi dada por Edgar Cayce na sua casa em Arctic Crescent, Virginia Beach, Va., neste dia 14 de julho de 1932, de acordo com o pedido feito por Hugh Lynn Cayce e pelos presentes.

PRESENTES

Edgar Cayce; Gertrude Cayce, Condutora; Gladys Davis, Estenógrafa. Mildred Davis, Edgar Evans Cayce, e Polly, o papagaio. (Também um canário na gaiola)

Hora da Leitura: 16:30

GC: Exporá, por favor, de forma clara e abrangente o material que deve ser apresentado ao público em geral ao explicar exatamente o que ocorre nas forças conscientes, subconscientes e espirituais de uma entidade enquanto no estado conhecido como sono. Responda, por favor, às perguntas que serão feitas relativamente a isto:

EC: Sim. Embora tenha havido muito escrito e falado relativamente às experiências de indivíduos nesse estado chamado sono, só recentemente houve a tentativa de controlar ou formar qualquer ideia definida do que produz condições na mente inconsciente, subconsciente, ou subliminar ou subnormal, por tentativas de produzir um carácter — ou determinar aquilo que produz o carácter — de sonho como tido por um indivíduo ou entidade. Tais experiências podem determinar para algumas mentes questões respeitantes à alegação de algum psiquiatra ou psicanalista e através de tais experiências refutar ou determinar o valor de tais no estudo de certo carácter de perturbações mentais em indivíduos; contudo, pouco disto pode ser chamado verdadeira análise do que acontece ao corpo, quer físico, mental, subconsciente ou espiritual, quando ele se perde em tal repouso. Com certeza, há certas condições definidas que têm lugar respeitantes às forças físicas, conscientes e subconscientes, bem como espirituais de um corpo. Assim, ao analisar tal estado para uma compreensão abrangente, todas as coisas pertencentes a estes vários fatores devem ser consideradas.

Primeiro, diríamos, o sono é uma sombra de, essa interrupção nas experiências da terra de, esse estado chamado morte; pois a consciência física torna-se inconsciente das condições existentes, salvo como são determinadas pelos atributos do físico que participam dos atributos das forças imaginativas ou subconscientes e inconscientes desse mesmo corpo; isto é, num sono normal (ponto de vista físico em que estamos a raciocinar agora) os sentidos estão de guarda, por assim dizer, de modo que as forças auditivas são aquelas que são as mais sensíveis.

Sendo o sentido auditivo dos atributos ou sentidos que são mais universais em aspeto, quando a matéria na sua evolução se tornou consciente de si mesma sendo capaz de tirar daquilo ao seu redor para se sustentar no seu estado presente. Isto é desde o mais baixo ao mais elevado dos objetos ou seres animados. Da mais baixa evolução à mais elevada, ou ao homem.

Assim, então, achamos que restam o que é ordinariamente conhecido como quatro outros atributos que estão a atuar de forma independente e coordenadamente em consciência para que um corpo físico esteja consciente. Estes, no estado de sono ou repouso, ou descanso, ou exaustão, ou induzido por qualquer influência do exterior, tornaram-se inconscientes daquilo que está a ter lugar ao redor do objeto assim a descansar.

Depois, há o efeito que é tido sobre o corpo quanto ao que se torna, então, mais consciente para esses atributos do corpo que não estão conscientes daquele existente ao seu redor, ou dele. Os órgãos que são dessa porção conhecida como inativa, ou não necessária para o movimento consciente, continuam com o seu funcionamento — como as pulsações, o batimento cardíaco, o sistema assimilativo e excretor, continuam a funcionar; contudo há períodos durante tal descanso em que até o coração, a circulação, se pode dizer que estão em repouso.

O que é, então, isso que não está em ação durante tal período? Isso conhecido como o sentido de perceção como relacionado com o cérebro físico. Daí poder dizer-se verdadeiramente, pela analogia daquilo dado, que o sentido auditivo está subdividido, e há o ato de

ouvir pelo tato, o ato de ouvir pelo sentido do olfato, o ato de ouvir por todos os sentidos que são independentes dos próprios centros cerebrais, mas são antes dos centros linfáticos — ou através de todo o sistema simpático há um tal acordo como para estar mais consciente, mais agudo, mesmo embora o corpo físico e cérebro físico estejam em repouso, ou inconscientes.

De que participa, então, este sexto sentido, que tem tanto a ver com as atividades da entidade por essas ações que podem ser trazidas por aquilo que passa dentro do alcance sensorial de uma entidade quando em repouso, que podem ser chamadas — nas suas várias considerações ou fases — experiências de algo dentro dessa entidade, como um sonho — que pode ser ou *in toto* para aquilo que está para acontecer, está a acontecer, ou pode apenas ser apresentado em alguma forma que é emblemática — para o corpo ou aqueles que interpretariam tal.

Estes, então — ou este, então —, o sexto sentido, como pode ser denominado para consideração aqui, participa da entidade acompanhante que está sempre de guarda diante do próprio trono do Criador, e é isso que pode ser treinado ou submerso, ou deixado à sua própria iniciativa até que faça ou guerra com o eu em alguma maneira de expressão — que deve mostrar-se num mundo material como em doença, ou indisposição, ou temperamento, ou aquilo a que chamamos tristeza, ou mau humor, ou qualquer forma que possa receber quer no estado desperto quer no estado de sono, que permitiu ao cérebro na sua atividade tornar-se tão mudado ou alterado como para responder muito da maneira como faz uma corda afinada que vibra a certo som na maneira em que está esticada ou tocada.

Então, descobrimos que este sentido que governa tal coisa é aquilo que pode ser conhecido como o outro eu da entidade, ou indivíduo. Daí que encontremos que deve haver alguma linha definida que pode ser tomada por esse outro eu, e muito do que então foi concedido — ou registado — quanto àquilo que pode produzir certos efeitos dados nas mentes ou corpos (não as mentes, com certeza, pois as suas forças ativas estão sobre aquilo que está fora daquilo em que a mente, como é vulgarmente conhecida, ou os próprios centros cerebrais, funcionam), mas — como pode ser visto por toda essa

experimentação, estes podem ser produzidos — o mesmo efeito — sobre o mesmo indivíduo, mas não produzem o mesmo efeito sobre um indivíduo diferente no mesmo ambiente ou sob a mesma circunstância. Então, isto deveria levar alguém a saber, a compreender, que há uma ligação definida entre o que escolhemos denominar de sexto sentido, ou atuando através das forças auditivas do corpo físico, e o outro eu dentro de si mesmo.

No aspeto puramente físico, descobrimos que no sono o corpo está relaxado — e há pouca ou nenhuma tensão dentro dele, e aquelas atividades que funcionam através dos órgãos que estão sob a supervisão do eu subconsciente ou inconsciente, através das atividades involuntárias de um organismo que foi colocado em movimento por esse impulso que recebeu da força da sua primeira célula germinativa, e a sua atividade pela união dessas forças que foram impelidas ou nas quais atuou aquilo de que se alimentou em todos os seus esforços e atividades que surgem, então pode ser visto que estas podem ser mostradas pela devida consideração — que o mesmo corpo alimentado com carnes, e por um período — depois o mesmo corpo alimentado apenas com ervas e frutas — não teria o mesmo caráter ou atividade do outro eu na sua relação com isso, como seria experienciado pelo outro eu na sua atividade através daquilo a que se chama o eu do sonho.

Terminámos por agora.

TEXTO DA LEITURA 5754-2

Esta leitura psíquica foi dada por Edgar Cayce na sua casa em Arctic Crescent, Virginia Beach, Va., neste dia 15 de julho de 1932, de acordo com o pedido feito pelos presentes.

PRESENTES

Edgar Cayce; Gertrude Cayce, Condutora; Gladys Davis, Estenógrafa. Mildred Davis.

LEITURA

Hora da Leitura: 11:30

EC: Agora, com aquilo que acabou de ser dado, de que existe uma força ativa dentro de cada indivíduo que funciona à maneira de um sentido quando o corpo físico está em sono, repouso ou descanso, delinearíamos então quais são as funções disto a que escolhemos chamar um sexto sentido.

Que relação tem com os cinco sentidos normais fisicamente reconhecidos de um corpo fisicamente consciente? Se estes estiverem ativos, que relação têm com este sexto sentido?

Muitas palavras têm sido usadas na tentativa de descrever o que é a entidade espiritual de um corpo, e que relações este espírito ou alma tem com ou para com as forças ativas dentro de um corpo normal físico. Alguns escolheram chamar a isto o corpo cósmico, e ao corpo cósmico como um sentido na consciência universal, ou aquela porção do mesmo que é uma parte de, ou esse corpo com o qual o indivíduo, ou homem, está revestido no seu advento ao plano material.

Estas estão corretas em muitos aspetos, contudo pela sua própria classificação, ou por chamá-las por nomes para designar as suas faculdades ou funcionamentos, foram limitadas em muitos aspetos.

Mas que relação tem este sexto sentido (como foi denominado no que foi apresentado) com este corpo da alma, com esta consciência cósmica? Que relação tem com as faculdades e funcionamentos da mente física normal? Qual deve ser treinado? O sexto sentido? Ou deve o corpo ser treinado nos seus outros funcionamentos de acordo com os ditames do sexto sentido?

Naquilo que foi apresentado, descobrimos que isto foi denominado, que esta capacidade ou este funcionamento — que está tão ativo quando a consciência física é posta de lado — ou, como foi denominado por algum poeta, quando o corpo descansa nos braços de Morfeu — está possivelmente mais próximo daquilo que pode ser compreensível por ou para muitos; pois, como foi dado, esta atividade — como se vê — de uma mente, ou de um atributo da mente na atividade física — deixa uma impressão definida.

Sobre o quê? As atividades mentais do corpo, ou sobre a porção subconsciente do corpo (a qual, denominou-se que, nunca esquece),

sobre a essência espiritual do corpo, ou sobre a própria alma? Estas são perguntas, não afirmações!

Para compreender, então, apresentemos ilustrações como um padrão, para que possa haver compreensão daquilo que está a ser apresentado:

A atividade, ou esta atividade do sexto sentido, é o poder ou força ativadora do outro eu. Qual outro eu? Aquele que foi construído pela entidade ou corpo, ou alma, através das suas experiências como um todo no mundo material e cósmico, veem? Ou é como uma faculdade do próprio corpo da alma. Daí que, como na ilustração dada, se o subconsciente der a conhecer a esta força ativa quando o corpo está em repouso, ou a este sexto sentido, alguma ação da parte de si mesmo ou de outro que esteja em desacordo com aquilo que foi construído por esse outro eu, então este é o guerrear de condições ou emoções dentro de um indivíduo. Daí podermos descobrir que um indivíduo pode adormecer com tristeza e acordar com um sentimento de exaltação. O que teve lugar? Nós possivelmente poderemos então compreender do que estamos a falar. Houve, e sempre que a consciência física está em repouso, o outro eu comunga com a alma do corpo, veem? Ou sai para esse reino de experiência nas relações de todas as experiências dessa entidade que possam ter existido ao longo dos éones de tempo, ou em correlação com aquilo que ela, essa entidade, aceitou como seu critério ou padrão de julgamentos, ou justiça, dentro da sua esfera de atividade.

Daí, através de tal associação no sono pode ter vindo essa paz, essa compreensão, que é concedida por aquilo que foi correlacionado através dessa passagem dos eus de um corpo no sono. Daí descobrirmos que os indivíduos mais orientados para o espiritual são mais facilmente apaziguados, em paz, harmonia, num estado ativo normal bem como no sono. Porquê? Eles colocaram perante si mesmos (agora estamos a falar de um indivíduo!) que esse é um critério em que se pode confiar totalmente, pois aquilo de onde uma entidade ou alma brotou é o seu conceito, a sua perceção, das forças divinas ou criativas dentro da sua experiência. Daí que aqueles que nomearam o Nome do Filho tenham colocado a sua confiança n'Ele. Ele é o seu padrão, o seu modelo, a sua esperança, a sua atividade. Daí

vermos como essa ação através de tal sono, ou desse aquietamento ao ponto de entrar no silêncio — o que queremos dizer com entrar no silêncio? Entrar na presença daquilo que é o critério dos eus de uma entidade!

Por outro lado, muitas vezes descobrimos que alguém se pode deitar com um sentimento de exaltação, ou paz, e acordar com um sentimento de depressão, de distanciamento, de estar só, de estar sem esperança, ou de o medo entrar, e o corpo físico acorda com essa depressão que se manifesta como de espíritos em baixo, como é denominado, ou de frieza, arrepios pelo corpo, nas expressões das forças. O que teve lugar? Uma comparação nesses «braços de Morfeu», nesse silêncio, nessa relação em que o eu físico não tem consciência dessas comparações entre a alma e as suas experiências desse período com as experiências de si mesma ao longo das eras, e a experiência pode não ter sido lembrada como um sonho — mas ela continua a viver — e continuará, e deve encontrar a sua expressão nas relações de tudo o que experienciou em qualquer esfera de atividade em que se possa ter encontrado.

Daí encontrarmos muitas vezes circunstâncias individuais onde um indivíduo orientado para o espiritual no plano material (isto é, pelas aparências exteriores dos indivíduos que assim o veem) a sofrer frequentemente com dor, doença, tristeza e afins. O que tem lugar? As experiências da alma estão a encontrar aquilo que ela mereceu, para o esclarecimento das associações de si mesma com aquilo que tiver sido estabelecido como seu ideal. Se alguém se colocou em oposição àquilo que é o amor como manifestado pelo Criador, na sua atividade trazida ao plano material, então deve haver um guerrear contínuo — contínuo — desses elementos. Pela comparação podemos encontrar, então, como é que essa energia da criação manifestada no Filho — pelas atividades do Filho no plano material, pôde dizer «Ele dorme», enquanto para o olhar exterior era a morte; pois Ele era — e é — e para sempre será — Vida e Morte em um; pois, ao encontrarmo-nos na Sua presença, aquilo que construímos na alma contribui para essa condenação ou para esse agrado da presença disso na Sua presença. Por isso, meu filho, deixa que as tuas luzes estejam n'Ele, pois estas são as maneiras através das quais todos podem chegar a uma

compreensão das atividades; pois, como foi dado, «Fui arrebatado no Espírito no dia do Senhor.» «Fui arrebatado até ao sétimo céu. Se eu estava no corpo ou fora do corpo, não posso dizer.» O que estava a ter lugar? A subjugação dos atributos físicos de acordo e em sintonia com a sua força infinita como estabelecida como o seu ideal trouxe a essa alma, «Bem está, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor.» «Aquele que quiser ser o maior entre vós —» Não como os gentios, não como os pagãos, não como os escribas ou fariseus, mas «Aquele que quiser ser o maior será o servo de todos.»

O que tem isto, então, a ver — perguntam — com o tema do sono? O sono — esse período em que a alma faz o balanço daquilo em que atuou durante o intervalo de um período de descanso para outro, fazendo ou extraindo — por assim dizer — as comparações que contribuem para a própria Vida na sua essência, quanto à harmonia, paz, alegria, amor, longanimidade, paciência, amor fraterno, bondade — estes são os frutos do Espírito. O ódio, as palavras duras, os pensamentos rudes, as opressões e afins, estes são os frutos das forças do mal, ou de Satanás e a alma ou abomina aquilo por que passou, ou entra no gozo do seu Senhor.

Daí vermos as atividades do mesmo. Esta é uma essência daquilo que é intuitivo nas forças ativas. Por que deveria isto ser assim numa porção, ou numa parte de um corpo, em vez de noutra? Como recebeu a mulher a sua consciência? Através do sono do homem! Daí que a intuição seja um atributo daquilo que foi tornado consciente através da supressão dessas forças daquilo de onde brotou, contudo dotada de todas aquelas capacidades e forças do seu Criador que contribuíram para que a mesma tivesse a sua atividade num mundo consciente, ou — se escolhermos denominá-lo assim — um mundo tridimensional, um mundo material, onde os seus seres devem ver uma materialização para tomarem consciência da sua existência nesse plano; contudo, todos têm consciência de que a essência da própria Vida, como o ar que é respirado — transporta esses elementos que não têm consciência consciente de qualquer existência para o corpo, contudo o corpo subsiste, vive deles. No sono todas as coisas se tornam possíveis, como quando alguém dá por si a voar pelo espaço, a ser erguido, ou a ser perseguido, ou o que quer que seja, por essas mesmíssimas coisas

que contribuem para uma comparação daquilo que foi construído pela própria alma do próprio corpo.

O que é, então, o sexto sentido? Não a alma, não a mente consciente, não a mente subconsciente, não apenas a intuição, nem qualquer dessas forças cósmicas — mas a própria força ou atividade da alma na sua experiência através de qualquer que tenha sido a experiência da própria alma. Veem? Do mesmo modo que diríamos, a mente do corpo é o corpo? Não! É o sexto sentido, então, a alma? Não! Não mais do que a mente é o corpo! Pois a alma é o corpo de, ou a essência espiritual de, uma entidade manifestada neste plano material.

Terminámos por agora.

TEXTO DA LEITURA 5754-3

Esta leitura psíquica foi dada por Edgar Cayce na sua casa em Arctic Crescent, Virginia Beach, Va., neste dia 15 de julho de 1932, de acordo com o pedido feito pelos presentes.

PRESENTES

Edgar Cayce; Gertrude Cayce, Condutora; Gladys Davis, Estenógrafa. Mildred Davis.

LEITURA

Hora da Leitura: 16:45

EC: Sim, temos aquilo que foi dado aqui. Agora, como temos essa condição que existe com o corpo e este funcionamento, ou este sentido, ou esta capacidade do sono e sentido, ou um sexto sentido, exatamente de que forma, como, pode este conhecimento ser usado em proveito para o desenvolvimento de um indivíduo em direção àquilo que ele alcançaria?

Quanto a como pode ser usado, então, depende de qual é o ideal desse indivíduo; pois, como foi tão bem salientado nas Sagradas Escrituras, se o ideal do indivíduo se perde, então as capacidades para essa faculdade ou para esse sentido de um indivíduo contactar as forças espirituais perdem-se gradualmente, ou constroem-se barreiras

que impedem que isto seja um sentir da proximidade de um indivíduo de um desenvolvimento espiritual.

Quanto àqueles que estão mais perto do reino espiritual, as suas visões, sonhos e afins, são mais frequentes — e são mais frequentemente retidos pelo indivíduo; pois, como se vê como uma primeira lei, é a preservação de si mesmo. Assim o eu raramente deseja condenar o eu, exceto quando os eus estão a guerrear uns com os outros, tal como estão os elementos dentro de um corpo quando se come daquilo que produz o que é denominado um pesadelo — eles estão a guerrear com os sentidos do corpo, e partilham quer dessas coisas que metem medo, quer produzem visões da natureza ao partilharem dos elementos que são ingeridos no sistema, e ativados dentro do mesmo. Estes podem ser dados como exemplos daquilo de que se trata.

Então, como pode isto ser usado para desenvolver um corpo na sua relação com as forças materiais, mentais e espirituais?

Quer o corpo deseje ou não, no sono a consciência física é posta de lado. Quanto àquilo que vai procurar, depende daquilo que foi construído como sendo aquilo a que se associaria, física, mental e espiritualmente, e quanto mais estreita for a associação na mente mental nas forças físicas, nos atributos físicos, com os elementos espirituais, então — como tem sido visto até por aqueles que tentam produzir um certo caráter de visão ou sonho — estes seguem muito por aí; pois outra lei que é universal torna-se ativa! O semelhante atrai o semelhante! Aquilo que é semeado em honra é colhido em glória. Aquilo que é semeado em corrupção não pode ser colhido em glória; e os gostos são associações que são as companheiras daquilo que foi construído; pois tais experiências como sonhos, visões e afins, não são senão as atividades no mundo invisível do verdadeiro eu de uma entidade.

Pronto para perguntas.

(P) Como se pode treinar o sexto sentido?

(R) Isto acabou de ser dado; aquilo que é constantemente associado na visão mental nas forças imaginativas, aquilo que é constantemente associado aos sentidos do corpo, em direção a isso se

desenvolverá. O que é aquilo que é e pode ser procurado? Quando sob stresse, muitos indivíduos — não há indivíduos que não tenham nalguma altura sido avisados no que respeita àquilo que possa surgir na sua experiência diária ou física! Prestaram atenção? Prestam atenção àquilo que pode ser dado como conselho? Não! Tem de ser experienciado!

(P) Como pode alguém ser constantemente guiado pela entidade acompanhante de guarda no Trono?

(R) Ela está lá! Depende de se eles desejam ou não! Não se vai embora, mas é a força ativa. Quanto à sua capacidade de sentir as variações nas experiências que são vistas, é como foi dado na ilustração — «Se estava no corpo ou fora do corpo, não posso dizer.» Daí que este sentido seja essa capacidade da entidade de associar o seu eu físico, mental ou espiritual a esse reino que ela, a entidade, ou a mente da alma, procura para sua associação durante tais períodos — veem? Isto pode confundir alguns, pois — como foi dado — o subconsciente e o anormal, ou o consciente inconsciente, é a mente da alma; isto é, o sentido em que isto é usado, sendo que esse eu subconsciente ou subliminar que está sempre de guarda com o próprio Trono; pois não foi dito:

«Ele deu ordens aos seus anjos a teu respeito, para que em momento algum tropeces com o teu pé nalguma pedra»? Prestaste atenção? Então Ele está perto. Desdenhaste? Ele retirou-se para o teu próprio eu, veem? Esse eu que foi construído, esse que é como o companheiro, que deve ser apresentado — que é apresentado — está perante o próprio Trono! A consciência — a consciência física — vejam — o homem procura isto para o seu próprio divertimento. No sono a alma procura o verdadeiro divertimento, ou a verdadeira atividade do eu.

(P) O que governa as experiências do corpo astral enquanto está no plano quadridimensional durante o sono?

(R) Isto é, como foi dado, aquilo de que se alimentou. Aquilo que construiu; aquilo que procura; aquilo que a mente mental, a mente subconsciente, a mente subliminar, procura! Isso governa. Então chegamos a uma compreensão daquilo: «Aquele que quer encontrar

deve procurar.» No físico ou material compreendemos isto. Esse é um padrão do eu subliminar ou espiritual.

(P) Que estado ou tendência de desenvolvimento é indicado se um indivíduo não se lembra dos sonhos?

(R) A negligência das suas associações, tanto físicas, mentais como espirituais. Indica uma personagem muito negligenciável!

(P) Sonha-se continuamente, mas falha-se simplesmente na lembrança consciente?

(R) Continua uma associação ou retira-se daquilo que é o seu direito, ou a sua capacidade de se associar! Não há diferença no mundo invisível em relação àquele que é visível, exceto que no invisível se pode cobrir uma extensão ou espaço muito maior! Deseja-se sempre a associação com os outros?

Os indivíduos procuram sempre companhia neste ou naquele período das suas experiências em cada dia? Eles isolam-se? Esse desejo jaz ou prossegue! Veem? É uma experiência natural! Não é algo antinatural! Não procurem pelo antinatural ou sobrenatural! É o natural — é a natureza — é a atividade de Deus! As suas associações com o homem. O seu desejo de criar para o homem um caminho para a compreensão! Vê-se ou compreende-se plenamente essa ilustração que foi dada do Filho do homem, de que enquanto aqueles que estavam no barco tinham medo por causa dos elementos, o Mestre do mar, dos elementos, dormia? Que associações poderão ter havido com esse sono? Terá sido uma retirada natural? Contudo, quando interpelado, o mar e os ventos obedeceram à Sua voz. Podes fazer tal como Ele, se te tornares consciente — quer seja essa consciência através da capacidade dessas forças dentro de ti para comunicar com, compreender, esses elementos da vida espiritual no consciente e no inconsciente, que estes sejam um só!

(P) É possível para uma mente consciente sonhar enquanto o corpo astral ou espiritual está ausente?

(R) Pode haver sonhos. (Há uma divisão aqui.) Uma mente consciente, enquanto o corpo está ausente, é como a capacidade de se

dividir a si mesmo e fazer duas coisas ao mesmo tempo, como se vê pelas atividades da mente mental.

A capacidade de ler música e tocar é usar diferentes faculdades da mesma mente. Diferentes porções da mesma consciência. Então, que uma faculdade funcione enquanto outra está a funcionar numa direção diferente não é apenas possível como provável, dependendo da capacidade do indivíduo de se concentrar, ou de centralizar nos seus vários lugares esses funcionamentos que são manifestos das forças espirituais no plano material. Lindo, não é?

(P) Que ligação há entre a mente física ou consciente e o corpo espiritual durante o sono ou durante uma experiência astral?

(R) É como foi dado, esse sentir! Com o quê? Esse sentido separado, ou a capacidade de dormir, que contribui para a acuidade com essas forças no ser físico que se manifestam em tudo o que é animado. Como o desabrochar da rosa, a vivificação no ventre, o brotar do grão, o despertar em toda a natureza daquilo que foi estabelecido pelas forças divinas, para consciencializar a sua presença na matéria, ou coisas materiais.

Terminámos por agora.

De acordo com os ensinamentos de Cayce, saber como algo pode ser desenvolvido é bastante diferente de aplicar esse conhecimento na vida diária e de ganhar experiência com cada aplicação. Cayce ensinou que é no fazer que surge a compreensão. Se queremos uma perceção mais ampla da realidade, então devemos praticar tal perceção de pequenas maneiras todos os dias, passo a passo, um pouco aqui e um pouco ali, até que se torne a nossa consciência natural.